



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA – PPGSCA

PEIXEIROS DA FEIRA MANAUS MODERNA:
Elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional

SORAYA DE OLIVEIRA LIMA

MANAUS-AM
2019

SORAYA DE OLIVEIRA LIMA

**PEIXEIROS DA FEIRA MANAUS MODERNA:
Elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM), como exigência para o Exame defesa de Doutorado. Linha de Pesquisa 1 – Sistemas Simbólicos e Manifestações Culturais.

Orientadora: Profa. Dra. Artemis de Araújo Soares

**MANAUS
2019**

SORAYA DE OLIVEIRA LIMA

**PEIXEIROS DA FEIRA MANAUS MODERNA:
Elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação e Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/UFAM), como exigência para defesa de Doutorado. Linha de Pesquisa 1 – Sistemas Simbólicos e Manifestações Culturais.

Aprovada em 27 de março de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Artemis de Araújo Soares
Presidente

Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos
Membro - UFAM

Profa. Dra. Fátima Weiss de Jesus
Membro - UFAM

Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros Zago
Membro - UFAM

Prof. Dr. Bianor Saraiva Nogueira Júnior
Membro Externo - UEA

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lima, Soraya de Oliveira
L732p Peixeiros da Feira Manaus Moderna : Elementos da corporeidade
evidenciados na prática profissional / Soraya de Oliveira Lima. 2019
222 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Profa. Dra. Artemis de Araújo Soares
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. corpo e corporeidade. 2. peixeiros. 3. feira Manaus Moderna. 4.
feira . 5. moderna. I. Soares, Profa. Dra. Artemis de Araújo II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICATÓRIA

Dedico a Tese às pessoas especiais nessa trajetória: Meus filhos Diego e Brenda Sarah, meu esposo Nilson, à minha cunhada Marivalda, à minha mãe, aos meus amigos e ao meu pai Braz Chaves de Lima (in memoriam), um grande peixeiro, que incentivou meus estudos e meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A construção de um estudo de Tese é tão ou mais importante que a sua finalização, embora seja grande a alegria e a satisfação pelo cumprimento da tarefa, considero que a escrita de um estudo de doutorado seja uma das atividades mais solitárias e ao mesmo tempo torna-se uma atividade coletiva, porque trata de um processo resultante de várias mãos. Umas mais próximas, outras mais distantes, mas todos presentes de uma forma ou de outra.

“Gratidão não é apenas a mais rica das virtudes, mas sim a mãe de todas as outras”. Com a citação do filósofo grego Cícero, quero externar minha gratidão, àqueles que torceram por mim até a conclusão do meu estudo.

Inicialmente agradeço a Deus, sobretudo porque todo conhecimento é oriundo do amor zeloso do Pai. Aos meus filhos Diego e Brenda Sarah Maquiné, que foram compreensivos, amorosos e carinhosos sempre! E Brenda Sarah, que mesmo à distância, sempre esteve comigo, portanto, estamos próximas de coração. Ao Nilson Maquiné, meu esposo, pelo apoio e incentivo constantes; durante toda jornada você esteve comigo dando-me motivação necessária para o enfrentamento dos obstáculos, inclusive na etapa da finalização da Tese, período em que estive doente.

Agradeço minha cunhada Marivalda Maquiné, pelo seu incentivo, conselhos, pela força que sempre me deu e por acreditar que por meio do esforço e estudo, eu cumpriria essa etapa. Tenho certeza que tudo que faz por mim é expressão de amor, cuidado e compreensão.

À minha mãe, que, com paciência e cuidado, demonstra que não devemos deixar de acreditar em nossos sonhos. E ao meu pai, (*in memoriam*) que durante os momentos que esteve conosco incentivou-nos sobre a importância de aprender.

Meu registro mais do que especial é dirigido à minha amiga e comadre, a linda Joyce Karoline Pontes: companheira desde mestrado, você representa força, motivação e o apoio; quantas vezes trocamos ideias, alegrias e celebramos nossas conquistas; e apesar dos momentos em que ficou triste devido o impacto na saúde da pequena e doce Mariah Karoline, você deu-me apoio e incentivo. Obrigada de coração pela grande pessoa que és! Com você, divido esta vitória!

Quero expressar agradecimento à professora Dra. Artemis de Araújo Soares, minha orientadora em adentrar no tema da corporeidade, possibilitando o diálogo interdisciplinar, que em muito contribuíram com minha formação.

Estendo os agradecimentos aos professores que ministraram as disciplinas obrigatórias e eletivas e que nos revelaram a riqueza e a importância sobre pensamento social da Amazônia; os estudos, as indicações de leituras e os debates foram muito enriquecedores. Deixo meu especial agradecimento à professora Dra. Elenise Scherer, que contribuiu com meu trabalho no tocante aos aspectos das feiras.

Quanto ao campo da pesquisa, em muito agradeço os peixeiros que aceitaram participar das entrevistas e permitiram fazê-las durante o turno de trabalho. Pelo fato de preservar a identidade dos entrevistados, não posso nomear a cada um deles, mas mesmo assim, sou muito grata a eles, pela disponibilidade de falarem sobre aspectos do seu corpo e à relação com seu trabalho, que permitiu a pesquisa sobre elementos da corporeidade. Obrigada mais uma vez!

Estendo meu gentil agradecimento aos professores e professoras da banca examinadora, por aceitarem participar dessa avaliação, que muito contribuíram para melhoria do meu estudo. Agradeço gentilmente o apoio institucional da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) por meio do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, que me oportunizaram o ingresso no universo da pesquisa e do conhecimento científico; e porque me que favoreceram - por meio do convênio CAPES - a concessão de uma bolsa de estudo, muito importante para os processos e finalização da pesquisa.

À Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED) e à Secretaria Estadual de Educação de Manaus (SEDUC) por terem me liberado de minhas atividades e dedicar-me à pesquisa e concluir meu o estudo de Tese. Enfim, agradeço a todos que de uma forma ou de outra contribuíram nessa trajetória, que certamente modificaram minha pessoa, meus conhecimentos, possibilitando trilhar novos caminhos. Sentirei saudades irreparáveis!

EPÍGRAFE

A alma é aquilo que anima o corpo, mas está plenamente integrada a ele. O movimento, qualquer movimento físico, é feito pelo corpo, mas possibilitado pela ação da alma; da mesma maneira, o pensamento é faculdade da alma, mas só pensamos porque somos corpóreos. (ARISTÓTELES).

RESUMO

A pesquisa trata de um estudo de Tese sobre a corporeidade dos peixeiros que atuam na Feira Coronel Jorge Teixeira, conhecida como Feira Manaus Moderna, localizada na zona Centro-Sul da cidade de Manaus-AM. Tendo como pano de fundo o ambiente da feira, compreende-se que a profissão dos peixeiros pertence a um dos segmentos daquele comércio, que contribui para a economia da capital. Nessa direção, justifica-se o presente estudo, devido possibilitar o reconhecimento dos elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional desses sujeitos, bem como os processos de produção e mobilização de seus saberes. Nesse sentido, evidenciar a corporeidade dos peixeiros, é compreender como esses sujeitos realizam seu trabalho; é, sobretudo demonstrar que as atividades laborais manifestam-se em seus movimentos, uma vez que apresentam práticas, habilidades e técnicas refletidas em seus corpos. Portanto, este estudo buscou analisar e descrever como o trabalho desenvolvido pelos peixeiros demonstra a prática corporal e identifica sua corporeidade, uma vez que incluem aspectos estéticos, visual e tátil. A pesquisa é baseada no procedimento metodológico de natureza qualitativa e com abordagem e etnográfica, tendo a pesquisadora realizado entrevistas semiestruturadas. Foram utilizados, além das leituras e o estudo para contemplar o embasamento teórico, registros, observação *in loco*, além do questionário como instrumentos metodológicos fundamentados sobre corpo e a corporeidade, uma forma de evidenciar os elementos da corporeidade na vida dos peixeiros, sujeitos da pesquisa .

Palavras-Chave: Corpo e Corporeidade; Peixeiros; Feira Manaus Moderna. .

ABSTRACT

The research deals with a thesis study about the corporeity of the fishermen who work in the Coronel Jorge Teixeira Fair, known as the Manaus Moderna Fair, located in the Center-South zone of the city of Manaus-Am. Against the background of the fair, it is understood that the profession of fishmen belongs to one of the segments of that trade, which contributes to the economy of the capital. In this direction, the present study is justified, because it allows the recognition of the elements of the corporeity evidenced in the professional practice of these subjects, as well as the processes of production and mobilization of their knowledge. In this sense, to demonstrate the corporeity of the fishmen, is to understand how these subjects perform their work; it is above all to demonstrate that work activities manifest themselves in their movements, since they present practices, skills and techniques reflected in their bodies. Therefore, this study sought to analyze and describe how the work developed by fishmongers demonstrates body practice and identifies its corporeity, since they include aesthetic, visual and tactile aspects. The research is based on the methodological procedure of nature and with a qualitative and ethnographic approach, where the researcher conducted semi-structured interviews. In addition to the reading and the study to contemplate the theoretical basis, records, in loco observation, besides the questionnaire as methodological instruments based on body and body, a way of evidencing the corporeal elements of the fishmongers

Keywords: *Body and Corporeity; Peixeiros; Manaus Modern Fair.*

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CMM- CÂMARA MUNICIPAL DE MANAUS

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

PIB - PRODUTO INTERNO BRUTO

SEDUC - SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS

SEMAF - SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSUNTOS FEDERATIVOS

SEMED - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS

SEMULSP - SECRETARIA MUNICIPAL DE LIMPEZA PÚBLICA

SUBSEMPAB - SUBSECRETARIA MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO, FEIRAS E
MERCADOS

TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UFAM - UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

ZFM - ZONA FRANCA DE MANAUS

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mapa da cidade de Manaus e vista aérea da cidade.....	65
Imagem 2 - seta para mostrar produtos expostos nos carros de mão	75
Imagens 3 e 4 - Fluxo de pessoas entre os vendedores ambulantes.....	75
Imagens 5 e 6 - Barcos atracados na orla da Manaus Moderna- cheia.....	80
Imagem 7 - Carga e descarga dos produtos que chegam e saem dos barcos atracados na orla da Manaus Moderna	81
Imagem 8 - Barco atracados na orla da Manaus Moderna- seca	82
Imagem 8.1 - Feira da Banana, Feira Manaus Moderna, estacionamento e pista lateral da Manaus Moderna, denominada avenida Lourenço Braga.....	83
Imagem 9 - Estacionamento	84
Imagem 10 - Vaga para idosos	85
Imagem 11 - Espaço destinado aos carreteiros.....	85
Imagem 12 - Vista da Feira Manaus Moderna.....	86
.....	94
Imagem 13 – Feira Cel. Jorge Teixeira (Feira Manaus Moderna) croqui da distribuição dos boxes da feira -2000	95
Imagem 14 -Feira Cel. Jorge Teixeira (Manaus Moderna) Croqui Do Setor Do Peixe	97
Imagem 15 - Vista do portão A entrada para setor do peixe.....	98
Imagem 16 - vista do portão A entrada para setor do peixe- pedestres , carros e vendedores ambulantes.	99
Imagens 17 e 18 - vista dos portões B e C	99
Imagens 19 a 21 - Última reforma da feira Manaus Moderna.....	101
Imagens 22 a 30 – Placas para orientação.....	102
Imagens 31 e 32 - Venda de produtos naturais, raízes de plantas que são utilizados para remédios e outros.....	106
Imagens 33 e 34 - venda de pepinos, cheiro-verde, limão, pimenta e outros.	108
Imagem 35 - Box contendo frutas, verduras	109
Imagem 36 - Box contendo venda de farinha e de carnes.....	109
Imagem 37 - Box contendo balança digital, câmara frigorifica e venda de carnes e frango	110

Imagem 38 – Apresentação da fachada atual.....	114
Imagem 39 - Manta do pirarucu.	119
Imagem 40 - Enfiada de peixes	121
Imagens 41 e 42 - instrumentos que utilizam para tratar o pescado.	122
.Imagem 43 - Peixeiro molhando os peixes	123
Imagem 44- Luzes acessas	126
Imagens 45 e 46 - Processo para tratar o peixe	127
Imagens 47 e 48- Processo para tratar o peixe.	127
Imagem 49– Soltando a carne e as espinhas	128
Imagem 50 - Sequência para tratar o peixe	128
Imagem 51 - Manuseio do peixe para corte	131
Imagem 52 - Técnica para retirada das vísceras do peixe.....	132
Imagem 53 - Poissonnier sur le marché Richard Len	135
Imagens 54 a 58 - Técnicas da ferramenta –corpo dos peixeiros ao tratarem os pescados.	176
Imagem 59 - Peixeiros sentados ou deitados no balcão de exposição e venda dos peixes.....	178
Imagem 60 - Instrumento de trabalho cortante –faca.....	181
Imagem 61- Peixeiro organizando os peixes em cima da banca	186

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – PIB Manaus	64
Mapa 2- Zonas e bairros mais populosos da capital do Amazonas-Cidade de Manaus.....	66
Mapa 3 – Área Portuária de Manaus	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Legenda da visão área da Manaus Moderna 83

Tabela 2 - Corporeidade dos Peixeiros 167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Zonas das Feiras e Mercados em Manaus	93
Gráfico 2 – Total de Feiras e Mercados em Manaus	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO I - O CAMPO DA PESQUISA E A PESQUISA DE CAMPO	36
1.1. O campo da pesquisa	36
1.2. A entrada na feira Manaus Moderna	42
1.3. As entrevistas	46
1.4. Sujeito da Pesquisa: o peixeiro da Feira Manaus Moderna	51
CAPÍTULO II- A CIDADE E AS FEIRAS: contexto das feiras no centro de Manaus-Amazonas	62
2.1. Manaus Moderna: um cotidiano de diversidades	62
2.2. O caminho até a feira Manaus Moderna	73
2.3. Feira Manaus Moderna: conhecer para saber	87
2.4. A Feira Manaus Moderna e a venda do peixe	115
CAPÍTULO III – O CORPO DO PEIXEIRO DA FEIRA MANAUS MODERNA	137
3.1. Corporeidade: perspectivas teóricas	137
3.2. Corporeidade e o trabalho do peixeiro	153
3.3. O corpo do peixeiro como ferramenta do trabalho	168
3.4. A performance do peixeiro e a venda do peixe	183
CONSIDERAÇÕES	194
REFERÊNCIAS	201
ANEXO A – Termo de Anuência	217
ANEXO B – Roteiro de Entrevista da Pesquisa	218
ANEXO C – TCLE	22119

INTRODUÇÃO

A Tese de doutoramento apresentada trata de um estudo sobre a corporeidade dos peixeiros durante a prática corporal no trabalho. Tendo como cenário da pesquisa a feira Coronel Jorge Teixeira, popularmente conhecida como feira Manaus Moderna, na cidade de Manaus-AM, consideramos que esse local contribui com a prática corporal na profissão de peixeiros, uma das formas de demonstrar que as atividades laborais desses trabalhadores manifestam-se em seus movimentos corporais.

Ao identificarmos elementos da corporeidade dos peixeiros foi possível conhecer e descrever como os movimentos de seus corpos influenciam nas habilidades físicas, atitudinais, visuais e táteis no momento que tratam e vendem os pescados, haja vista que o corpo desses sujeitos se torna uma ferramenta primordial para a realização de seus trabalhos, um objeto técnico que não pode falhar. (MAUSS, 1934).

Assim, nesta Tese utilizamos os conceitos de corpo e corporeidade, para demonstrar que a visão, o significado, o uso físico, social e cultural do corpo, revelam que na existência humana, a unicidade entre o corpo e a corporeidade não possuem determinantes universais, apesar da origem e dos caminhos imbricados nessa gama de construções, durante todo processo histórico e social.

Portanto, a tarefa é abriremos o caminho, que implica na relação do corpo e da corporeidade nas práticas corporais dos peixeiros, a partir de argumentos que envolvem processos culturais, sociais e econômicos que aos corpos se convergem, sendo o corpo do peixeiro a centralidade física e social, essencial para o fluxo da cadeia produtiva do pescado; e amplia cada vez o fato de que as discussões sobre a corporeidade são amplas e, por conseguinte, inseridas em debates nos mais variados campos de estudos.

Ao conhecer de perto o trabalho desses sujeitos e suas práticas manifestadas em seus corpos, identificamos que poucos são os estudos que se referem aos trabalhos que os peixeiros das feiras desenvolvem cotidianamente; e muito menos quanto à corporeidade na prática durante o trabalho. Nessa direção, contextualizamos o ambiente da feira, seu funcionamento, as atividades dos

peixeiros e relatamos como o trabalho é desenvolvido; além de revelar sua performance como estratégia para atrair os fregueses e vender o pescado.

Desse modo, pode-se dizer que há o protagonismo dos peixeiros que dedicam grande parte de suas vidas em prol de suas atividades devido ser uma profissão que contribui fortemente para economia da cidade e faz com que o pescado cada vez mais se efetive como uma das principais fonte de alimentos de nossa região, “cujo produto entra na dieta diária ou semanal da família” (MONTEIRO, 2010, p. 72) e se reproduz ao longo dos tempos.

Nesse sentido, o trabalho do peixeiro é central; ora, por ser o mediador da recepção e de distribuição do pescado na feira; ora porque o peixeiro e seu o corpo compõe as práticas e relações ali existentes, pois pescar e tratar o peixe são processos que envolvem gerações, iniciada pelos ribeirinhos, “uma prática de grande repercussão na história econômica da Amazônia” (MONTEIRO, 2010, p. 83). Portanto, para além do aspecto econômico, consideramos que o trabalho com os pescados tem forte valor simbólico.

Para dar sentido à pesquisa, em vários momentos a pesquisadora buscou nas memórias, a tessitura destes momentos comparando-os com a “metáfora da rede de pesca” como uma forma de dialogar e alinhar as lembranças, que experimenta a criação familiar nas lembranças vividas em um contexto de filha de um canoeiro/peixeiro, pescador/ permissionário e despachante de pesca.

Tais representações concentram-se no corpo de homem, que ao olhar para as águas do rio Negro, frente a um local chamado “Amarelinho”¹, localizado na orla do bairro do Educandos, passou a “ver” e acreditou no que via: que a base da alimentação do amazonense é totalmente concentrada no consumo dos nossos variados tipos de peixes de água doce.

Este homem fora seu pai e o peixe, antes um simples alimento, passa ser o seu guia interior para melhorar as condições de sustento de sua família, pois ele

¹ É um calçadão da praia do “Amarelinho”, localizado na rua Boulevard Rio Negro, bairro de Educandos, Zona Sul da cidade de Manaus; trecho da orla portuária do bairro de Educandos. Disponível em< <http://www.ppgcasa.ufam.edu.br/pdf/dissertacoes/2007/Helen.pdf>> Acesso em 18 set. 2017.

viu na pesca e na venda do pescado, os sinais que lhe apontaram o caminho da profissão.

Nascido no interior do estado em um local chamado “Cambixe”², passou parte da vida nesse local, vivendo da agricultura e da pesca de subsistência. Mas o homem do interior, carrancudo e obstinado, veio para Manaus tentar a vida, deixando para trás os pais (que mais tarde os trouxe para perto de si) e o restante da família.

Já na cidade, deparou-se com as incertezas: sem emprego, sem função, sem habilidades, a não ser o trabalho da agricultura e da pesca, instalou-se no Bairro de Educandos, onde fez todo tipo de trabalho: foi vendedor de alho, colorau e pimenta; também desenvolvia atividades na orla do Rio Negro, conheceu e passou a trabalhar nas canoas e barcos, em uma função denominada “canoeiro”, pois ele “atravessava” os trabalhadores ou os donos das embarcações, que iam e vinham dos rios trazendo peixes, que vendiam aos profissionais das feiras da cidade.

Portanto, iniciou as atividades laborais com a venda dos peixes nas margens do rio; naquela época mercados e feiras eram locais muito frequentados para compra e venda do pescado; devido a isto, alugou uma banca no Mercado de Educandos e passou a tratar e vender o peixe como permissionário da banca.

Desta feita, este homem vê no peixe além do o alimento, o protagonista para o sustento e a busca da melhoria da sua vida e família; assim, a vida deste homem encontra na vida de peixeiro, o elo entre as experiências e o conhecimento profissional, até então sem nenhuma condição financeira e sem atividade laboral específica.

Devido ter se estabelecido na profissão, o corpo deste homem se entrelaça aos seus movimentos corporais desenvolvidos durante as atividades laborais, pois ao comprar, tratar e vender o pescado, seus movimentos manuais e corporais

² Localizada no Careiro da Várzea, O nome do município originou-se da palavra Careiro que significa caminho do índio e está vinculado ao traçado do rio que o corta. Distrito criado com a denominação de Careiro, pelo Decreto-lei Estadual n.º 176, de 01-12-1943, com território desmembrado do município de Manaus e também do distrito sede do município de Manacapuru, subordinado ao município Manaus. Fonte: Biblioteca virtual do Amazonas. 2012. Disponível em: <www.bv.am.gov.br/portal/conteúdo/municípios>. Acesso em 10 set. 2017.

adquiriram habilidades quanto ao modo de tratar, selecionar e conhecer os peixes; dentre eles, os que se apresentavam como mais “frescos” e próprios para o consumo.

Naquela época, a abundância do pescado era imensurável. Dos chamados peixes lisos aos peixes de escamas, oriundos dos rios da nossa região, não podemos deixar de mencionar que todos fomos sustentados e encaminhados pelo protagonismo do trabalho de meu pai (*in memória*) por meio do pescado.

A figura do homem trabalhador e pescador alcançou motivação cada vez maior. E mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, seu pai não mediu esforços: motivado e motivador ofereceu todas as oportunidades para que pudesse tivesse a formação de professora.

Como parte da representação familiar, a figura da rede de pesca fez parte de todo trajeto do estudo, pelo fato de ser uma representação simbólica familiar - que mobiliza as águas - toma corpo e forma de um caminho que leva e traz aprendizados, culturas e saberes, como os “banzeiros”³ que ocorrem nos rios da nossa região, devido proximidade dos barcos, que caminharam em a direção à conclusão do estudo.

Assim, o desenvolvimento deste trabalho tornou-se expansivo, em meio a contextos diversos, marcados, sobretudo, pela tentativa de resgatar este conhecimento adormecido, restaurando e vitalizando significados mais próximos e contidos nestas narrações configuradas nas lembranças que se referem à profissão de seu pai, que foi peixeiro e pescador de águas, como uma das representações mais substanciais de sua vida. Ao apresentar a pessoa de um pai entrelaçada ao corpo de um peixeiro, a intenção é trazer à tona a temática do estudo, a fim de adentrar os conceitos discutidos na Tese.

É nesse cenário que surge a justificativa do estudo: conhecer, descrever, vivenciar e analisar como o trabalho desenvolvido pelos peixeiros demonstra elementos corporeidade em suas práticas corporais. O interesse pelo tema é conhecer os modos de vida desses trabalhadores, as relações com seu corpo

³**Banzeiro** significa a sucessão de ondas provocadas por uma embarcação em deslocamento. Disponível em :< <http://www.dicionarioinformal.com.br/banzeiro/>>. Acesso em 11 set. 2017.

como importante no trabalho, como desenvolvem essas atividades e quais as consequências social, econômica, na saúde e na vida desses sujeitos.

A trajetória para o desenvolvimento do tema acentuou-se devido a um trabalho *in loco* realizado em 2013, na feira Coronel Jorge Teixeira, popularmente conhecida como feira Manaus Moderna. A pesquisa relatou a cultura corporal dos peixeiros da feira municipal quando foi analisada a influência que o movimento corporal desses trabalhadores exerce sobre o corpo em relação ao seu trabalho, considerando o corpo na sua totalidade.

Na época, o trabalho concluiu parcialmente que as práticas corporais dos peixeiros possibilitam uma espécie de teia cultural: ao desenvolver suas atividades laborais, os seus movimentos corporais se articulam, se modificam, se mantem e ao mesmo tempo produzem mudanças, tanto corporais quanto sociais.

Na feira Manaus Moderna encontra-se um dos principais pontos de venda dos mais variados tipos de peixes da cidade, o que faz com que a circulação na capital tenha destaque, por ser o peixe da região um dos alimentos mais procurados até os dias atuais.

Dos peixes mais comuns até os mais sofisticados, a procura pelos pescados representa um *locus* importante no fluxo diário desse lugar, mesmo no período do defeso⁴ além de proposições advindas dos trabalhadores que lá atuam do dia-a-dia. Após um processo de distribuição por meio de uma rede de comercialização, o pescado chega *in natura* aos consumidores finais, para o consumo diário e também para venda em outros pontos da cidade.

⁴ O defeso é a época de reprodução dos peixes, por esse motivo é o período mais fácil de ser capturado. O Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (IPAAM) é o órgão responsável por orientar e fiscalizar a proibição da pesca e a venda de alguma espécie de peixes. Atualmente, o calendário do defeso compreende o período de 15 de novembro a 15 de março. Nessa época, quando acontece a reprodução dos peixes, é proibida a pesca do pirarucu, tambaqui, matrinxã, pirapitinga, sardinha, pacu, aruanã e mapará para garantir sua reprodução estoque na natureza. Durante esse período, apenas peixe oriundos da piscicultura podem ser comercializados. Nesta modalidade a pesca está liberada, desde que a origem do pescado seja comprovada. As espécies que não podem ser pescadas, capturadas ou comercializadas são: surubim, caparari, aruana, mapará, pacu, pirapitinga e sardinha. Disponível em: <<http://www.amazonas.am.gov.br/content/uploads/2011/09/Calend%C3%A1rio-do-defeso.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2019.

Desta forma, a pesquisa traz como problemática analisar, conhecer e descrever a corporeidade do peixeiro que trabalha na feira da Manaus Moderna. Após a análise dos dados, as perguntas e respostas foram transcritas. É importante destacar que houve obtenção de dados com a observação sem interferir no grupo estudado.

Tendo em vista os aspectos citados que trata sobre os elementos da corporeidade dos peixeiros⁵, faz-se necessário demonstrar que o local da pesquisa, a feira Manaus Moderna, tem o nome oficial de Feira Coronel Jorge Teixeira. A feira recebeu o nome foi em homenagem ao Coronel Jorge Teixeira de Oliveira⁶. Nascido no Rio Grande do Sul, porém, criado no Estado do Rio de Janeiro, teve sua carreira profissional voltada para a trajetória militar e política na Amazônia.

A feira recebeu seu nome, devido no período da sua gestão em Manaus. Dessa forma, a feira Manaus Moderna ganha o nome do prefeito, pelo reconhecimento de seus feitos na cidade. “O Coronel Jorge Teixeira já havia ocupado a prefeitura de Manaus, onde consolidou a fama de um administrador competente e ativo” (TEIXEIRA; FONSECA, 2001, p. 178).

A pesquisa é baseada no procedimento metodológico de natureza e com abordagem qualitativa e incorpora a abordagem etnográfica (SANTAELLA, 2001), onde a pesquisadora foi *in loco*, realizar entrevistas semiestruturadas com os peixeiros em suas trajetórias, bem como o desenvolvimento da linguagem corporal expressas em seus movimentos durante a realização de seus trabalhos.

⁵Optamos em denominar os sujeitos da pesquisa pela nomenclatura de peixeiros, devido ser a forma como a Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Feiras e Mercados (**Subsempab**) estabelece a nomenclatura da atividade, nos Termos do Artigo 65, Parágrafo 8º, da Lei Orgânica do Município de Manaus, e Artigo 213, § 2º, do Regimento Interno: Lei nº 123, de 25 de novembro de 2004, que dispõe sobre a organização e o funcionamento dos Mercados e Feiras no Município de Manaus..

⁶ Jorge Teixeira de Oliveira era gaúcho, casado, dois filhos e sua trajetória inscrita no seu Caderno Curricular, produzido pelo Memorial Jorge Teixeira. Cursou a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende-RJ, onde se formou Oficial de Artilharia na turma de 1947. Fez o curso de Instrutor de Educação Física na Escola de Educação Física do Exército, em 1950 e formou-se em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, no mesmo ano, concluiu o mestrado em Educação Física pela mesma instituição em 1963. Formou-se Paraquedista Militar em 1964 e participou do curso de Guerra na Selva no Panamá, para se preparar para executar o curso no Brasil. Em 1965, foi nomeado como Instrutor Chefe do curso de Guerra na Selva do CIGS (Centro de Instrução de Guerra na Selva), em Manaus-AM. (FORONI, 2014, p.24).

Desse modo, compreendemos que a abordagem qualitativa é essencial, com a finalidade de atingir os objetivos propostos “partindo da realidade presente no campo, na qual as “opções teóricas só podem nascer das exigências internas que o problema da pesquisa cria” (SANTAELLA, 2001, p.183)”.

O objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno. (RICHARDSON, 1999, p. 102).

Além disso, dentre os procedimentos metodológicos, baseou-se em uma investigação etnográfica com o intuito em relatar a corporeidade exercida no cotidiano dos peixeiros da feira da Manaus Moderna. Em conjunto com a pesquisa qualitativa, deparamo-nos com a etnografia e percebemos a necessidade de sua aplicação, e que pôde revelar novas dimensões sobre a corporeidade dos peixeiros.

A pesquisa etnográfica fundamenta-se na inserção do pesquisador em um campo diferente, do ponto de vista cultural, de seu próprio habitat durante um longo período. A prática etnográfica consiste basicamente em estabelecer relações, selecionar informantes e tentar salvar o dito em um discurso social em formas pesquisáveis. (GEERTZ, 1989).

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa envolvem observação, conversas informais para que seja feita a aplicação de formulários para os peixeiros entrevistados, o registro fotográfico além dos arcabouços teóricos de autores que trabalham com a temática.

Após, as entrevistas foram transcritas, de acordo com as observações registradas no caderno de campo e registro fotográfico com prévia autorização das respostas às entrevistas, gravadas em áudio. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esses instrumentos de pesquisa utilizados subsidiaram a proposta lançada a partir desta Tese.

Pelo fato de que os diversos sujeitos da feira atuam em um conjunto de espaços coletivos que se interpenetram, transformando práticas e atualizando sentidos, imprimindo-lhe suas cores, cheiros, sabores e sons, na manutenção do encontro – nas madrugadas - entre o ribeirinho e o urbano, fazer a pesquisa

qualitativa na feira coberta da Manaus Moderna trouxe à tona a importância desse local inclusive do aspecto econômico da cidade de Manaus.

Sendo assim, para a coleta de dados na observação direta, o ponto inicial da investigação foi a execução das entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas, nas quais os entrevistados tiveram a liberdade em discorrer sobre o que foi questionado.

Vale destacar também a importância dos pescadores ribeirinhos amazônicos, que abastecem, através de sua labuta, as feiras e mercados de Manaus, utilizando técnicas que diante do conhecimento empírico capturam mais peixes na época da vazante e cheia. Destacamos que apesar de ser uma atividade tradicional de nossa região, o pescado é um produto alimentício para o consumidor final, mas para o peixeiro ou o comerciante que lida como ele no dia a dia da feira, é uma mercadoria.

Além do mais, sejam nos aspectos socioeconômicos, antropológicos e culturais, a literatura científica demonstra que mercados e feiras são geradores de atividades articuladas ao movimento dos seus frequentadores e que apesar das mudanças de toda ordem, o que mais chama atenção na atualidade é o fato das crescentes transformações para além dos aspectos alimentares; são mudanças que apresentam crescente presença de pessoas tanto da cidade, dos estados e até de outros lugares do país, as atividades informais.

Destacamos que o fato de as feiras e os mercados apresentarem características das manifestações socioculturais. Ao conhecer esses locais percebe-se que há variados tipos de comércio, bem como os mais variados tipos de produtos, um local criado como forma de suprir as necessidades básicas das pessoas/populações de diferentes lugares.

Apesar do grande comércio, feiras e mercados são repletos de conteúdos interdisciplinares e se constituem em ambientes de relações sociais, uma forma de encontro entre as pessoas, porque a feira aproxima fregueses/compradores e feirantes/vendedores.

Dentre os referenciais teóricos utilizados como suporte da temática do corpo e da corporeidade, ou “o fio condutor” encontramos nos estudos de Marcel

Mauss(1934), Merleau-Ponty (1991) e Le Breton (2012), os referidos temas e cujos olhares põem em relevo o corpo como técnica e que marca avanços significativos.

Mauss (1934) sustenta que as maneiras de andar, correr, dançar, comer, praticar esportes dentre outras, possuem características de acordo com grupos ou sociedades corpo; em Ponty (1991) há alusão a um corpo como mediador privilegiado de acesso ao mundo, o sentido ontológico do corpo, não se conformando com a noção de corpo-máquina; e em Le Breton (2012), o corpo como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginário e social.

Referente aos mesmos temas e à luz desta perspectiva, outras linhas se mesclam, com destaque àquelas que pensam o corpo e corporeidade; desse modo, buscamos nos apoiadores dos referidos autores, suportes para o debate sobre o objeto do estudo.

Aspectos da feira no campo social e cultural, sobre a cidade de Manaus, seu entorno e o ambiente da Manaus Moderna, foram encontrados em grandes contribuições de autores que debatem o tema, devido a compreensão de que a interdisciplinaridade faz-se presente no trabalho A pesquisa contou também, com dados secundários junto à uma instituições de gestão pública municipal ,que pode contribuir para a compreensão dos aspectos abordados.

Dentre as atividades realizadas para o desenvolvimento do estudo, foi necessário fazermos a recolha de pesquisas em busca de trabalhos e estudos que tratam do tema ou se aproximam dele. Para tanto fizemos um levantamento da produção científica para encontrar estudos e pesquisa sobre o tema por meio das seguintes palavras: corpo; corporeidade; peixeiros; movimentos corporais e trabalho nas feiras.

Nessa direção, o presente estudo buscou produções acadêmicas e pesquisas de pós-graduação (artigos, dissertações e teses) sobre o tema da corporeidade representado nos movimentos corporais dos trabalhadores de mercados e feiras conhecidos como peixeiros ou permissionários. Para tanto, foram iniciadas as buscas *online*, a fim de sabermos quais continham pesquisas que tratam do tema estudado ou se referem ao mesmo.

Devido ao fato de as bases serem muita amplas, gerou uma multiplicidade de registros quando do início da busca pela palavra-chave: peixeiros, mercados, movimentos corporais, o que provocou a necessidade em fazermos buscas mais específicas; assim, buscamos combinações de palavras-chave que pudessem conduzir a resultados mais precisos e dentro do escopo do projeto. Posteriormente, fizemos leituras dos resumos dos artigos, das dissertações e das teses, dos estudos encontrados.

Numa primeira etapa, a revisão bibliográfica abrangeu as produções de pós-graduação que tratavam sobre o objeto da pesquisa, sendo que a identificação dos trabalhos também foram efetivadas em *sites* de diversas instituições de ensino superior (IES) e em banco de dados de informação da produção científica brasileira, que foram distribuídos de acordo com o nome da instituição, revista ou periódico; ano da publicação e organizados em artigos, dissertações e teses. Para Gamboa (1987), isto confere maior visibilidade à produção, facilita o acesso e a utilização das experiências realizadas e uma reflexão crítica.

Dentre os procedimentos, elaboramos os descritores para as buscas por meio das seguintes palavras-chaves: peixeiros; mercados; feiras; movimentos corporais. Em um primeiro momento, foram identificados 05 teses, 09 dissertações e 07 artigos digitalizados em Formato PDF e obtidos os resumos destes trabalhos, conforme os dados , como seguem.

A Dissertação de Lúcio Fernandes Ferreira intitulada: Trabalho precário em Manaus: os carreteiros da Feira da Manaus Moderna, (Universidade Federal do Amazonas, 2014) encontrada por meio dos descritores: o trabalho precário em Manaus e os carreteiros da Feira da Manaus Moderna. É uma pesquisa voltada para os trabalhadores que se autodenominam carreteiros da feira Manaus Moderna.

Jozilma Batalha Pinto de Souza, na Dissertação: A percepção ambiental e imagem corporal dos trabalhadores da feira Manaus Moderna: desafios e superações, (Universidade Federal do Amazonas, 2011) teve como descritores: Topofilia, Imagem Corporal, percepção ambiental, feira coberta e realidade; o

estudo revela problemas socioambientais que comungam as relações homem e ambiente e a imagem corporal.

A Dissertação de Fernando Antonio Ferreira, intitulada: Custos da cadeia logística da banana produzida em Presidente Figueiredo e o registro dos preços praticados na Feira do Produtor em Manaus: um estudo de caso, (Universidade Federal do Amazonas- 2009), teve como descritores: Cadeia Logística, Custos, Preços, feira coberta e realidade. A cadeia logística da banana produzida em Presidente Figueiredo e vendida na Feira do Produtor em Manaus é o foco da dissertação.

Na Dissertação de Ronaldo Tavares da Silva, intitulada: Mercado Adolpho Lisboa: cheiros, sons e imagens, uma abordagem simbólica, (Universidade Federal do Amazonas-2008) foram utilizados os seguintes descritores: Mercado Adolpho Lisboa, paisagem cultural, Geografia humana, Arquitetura, Espaço Percepção - Amazônia. O trabalho trata do Mercado Adolpho Lisboa enquanto “lugar” das interações de diversos agentes e, constituinte da “paisagem cultural” da área portuária de Manaus.

A Dissertação de Erlando Damião de Oliveira, intitulada: Um rio de oportunidades? Pesca e pescadores no Médio Rio Negro Manaus, (Universidade Federal do Amazonas, 2008) teve como descritores: Pescadores artesanais, Relações sociais e Conflitos sociais. A pesquisa descreve a atividade da pesca no Município Barcelos; a análise das relações sociais nas modalidades de pesca, o conflito social entre os pescadores artesanais e os pescadores e agentes sociais envolvidos nessa atividade.

Na Dissertação de Lícia Tatiana Azevedo do Nascimento, intitulada: Sociabilidades no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso durante o Círio de Nazaré, (Universidade Federal do Amazonas- 2010) encontra-se a análise de alguns aspectos das práticas realizadas pelos peixeiros, balanceiros e geleiros, do Ver-o-Peso através das sociabilidades por eles exercidas. Foram utilizados os seguintes descritores: Sociabilidades, Ver - o- Peso, Mercado de Peixe, Festa, Círio de Nazaré.

A Dissertação de Priscila Barreto Sampaio, intitulada: Mar De Conflitos: As Diferentes Formas De Organização Política Dos Pescadores “Artesanais”, na (Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006) teve como descritores: IBAMA e SEAP -, poderes públicos municipais e as empresas de pesca, de petróleo e turismo. A pesquisa apresenta as diferentes formas de organização dos pescadores “artesanais” de uma região do Estado do Rio de Janeiro, no Arraial do Cabo.

No trabalho de Helane Cristina Lima Moreira, intitulado: O seguro defeso e os pescadores artesanais no Amazonas (Universidade Federal do Amazonas, 2001) teve como descritores: Seguro desemprego; Pescador artesanal; Amazônia. A pesquisa apresenta a política do seguro defeso e as estratégias de reprodução social do modo de vida dos pescadores artesanais da localidade do Cai n'Água, no Paraná do Manaquiri, Amazonas.

A Dissertação de André de Oliveira Moraes, intitulada: Peixes, redes e cidades: aspecto socioambiental da pesca comercial de bagres no Médio e Alto Solimões (Universidade Federal do Amazonas - 2012)teve como descritores: Interdisciplinaridade, Bagres, Rede Urbana, Ciência Ambiental e Amazônia. A questão da rede de comercialização de Bagres e sua relação com as cidades representam uma questão interdisciplinar ambiental que pode levantar elementos importantes para a questão ambiental na Amazônia com outro olhar, é o foco do estudo.

Quanto a recolha dos estudos de teses, Antônio Francisco Perrone Olviedo, apresenta o trabalho intitulado: Gestão ambiental comunitária da pesca na Amazônia: um estudo de caso do alto Purus, (Universidade Federal de Brasília, 2006); teve como descritores: Gestão ambiental de pesca; análise institucional; conflitos de pesa e acordos de pesca. Trata-se de um estudo sobre o desenvolvimento comunitário e o manejo comunitário da pesca e suas consequências para o desenvolvimento sustentável.

A tese de Maria Ana Azevedo de Oliveira, intitulada: A transfiguração do cotidiano da feira no processo de criação do espetáculo outros olhares, (Universidade Federal da Bahia,2005), teve como descritores: processo criativo,

feira do Ver-o-Peso e conversão semiótica. O trabalho debruça o olhar sobre o processo criativo de outros olhares, espetáculo de dança do Curso Técnico em Dança, da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Giovanna de Aquino Fonseca, por meio da tese: Continuidade e descontinuidade no contexto da globalização: um estudo de feiras em Portugal e no Brasil (1986-2007) (Universidade Federal da Bahia, 2012) teve como descritores: Globalização; Feiras; Brasil e Portugal. Trata-se de atos, gestos, performances corporais, movimentos e dizeres dos atores sociais que frequentam as feiras e como estes comércios tradicionais conseguem conviver e resistir aos impactos causados pela globalização na globalização na atualidade.

A tese de Soraya Farias Aquino, intitulada: Entre a roça e a feira: a circulação da produção agrícola no Amazonas (Universidade Federal da Bahia-2013) teve como descritores: produção agrícola, Amazonas e políticas públicas. O estudo trata sobre a circulação da produção agrícola no Amazonas a partir dos espaços definidos como Feirão da SEPROR, locais criados para a distribuição da produção em Manaus.

Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embate na área da Manaus Moderna (Manaus/AM-1967-2010), (PUC/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- 2011) é o título da tese de Patrícia Rodrigues da Silva, tendo como descritores cidades, espaço urbano e cultura. O trabalho problematiza as transformações pela quais a cidade de Manaus tem passado desde a efetivação da Zona Franca, nos fins da década de 1960.

Portanto, durante as buscas referentes ao estado da arte de descritores e temáticas a respeito do objeto de pesquisa desta tese, os dados obtidos até aqui demonstraram que não há estudos e pesquisas que tratam em específico sobre elementos da corporeidade e os movimentos corporais dos peixeiros durante suas atividades laborais, tanto nas feiras quanto nos mercados, o que de certo modo, apontam que não tem havido a preocupação com o tema.

O que encontramos são trabalhos que se referem às questões voltadas para o foco que as políticas públicas das localidades dão (ou não) para as feiras e mercados. Além disso, tem havido a preocupação com o modo de vida dos sujeitos

que estão e fazem a feira, organizam suas barracas e as performances que utilizam para atrair e vender seus produtos.

Destacamos que os trabalhos coletados não distinguem a categoria dos trabalhadores das feiras, como “verdureiros”, “peixeiros” e açougueiros, sujeitos esses que fazem parte da composição desse cenário. Outra observação é sobre trabalhos que lidam com as questões ambientais desses locais e a disputa pelo espaço; há também apenas um único trabalho que demonstra que no aspecto de gênero, as mulheres têm forte presença como trabalhadoras de feira e mercados.

Manejo da pesca, a disputa pelos lugares que tem lagos para o pescado e o sustento das comunidades de determinados lugares, foram objetos de estudo; além desses, foram encontrados trabalhos que relatam a vida dos trabalhadores informais nas feiras, denominados de “carreteiros”.

Chamou-nos atenção, o fato de que sendo a região Amazônica que contempla grande quantidade de rios de água-doce, não ter encontrado trabalhos que se relacionam diretamente a categoria dos trabalhadores denominados peixeiros, seus movimentos, sua corporeidade, o tipo de trabalho que desenvolvem tanto nas feiras, nos mercados, nos barcos de pesca nem na capital e também no interior. Portanto, os resultados demonstraram a carência de pesquisas do tema em questão justifica a realização desta pesquisa, considerando que aponta para novas pesquisas na perspectiva interdisciplinar.

O lócus deste estudo é a feira Coronel Jorge Teixeira, conhecida popularmente como feira Manaus Moderna, localizada na área central de Manaus, denominada Manaus Moderna, no município de Manaus – AM⁷, estando a cidade situada na confluência dos rios Negro e Solimões, que formam o rio Amazonas, com uma população de aproximadamente 2.000.000 habitantes e uma densidade demográfica de 158,06 habitantes por Km², sendo que 87% residem na zona urbana e os demais 13% na zona rural.

⁷ IBGE, 2014. **Resultado do universo do censo 2010: cidade de Manaus-AM**. Disponível em <www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em 06 out. 2018.

Para melhor compreensão do estudo, a Tese está dividida em três capítulos, organizados em seções, nos quais buscamos expor as questões centrais articuladas com o tema investigado, como seguem.

Deste modo, no Capítulo I - explicitamos a metodologia utilizada na pesquisa de campo, os desafios e as dificuldades experienciadas por meio das nuances que envolvem o campo da pesquisa, a entrada na feira Manaus Moderna para dar ênfase ao corpo e ao trabalho do peixeiro ligados aos seus movimentos corporais durante as atividades laborais – um modo de trazer à tona a temática do estudo - a fim de adentrar os conceitos discutidos na Tese.

No Capítulo II - fazemos a exposição da estrutura da Feira da Manaus Moderna, sua organização, o comércio de compra e venda com vistas à comercialização do pescado. Para tanto, foi necessário contextualizarmos o entorno da feira, ou seja, a área central da cidade, popularmente conhecida como Manaus Moderna, a importância dessa localidade reconhecida como uma grande rede de circulação de compra e venda de peixes e de produtos regionais.

Além disso, fizemos o relato do caminho Manaus Moderna, apresentando dentre outros aspectos a informalidade do trabalho, o cotidiano e os conflitos que predominam nesse lugar. A intenção foi demonstrar dois aspectos: o primeiro, revelar que o contexto explicitado converge com os elementos da corporeidade dos peixeiros e sua profissão; e o segundo, é um convite para que o leitor “caminhe” e perceba, junto com as pesquisadoras, o que foi observado durante as idas ao campo da pesquisa até a chegada ao interior da feira Manaus.

Já o Capítulo III inicia expondo o conhecimento do campo filosófico, sociológico, histórico dentre outros, sobre o corpo e a corporeidade, que variam de acordo com as diversas sociedades, dando-lhes sentido em cada época, ou seja, foi preciso investigar sua concepção no passado, para inter-relacioná-los às análises que traçam uma história do corpo e da corporeidade na atualidade.

Na sequência do capítulo, há destaque para o sujeito da pesquisa, o vínculo entre o trabalho e a corporeidade. Para tanto, buscamos identificar concretamente a relação entre corporeidade e trabalho durante os movimentos corporais dos

sujeitos. Nesse sentido, o trabalho e corporeidade assumem uma unicidade dos peixeiros no interior daquele lugar.

Ainda no mesmo capítulo, tratamos sobre corpo do peixeiro como ferramenta do trabalho e sua performance para oferecer/vender, (como indicadores que aparecem com um grande significado e que fazem parte das atividades do sujeitos da pesquisa, com ênfase nas entrevistas), o trabalho que desenvolvem, como é o dia a dia no interior da feira, questões referentes à saúde e o corpo, bem como as que envolvem alimentação, além dos aspectos que tratam dos desafios e das dificuldades na profissão do peixeiro.

Sons, vozes, gritos, barulhos e ecos fizeram parte dos momentos da pesquisa e de modo geral permitiram perceber que não há como adentrar na feira Manaus Moderna, sem reconhecer o que aqui denominamos “sonoridades da feira” por estarem estão ligados diretamente àquele ambiente.

A cada momento da pesquisa foi possível identificar um conjunto de informações sonoras, pelo fato de estabelecer o contato com o som como: mergulhar os pescados nas bandejas com água para facilitar sua “ticagem”; cortar ou aparar as “abas”(nadadeiras dos peixes) com faca ou facão; esfregar as facas nas tábuas onde tratam os peixes, emitir gritos para chamar atenção do clientes, são exemplos de sons emitidos a todo instante e que ajudam a construir um processo ao mesmo tempo indenitário e sonoro.

No fim do estudo, na parte que trata da conclusão da Tese, apresentamos considerações, que, mais do que oferecer respostas ao que foi indagado, demonstramos, sobretudo, as ideias centrais, bem como deixar questões abertas para investigações futuras, referentes às análises sobre o corpo, a corporeidade e o trabalho do peixeiro.

Pelo fato de os peixeiros serem os sujeitos que de algum modo ocupam posição dentro das categorias diversas dos trabalhadores da feira Manaus Moderna, ao tratar, ticar e vender os pecados, suas práticas corporais devem ser consideradas, haja vista que fazem circular o pescado em diversas localidades da cidade de Manaus, a qual faz parte do complexo de toda aquela área da Manaus Moderna,

caracterizada como um grande centro de comércio, tanto de venda e compra de peixes como de outros produtos.

Nesse sentido, compreender as atividades realizadas pelos peixeiros da feira se torna importante, devido à caracterização de conhecimentos entre as culturas indígenas e caboclos, onde estão implícitas as reciprocidades entre os saberes tradicionais que marcam o homem da região amazônica. "Todos os homens têm essas necessidades, mas as formas particulares como as realizam é um acontecimento social concreto" (HELLER, 2004, p.3).

Finalmente, ao dizer que estas representações foram "içadas" da memória da pesquisadora, tornaram-se indispensáveis para a mobilização um conjuntos de ações entrelaçadas e que constituem sua caminhada, durante os processos de estudo e trabalho, relatados durante os capítulos desse estudo, que dão ênfase ao corpo, a corporeidade e ao trabalho dos peixeiros, ligados aos seus movimentos corporais durante as atividades laborais.

CAPÍTULO I



O CAMPO DA PESQUISA E A PESQUISA DE CAMPO

CAPÍTULO I - O CAMPO DA PESQUISA E A PESQUISA DE CAMPO

O trabalho de campo é o momento de aproximação do pesquisador com a realidade sobre a qual formulou suas questões e/ou seu problema. É o momento em que o pesquisador tem a possibilidade de interagir com os sujeitos que conformam a realidade investigada. (MINAYO, 2009, p. 61- 63).

1.1. O campo da pesquisa

O fato de a pesquisa ser qualitativa exigiu do estudo, o reconhecimento da realidade do lugar; significa dizer que a abordagem qualitativa carrega em si, o entendimento dos fenômenos sob análise na perspectiva dos atores envolvidos com a problemática. Logo, a observação direta foi essencial, devido à nossa percepção de que *in loco* é possível aproximar a realidade, permitindo os registros do que foi encontrado. Em outros termos, o pesquisador não pode ficar fora da realidade.

No entanto, foi necessário ficarmos atentas, pois o caminho que leva até o interior da feira coberta, é um misto de variadas situações inerente ao lugar; a assertiva remete a Trivinos (1987, p.120) quando diz que as pesquisas qualitativas “precisam ser interpretadas de forma mais ampla que circunscritas ao simples dado objetivo”. Nesse sentido, foi preciso descrever e relatar algumas situações para uma melhor compreensão do problema investigado.

Aqui compreendemos a importância da pesquisa etnográfica “como uma forma específica de investigação qualitativa” (TRIVINOS,1987, p.121) devido ao fato que a complexidade do campo da pesquisa precisa ser reconhecida. Merece atenção que o termo complexidade utilizado, trata-se das relações sociais e econômicas que caracterizam o cenário da pesquisa e que constituem um tipo de espaço ao mesmo tempo de sociabilidade e de conflitos, presentes em seu cotidiano.

Desse modo, o ambiente de toda orla da Manaus Moderna revela um cotidiano cujos diferentes conflitos tornam esse lugar um dos segmentos representativos da lógica do consumo e também da lógica do “poder monetário”; e que em alguns momentos tornou crucial para essa investigação, devido a

necessidade de um repensar significativo sobre os sujeitos e seu universo, suas relações e quais os reflexos desses aspectos que se tornaram centrais para investigarmos os elementos da corporeidade dos peixeiros da feira Manaus Moderna.

Por ser um local que se apresenta como gerador de problemas e conflitos entre os que dele dependem, do ponto de vista social e político que são geradores de conflitos, pode-se dizer que há interação entre indivíduos, grupos, organizações e coletividade, que implica a oposição radical de interesses sobre o acesso ou uso dos recursos, conforme Bobbio (1993).

Lefebvre (1972), expressa que a vida cotidiana se permeia por mediações que podem vir do senso comum e se interagem no cotidiano, não pelo imediatismo, e sim por representações e mobilizações do dia a dia. Para o autor, vivemos um mundo cotidiano, que pela falta de mobilidade e mediação, se estrutura por rotinas, que são rompidas a cada nova necessidade social. Assim, a cotidianidade seria a práxis e o cotidiano a repetição.

Heller (2002), em seus estudos que trata da teoria da cotidianidade, procura trazer novos elementos para se pensar o próprio cotidiano e que permite ir além das formas de pensamento do senso comum. Pois o próprio nome sugere que o cotidiano, palavra que vem do latim *cotidie* ou *cotidianus*, significa todos os dias, o diário, o dia-a-dia, o comum, o habitual.

[...] a vida cotidiana é a constituição e reprodução do próprio indivíduo e consequentemente da própria sociedade, através das objetivações. O processo de objetivação se caracteriza por essa reprodução, que não ocorre do nada para se efetivar, ela pressupõe uma ação do homem sob o objeto, transformando-o para seu uso e benefício. Assim tudo pode ser objetivado, pois tudo está em constante mutação, em todas as dimensões da vida. (HELLER, 2002, p.12).

Esse ponto de vista considera que o cotidiano dos peixeiros da feira Manaus Moderna constitui um mundo social com ritmos, ritos e linguagens, que trazem como características básicas, um processo de interação com esses sujeitos; além do mais, é o próprio cotidiano que torna possível dar visibilidade ao seu fazer diário e que se articula como elementos de identidade formativa, frente às transformações que ocorrem no interior de cada lugar. (CERTEAU, 1996).

Todavia, “e com grande dificuldade, a pesquisa qualitativa vai abrindo seus próprios caminhos” (MOREIRA, 2003, p. 43). E por mais que a participação do pesquisador seja essencial, cabe a ele ter cautela, ao entrar neste campo, pois muitas situações de toda magnitude inerente ao campo podem ocorrer. MATOS (p.46,1996) relata que “estar participando corporalmente é a forma que julgamos poder captar a intimidade da comunidade e passar por experiências que nos dariam convicção e segurança”.

Logo, ao andar na orla da feira é deparar-se com a presença de uma gama de pessoas desenvolvendo algum tipo de atividade, principalmente desprovidas de benefícios, como remuneração fixa e férias pagas. Nesse sentido, não podemos perder de vista que as realidades sociais, quando estudadas sob a ótica de um sistema considerado padrão, são distorcidas; no entanto, há que ser levado em consideração as culturas de grupos na construção dos significados.

Diariamente, circulam em toda aquela área, um grande número de trabalhadores, carregadores e motoristas que fazem frete, que levam e trazem mercadorias das embarcações; compradores e vendedores, além de pessoas que utilizam aquele trajeto como uma passagem para outros comércios, haja vista a presença do mercado Adolpho Lisboa, comércio de atacado e varejo, comércio de produtos para embarcações de pesca; enfim, um local que não é qualquer; é um local de centralidade em diversos aspectos.

Sobre isto, consideramos que a necessidade do trabalho em busca da “ganha- pão diário” se reflete nos corpos dessas pessoas: são corpos fechados em si; um corpo que se singulariza e se distância do mundo; e em grande maioria, são corpos cansados e de aparência triste; que torna o mundo dessas pessoas desprovido de encanto e vivem silenciosos e contidos.

Mas também revelam o entendimento de que o corpo que trabalha é o mesmo corpo que age por meio dos seus movimentos, “estando ele sujeito à mesma espiral contínua de forças que expressa esperanças e alegrias, uma concepção de corpo que ultrapassa sua fisiologia visível”(RABELO,2014, p.2).

Michel Foucault (1987) enfatiza que a sociedade capitalista, em função do adestramento para o trabalho, faz um rigoroso controle dos corpos de seus

membros, que são inscritos no corpo pela sociedade e que evidenciam o seu poder, fazendo com que o corpo esteja mergulhado num campo político, econômico e cultural.

Desse modo, o caminho percorrido até o ambiente da feira foi e continua sendo um importante local pesquisado, por contemplar uma variedade de fontes de informação, pois as idas ao campo revelaram que todo o entorno e também a feira Manaus Moderna são locais que onde se encontram pessoas fazendo todo tipo de trabalho⁸, sem vínculos empregatícios e nem registrados em carteira. Minayo (2001) relata que “Para problemas essenciais, como a pobreza, a miséria, a fome, a violência, a ciência continua sem respostas e sem propostas” (MINAYO, 2001, p.10).

Lüdke & André (1986), recomendam que o pesquisador deva realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente, pois a experiência direta com a situação em estudo permite um contato íntimo e pessoal com a realidade estudada. Desse modo, as frequentes idas ao campo da pesquisa foram organizadas de modo a obedecer a um cronograma que incluiu momentos de observações, de registros no caderno de campo, de filmagens e das aplicações das entrevistas.

E embora durante o trabalho de campo tenha havida a imersão na realidade para entender as regras e os costumes que fazem parte da rotina dos sujeitos estudados, não foi possível cumprir rigorosamente o cronograma, devido aos acontecimentos que surgem em um campo de pesquisa complexo.

Ao fazermos o registro da filmagem do entorno da parte externa da feira coberta, fomos abordadas por uns imigrantes, que em um pequeno grupo, vieram em nossa direção e uma pessoa em tom de voz alta, disse: “não pode filmar aqui não”. Saímos em disparada, agitadas e rapidamente guardamos o dispositivo móvel (celular) na bolsa. Inicialmente o medo tomou conta e por isso tivemos que refazer a estratégia de retorno ao local da pesquisa, tanto da parte interna quanto externa da feira.

Por ser aquela área central marcada por regras próprias, há conflitos existentes de toda ordem; nesse caso, a luta diária para sobrevivência é um dos marcadores das relações sociais do entorno daquele lugar; um campo marginalizado, um aspecto que traz apreensão aos frequentadores e aos

⁸ SCHERER, (2012), considera como “lugar de viração”, o lugar se encontram pessoas fazendo todo tipo de trabalho, sem vínculos empregatícios e nem registrados em carteira .

trabalhadores, que vivem das atividades ali realizadas; mas é importante a persistência para buscar resultados, afinal num sentido amplo “engloba as estratégias de contatos e de inserção, condições tanto para a prática como para a experiência [...]” (MAGNANI, 2012, p. 270).

Destacamos que pesquisa levou em conta o contexto do trabalho do peixeiro; no entanto, não foi possível desconsiderar as características da feira Manaus Moderna e seu entorno; logo, registramos: pesquisar os peixeiros na feira, foi um desafio tanto quanto retratar a realidade daquele local; entretanto, aos poucos fomos nos inserindo no processo, que possibilitou várias descobertas - através da investigação - no cotidiano dos sujeitos pesquisados ali inseridos.

Dentre aspectos do cotidiano presente neste lugar, citamos um desses desafios vivenciado durante a pesquisa: foi o ocorrido em um dia de entrevista com um dos peixeiros. Ao chegarmos à feira no dia e hora marcados para fazer a entrevista e após conversar com o peixeiro e explicar todo o roteiro do que seria perguntado, a pesquisadora sentiu um forte calor e rapidamente perdeu o sentido; e a visão ficou turva.

Seu corpo estava molhado de suor; de sorte que seu esposo estava e junto com o peixeiro ela foi acudida. Em seu relato a pesquisadora lembrou apenas do momento em que encontrou-se sentada, em uma dos bancos de um venda de comida na parte externa da feira e foi auxiliada por uma senhora; quando retornou do desmaio, seu esposo a levou para Unidade de Pronto Atendimento mais próxima.

Nem por conta destes percalços, deixamos de fazer a entrevista. Dessa forma, retornamos à feira, de acordo com o dia e horário remarcado pelo peixeiro que seria entrevistado. Inclusive como pesquisadoras, passamos por duas situações: dois dos peixeiros selecionados e que aceitaram participar da pesquisa, marcaram conosco por três vezes; e quando lá chegávamos, já tinham ido embora; porém deixavam recados, afirmando que iriam conceder as entrevistas, o que nunca aconteceu.

O cotidiano se baseia numa escala de valores que lhe dão uma hierarquia, pois não podemos fazer tudo ao mesmo tempo, nem escolhermos tudo. É necessário, selecionar e as escolhas acabam

por determinar uma hierarquia de valores e por consequência de ações. (HELLER, 2002, p.13).

Aqui propomos a reflexão acerca da realização deste estudo e o campo da etnografia: na verdade, trata-se de um exercício para a compreensão do ambiente pesquisado, ou seja, é um estudo de significado da “vida diária”; essência vista “de fora”, colocando que ela se cria na própria interação, sendo uma forma nova de apreender a realidade, sabendo que nenhuma delas consegue apreendê-la totalmente (BRAGA, 1988).

Considerando esses desafios, foi preciso recorrer a um senhor que trabalha como carreteiro⁹ da feira; por seu intermédio, ele conseguiu encontrar peixeiros para conceder as entrevistas; a partir daí, a medição da pessoa se fez entender que alguém do meio, tem, melhores condições de fornecer informações, do que alguém que observa, inicialmente de fora.

Ocorreu que os peixeiros ficaram mais a vontade, o que desconstruiu o conceito que alguns têm acerca dos veículos de comunicação de massa, que deturpavam a fala deles em algum tipo de entrevista. Porém o material obtido permitiu a análise, a compreensão e a coleta das informações sobre acontecimentos e circunstâncias exploradas no estudo.

Nesse sentido, consideramos que a pesquisa não poder perder de vista os aspectos que se apresentam no cotidiano; um modo de compreender que o cotidiano está em movimento no tempo e no espaço.

No que se refere ao ambiente da feira, é tornar visíveis as relações sociais para além dos fatos “dados” e que já foram estabelecidos naquele lugar. E embora seja uma realidade composta por características densas, mesmo assim, apresenta-se como uma rede de significados, compartilhadas entre os sujeitos; aqui a rede remete à compreensão desse cotidiano, como o espaço entrelaçado por suas complexas dimensões.

⁹O nome carreteiro foi atribuído aos trabalhadores que faziam, antigamente, o descarregamento das mercadorias trazidas pelas carretas (caminhões) que abasteciam a feira. A denominação *Carreteiro*, na sua definição simples dos dicionários de língua portuguesa remete aquele que conduz carros ou carretas ou faz carretos (MICHAELIS, 2012). In: GOMES, Maria Milene de Souza. **Trabalho Precário em Manaus**: os carreteiros da feira Manaus Moderna, 2014. Dissertação de mestrado. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elenise Faria Scherer. Universidade Federal do Amazonas.UFAM. Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultural na Amazônia – PPGSCA.

É importante destacar que em um contexto amplo não é possível analisar as situações tal como elas se apresentam; no entanto fez-se necessário buscar explicações e os significados, considerando que há variados ponto de vista, para melhor atingir a conexão entre o local da pesquisa e o problema a ser investigado.

1.2. A entrada na feira Manaus Moderna

Pesquisar é perceber o não visto durante o processo de investigação; para tanto, deve-se levar em conta não só o que é visto e experimentado, ou o não explicitado; ou seja, de uma colocação geral, supostamente entendida, vai se subtraindo questionamentos, até que tudo fique explícito e para tanto o pesquisador precisa ter ideia clara do problema a resolver.(BRAGA,1998).

A ciência é humana, é, portanto aberta e inacabada por isso pode trazer problemas não previstos; logo, consideramos que a ida ao campo da pesquisa não pode ser vista como um destino já dado; ao contrário, há que se acreditar na possibilidade de imprevistos e desafios, inclusive por ser o objeto e o cenário complexos, devido perceber que as organizações, a práticas e os códigos que fazem parte daquele universo, “não se apresentam muito bem definidos e que por sua peculiaridades, não permite a previsão detalhada”(VOLPATO,2013, p.215).

O exposto remete ao fato de que embora já tivéssemos pesquisado no interior da feira Manaus Moderna com os peixeiros, houve a certeza que conhecíamos aquele ambiente; no entanto, foi preciso rever as concepções anteriores já que a entrada novamente naquele lugar não foi do jeito esperado.

Quando chegamos à feira tanto para os momentos das observações como para a coleta dos dados e as entrevistas, percebemos que não seria fácil, a começar pelo próprio ambiente, pois além do grande movimento diário, o vai e vem de pessoas em qualquer dia da semana é incessante.

E sendo um lugar dinâmico devido à quantidade de trocas comerciais existentes, como poderíamos iniciar a pesquisa? Nossa única certeza era que no interior da feira, o peixeiro devolvia suas atividades. Diante dessa perspectiva foi necessário entender as relações do trabalho dos peixeiros e sua corporeidade.

Essas e outras situações de vez em quando remetiam à figura do pai e o peixe, que antes fora considerado um simples alimento, passa a ser um meio importante para o sustento da família, pois ele viu na venda do pescado, os caminhos para a profissão de peixeiro. Nesse sentido, ele não mediu esforços para realizar a atividade concentrada na alimentação do amazonense, a partir do consumo dos nossos variados tipos de peixes de água doce.

Lembrávamo-nos do esforço dele e buscávamos motivações. Inclusive, as constantes idas até o cenário da pesquisa em determinados momentos traziam à tona o “cheiro” da infância, um modo diferente de olhar a realidade a partir de uma experiência e da apropriação do conhecimento que nesse caso são bastante pessoais.

É o sentido que leva a compreensão de que o trabalho de campo inclui o estudo do que o mundo é, como as pessoas têm aprendido a ver, ouvir, falar, pensar e agir de formas diferentes. Mais do que um estudo sobre as pessoas, significa “aprendendo com as pessoas”. (SPRADLEY, 1979).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa possui longa e rica tradição. Os autores acrescentam que a expressão “investigação qualitativa” é um termo genérico usado para se referir a um conjunto de estratégias de investigação que possuem características comuns.

Logo, a pesquisa qualitativa aponta para um minucioso trabalho de campo, que de acordo com Herskovits (1963), consiste em dirigir-se ao grupo que se pretende estudar, escutar as conversas, assistir aos ritos, observar o comportamento habitual, interrogar sobre as tradições para obter, mediante o conhecimento direto dos modos de vida dos sujeitos, uma visão de conjunto ou analisar algo especial da mesma.

Os dados obtidos lançarão luz sobre os problemas essenciais do comportamento social humano. Desta forma, o pesquisador deve exercer o papel objetivo de observador, a fim de compreender e explicar o comportamento humano. (LÜDKE & ANDRÉ, 1986). Para tanto, Morin (2011, p. 38) diz: “o mundo global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-

retroativo ou organizacional, sendo preciso recompor o todo para conhecer as partes”.

De certa maneira, as entradas naquele ambiente, deixaram de causar receio e estranhamento. Duarte (2002, p.1) aponta que “a pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados.”

Por várias vezes aquele local trouxe muitas lembranças. Nesse sentido, compreendemos que tanto os espaços como os lugares “localizam” a experiência e a existência dos indivíduos. Yi-Fu Tuan (1980) relata que “a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência” (p.10). Desse modo, o lugar torna-se familiar devido a experiência cotidiana; e faz com que se perceba que muitas vezes, onde se tem raízes, há o sentimento de associação e pertencimento.

A entrada no interior da feira para fazer as observações, revelou que teríamos dificuldades para pesquisar o objeto de pesquisa. Para Vianna (2003), as observações devem ser concretas e a maneira usada para registrar os dados também deve estar definida.

O autor citado anteriormente destaca que durante esse processo é fundamental que o pesquisador se pergunte se está deixando de inserir algo importante e dando ênfase aos elementos desnecessários, ao invés de preocupar-se com elementos que possuam realmente significado para o contexto da observação.

Outro ponto importante é que a análise das informações obtidas por meio da observação deve se estabelecer sem a intenção de modificar os dados, pois, no contexto de uma pesquisa, a observação visa a gerar novos conhecimentos e não necessariamente confirmar ou negar teorias. Portanto, o observador não busca um comportamento específico, ele apenas observa e registra os diferentes acontecimentos (VIANNA, 2003).

Logo, a proximidade de alguém para observar ou até fazer alguma pergunta, demonstra que a maioria desses trabalhadores não permitiam qualquer abordagem, chegando ao ponto de ouvirmos respostas duras da parte de dois

senhores peixeiros, durante as tentativas para aproximação através de uma conversa informal.

Afinal uma coisa é ser consumidora dos pescados; a outra é ser alguém que se que aproxima; e o fato de ficarem atentos às pessoas que chegam perto demonstrando alguma curiosidade, os incomodam bastante. São questões “que possibilitam o manejo da etnografia, que a partir daí derivam algumas considerações importantes”.(TRIVINOS,1987,p.122).

Sobre isto, Certeau (1996) destaca que é fundamental “acompanhar alguns procedimentos – multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos – que escapam ao nosso olhar e mesmo assim não podem ficar fora do lugar onde acontece, em busca da compreensão que torne possível outro caminho, para problematizar o cotidiano e a análise deste.

Esclarecemos que as colocações anteriores ocorreram antes da escolha dos peixeiros que posteriormente foram entrevistados, ou seja, estava na etapa da observação do campo. Entretanto, elas serviram de apoio para organizar as estratégias de abordagem, identificar concepções, ideias e referenciais simbólicos, que organizam as relações no interior desse meio profissional, buscando compreender os códigos e as visões daqueles sujeitos em suas atividades laborais.

Ao iniciar a recolha de dados para a pesquisa, organizamos, dividindo em etapas, desde da observação em campo até aplicação das entrevistas, de acordo com as formas de se fazer pesquisa qualitativa, como características dessa metodologia, de acordo com a sequência:

- ✓ Primeiramente, foi necessário fazer o levantamento de estudos e pesquisas que tratam do tema;
- ✓ Em seguida fizemos o levantamento bibliográfico de teóricos que lidam com tema corpo, corporeidade, movimentos e práticas corporais no trabalho;
- ✓ As frequentes idas antes para o reconhecimento do campo, foram necessárias, de modo a permitir o acesso seguro ao local da pesquisa.

- ✓ Posteriormente, fizemos aproximação e familiarização com o universo da pesquisa e após a escolha dos sujeitos entrevistados, apresentamos o projeto de pesquisa para explicar os objetivos da pesquisa.
- ✓ Em um segundo momento, foi realizado um levantamento de dados quanto ao trabalho dos peixeiros, tipos e as atividades desenvolvidas de onde vem ou para onde se deslocam até chegar à feira, equipamentos usados para tratar o peixe, e quantidade de trabalhadores envolvidos diariamente;
- ✓ O terceiro passo foi o emprego das entrevistas, aplicadas pela pesquisadora.

A própria relação estabelecida entre as pesquisadoras e os entrevistados, demonstrou que a entrevista gravada gerou uma relação de confiança, o que permitiu aos entrevistados compreenderem as perguntas sobre alguns aspectos mais complexos, por exemplo, “da relação do sujeito com seu corpo”, como, ou “o corpo como ferramenta de trabalho”, ou “seu corpo fala ou comunica”, compreendidas quando se viram confrontados nas entrevistas gravadas, gerando maior confiança nas pesquisadoras.

Portanto, uma vez que foi esboçado o universo dos sujeitos que passamos a lidar no contexto da pesquisa, foi possível compreendermos que “o corpo é socialmente concebido e que a análise da representação social do corpo oferece uma das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular [...]”(RODRIGUES,1983, p. 44- 63), pois o ambiente no qual os sujeito realizam as atividades laborais, tem valor essencial para o alcance da compreensão sobre o objeto do estudo pesquisado.

1.3. As entrevistas

A entrada na feira Manaus Moderna envolveu a realização das entrevistas, que de certo modo trouxeram uma gama de inquietações, apesar de muitas vezes termos ido para o interior desta feira, até então um lugar que não poderia ser considerado original, pois já havíamos compreendido que o dia a dia dos sujeitos em seu ambiente de trabalho, exigiria interação com aquele contexto .

No entanto, não foi tão simples, pois além da observação do cenário onde os peixeiros desenvolvem as atividades laborais - encontra-se um ambiente marcadamente complexo; logo, os dados da realidade na qual nos baseamos para elaborar os argumentos, não estavam prontos e objetivos; não bastava apenas dispor dos instrumentos para recolhê-los e ao mesmo tempo, prontos para serem coletados e analisados.

Um dos momentos que pode ser considerado como a realidade “não pronta e acabada” refere-se ao roteiro da pesquisa; previamente pronto e organizado, durante a realização das entrevistas, (a partir da aplicação da entrevista – teste),houve a necessidade de rever algumas questões que já estavam colocadas e inserir outras, que foram aparecendo no decorrer do trabalho de campo.¹⁰

Para Brandão (2000), nossas conclusões somente são possíveis em razão dos instrumentos que utilizamos e da interpretação dos resultados a que o uso dos instrumentos permite chegar; portanto, relatar procedimentos de pesquisa, mais do que cumprir uma formalidade, oferece possibilidade de refazer o caminho e, desse modo, avaliar com mais segurança as afirmações que fazemos.

Complementa a autora, que a realização das entrevistas depende da experiência no campo. Por mais que (hipoteticamente) se saiba, o que se está buscando, adquirir uma postura adequada à realização de entrevistas semiestruturadas, é encontrar a melhor maneira de formular as perguntas; é ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão, ter algum controle das expressões. São competências que só se constroem na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza.

Apesar disso, foi interessante notar que o roteiro das entrevistas previamente organizado, levou à reflexão, e melhor ainda a entender logo no início da aplicação do mesmo, que poderia surgir problemas a serem enfrentados, erros cometidos, escolhas feitas e dificuldades descobertas. Para Volpato (2013), “o planejamento [...] permite prever as varias etapas e situações da pesquisa [...] e fornece a possibilidade de se corrigir antecipadamente” (VOLPATO, 2013, p.214).

¹⁰ “A ideia expressa pelo sujeito numa entrevista [...] analisada e interpretada, podem recomendar novo encontro [...] para explorar o mesmo assunto ou outro tópico, que se consideram importantes para o esclarecimento do problema inicial”. (TRIVINOS, 1987, p.137).

Por tratar-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, houve a realização das entrevistas semiestruturadas,

Um dos principais meios que tem o investigador para realizar a coleta de dados e a obtenção de melhores resultados direcionados a diferentes grupos, cujo informante começa a participar da linha de pensamento do investigador, sobre o fenômeno social que interessa". (TRIVINOS, 1987, p.146).

Devido situações relatadas pelos peixeiros selecionados para as entrevistas, alguns deles foram resistentes pois,

- ✓ Negam-se a conceder entrevistas porque segundo eles, várias vezes foram abordados da forma que não esperavam; e que esse tipo de situação geralmente é causada por repórteres;
- ✓ Relataram também que foram surpreendidos durante o trabalho, devido fato de repórteres impor o microfone sem o consentimento deles para conceder a entrevista;
- ✓ Houve também o relato de que quando cedem às entrevistas, a mesma é contada de modo diferente do que falaram;
- ✓ Por fim, relataram que já foram enganados por pessoas que se apropriaram das informações sobre o trabalho que realizam e que a pessoa ficou de retornar para dar um *feedback*, mas que nunca voltou.

Disto resultou na percepção de que o peixeiro demonstrou ser um profissional resistente a conceder entrevistas.

Duarte (2002) assinala que quando se trata de um setor ou grupo social cujas delimitações são muito fluidas, a definição da base da enquete constitui-se um problema uma empírica; no entanto, Feyerabend (1989), num trabalho denominado "Contra o método", assinala que nada substitui a criatividade do pesquisador. Confessamos que em alguns momentos, foi preciso usarmos da criatividade.

O roteiro da entrevista contempla uma etapa que objetiva traçar um perfil da categoria profissional em questão, partindo para a elaboração de um cadastro com dados dos sujeitos, que incluiu o perfil socioeconômico dos peixeiros entrevistados.

A partir daí, organizamos os dados com referências aos entrevistados que auxiliaram quanto ao reconhecimento de como é formada a amostra, como parte de questionamentos básicos que interessam a pesquisa, como seguem:

- ✓ Nome e idade
- ✓ Sexo e Naturalidade
- ✓ Endereço, Cidade e Estado:
- ✓ Tempo de moradia e renda
- ✓ Religião e Estado Civil:
- ✓ Tem filhos e Escolaridade

A sequência do roteiro deu-se a partir das perguntas que contemplaram a investigação: aqui a tarefa foi verificarmos, mediante a pesquisa qualitativa, os sujeitos entrevistados e percebermos, a partir dos relatos sobre suas atividades, elementos da corporeidade dos peixeiros, durante suas atividades laborais.

E mais: o tipo de atividade que realizam e o interior da feira Manaus Moderna, o local em que esses sujeitos trabalham; esclarecemos que o roteiro da entrevista no enfoque da pesquisa qualitativa, é o resultado da teoria que sustenta a ação do investigador (TRIVINOS, 1987).

As entrevistas foram escritas e gravadas, devido o fato de contribuir melhor com a problemática investigada. Todas as entrevistas foram conduzidas pelas pesquisadoras. Seguindo um roteiro previamente elaborado, baseado nas perguntas do questionário, os sujeitos entrevistados puderam se expressar livremente; e em alguns momentos surgiram respostas que foram contempladas na fala dos entrevistados, antes mesmo que as perguntas fossem feitas.

Entretanto, foi necessário esclarecer algumas perguntas consideradas pelos entrevistados como incompreensíveis, pois a “este lhe cabe ser explícito”(TRIVINOS, 1987,p.147); por exemplo, perguntas que tratam da relação com o corpo, ou seja, “seu corpo comunica” ou “seu corpo é uma ferramenta de trabalho”. Em determinado momento, elas foram compreendidas quando os entrevistados se viram confrontados com próprio movimento corporal que realizam durante o momento em que tratam os peixes.

Todas as entrevistas ocorreram no interior da feira, pois foi uma das condições dos peixeiros para participar da pesquisa. Em média, as entrevistas duraram entre 40 a 60 minutos devido as circunstâncias do local, pois os sujeitos, de vez em quando, precisavam parar de conceder as informações, por estarem a trabalho. As entrevistas foram acompanhadas de anotações gerais.

Alerta Brandão (2000) que entrevistas realizadas em locais de trabalho, geralmente trazem situações externas que frequentemente as interrompem, obrigando a retomar a narrativa de um outro ponto ou, até mesmo, a desistir de vez daquele assunto.

Enfim, a presença marcante dos sinais que caracterizam ambientes designados como "de trabalho" costumam aguçar a ansiedade com relação ao tempo de duração do depoimento, interrompendo o livre fluxo de ideias e precipitando a interrupção do depoimento. (Idem).

No entanto, buscamos obter respostas que permitiram as análises das relações estabelecidas naquele meio e a compreensão de "significados, sistemas simbólicos e de classificação, códigos, práticas, valores, atitudes, ideias e sentimentos"(DAUSTER, 1999, p. 2). Em alguns momentos, outros peixeiros ouviram as entrevistas, talvez pela curiosidade ou para saber o que estava sendo perguntado/relatado.

Em um ambiente com muito barulho, pessoas falando alto e transitando ao mesmo tempo, o comércio de compra e venda dentre outras situações, foram presença marcante no momento das entrevistas; mas fizemos de tudo para não perder o "fio da meada", pois não poderíamos perder a oportunidade, porque seria difícil conseguirmos outra.

Posteriormente, as entrevistas foram transcritas na íntegra. Houve cuidado em escrever igualmente a fala dos entrevistados, respeitando as expressões e o modo de falar de cada um deles.

Zaia Brandão (2000), destaca que é trabalho e como tal "reclama uma atenção permanente do pesquisador [...], obrigando-o a colocar-se [...] à escuta do que é dito, a refletir sobre a forma e conteúdo da fala do entrevistado"

(p.8), justamente pela maior densidade de informações que elas contêm. Os nomes dos entrevistados não foram revelados, para preservar suas identidades, o que foi explicado antes.

Por tratar-se do corpo e da corporeidade do peixeiro da feira Manaus Moderna, a pesquisa em seu interior, demonstra que o corpo desse homem é dotado de determinadas práticas habituais presentes em seu local de trabalho, pois revela sua arte, profissão e seus saberes; e que constituem no modo de agir do ser peixeiro, como uma grande quantidade de “técnicas corporais, uma ferramenta produtiva para o sistema em que se encontra inserido”(MAUSS,1934,p.3).

A nosso ver, são aspectos que possibilitam perceber como esse trabalhador se apresenta bem como apresenta seu corpo na contemporaneidade; e de fato, mais do que explicações homogêneas, debater corpo e corporeidade exige análises interdisciplinares; e colabora desse modo, com o conhecimento e as contradições inerentes ao corpo e ao trabalho.

1.4. SUJEITO DA PESQUISA: o peixeiro da Feira Manaus Moderna

A abordagem qualitativa constitui-se, em essência, naquilo que tange a natureza do ser e da realidade vivida a fim de que oriente a construção do problema de pesquisa, constituindo o objeto a ser estudado. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa se condensa por meio de um processo de interpretação e compreensão, cujo cenário apresenta-se simples em um primeiro momento; porém não pode ser considerado como uma realidade determinada, devido ser formada por variados sujeitos.

Logo, a pesquisa qualitativa parte da ideia de realidade como construção e “consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo”(DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 17).

Para tanto, faz-se necessário ter em conta que dentre os impactos significativos para pesquisas em ciências humanas, a noção de um sujeito que se expressa, compreende, interage e interpreta deve ser colocada em primeiro plano, como “um narrador de si mesmo”[...] essencialmente um contador de histórias que extrai sentido do mundo através das histórias que conta” (BARTHES,1976,p. 25).

Entretanto, ao seguirmos a linha metodológica da pesquisa qualitativa, esclarecemos que pesquisador e participantes não são prisioneiros do instrumental metodológico, haja vista que durante os processos de investigação, os sujeitos da pesquisa podem ativamente se expressar

Nesse contexto,

A pesquisa possui aspectos teóricos, metodológicos e práticos, transpondo o reducionismo do empirismo. A realidade é interpretada a partir de um embasamento teórico, sem a pretensão de desvendar integralmente o real e possui um caminho metodológico a percorrer com instrumentos cientificamente apropriados (JOSÉ FILHO, 2006, p.65).

Dessa forma, a entrada na feira Manaus Moderna para identificar a corporeidade dos peixeiros por meio dos elementos evidenciados na sua profissão, demonstraram que não encontraríamos respostas prontas aos instrumentos da pesquisa.

Nesse tipo de abordagem, o qualitativo está na qualidade do conteúdo expresso, via interação dialógica com o pesquisador, abrindo janelas interpretativas do fenômeno estudado, orientadas pelos objetivos da pesquisa, que possibilitou conhecer e a lida desses sujeitos.

Para tanto, foi necessário fazer a definição dos sujeitos da pesquisa mediante critérios determinados, dentre eles entrevistarmos sujeitos, nesse caso os peixeiros, que trabalham diretamente na função que atuam no interior da feira Manaus Moderna. Os sujeitos dessa pesquisa foram identificados como “peixeiros, 2018”. A realização das entrevistas teve como finalidade, obter o máximo de informações ligadas ao objeto de estudo.

Para Chizzotti (1995, p.90), as entrevistas expressam “as representações subjetivas dos participantes”, possibilitando intervenções do pesquisador em sua realidade ou ações transformadoras mediante questões problemáticas.

Sobre o sujeito eleito para esta pesquisa, o peixeiro da Feira Coronel Jorge Teixeira, conhecida popularmente como Manaus Moderna, é um trabalhador urbano que possui uma capacidade de interação com o outro diante do jogo social com fregueses e mesmo com outros colegas de trabalho. Capacidade obtida de um

longo processo de aprendizagem, construído por familiares e até mesmo do empregador ao empregado, pois muitos peixeiros inclusive ao iniciarem suas atividades caso não tenham tanta experiência, atuam como auxiliares.

A maioria dos peixeiros apresentam idades que varia de 18 a 60 anos. e possuem ensino fundamental (completo);ou não complementaram os estudos; apenas um diz ter feito curso de técnico de segurança no trabalho. São casados e tem de um a três filhos

Os sujeitos da pesquisa são oriundos da capital e do interior do estado e de outros lugares da região norte. De acordo com seus relatos, nota-se que a relação idade e tempo de atuação no trabalho revelam experiência e o conhecimento da atividade de peixeiro que realizam no interior da feira.

Usam uniformes: uma bata branca com mangas, calças compridas, a maior parte usam botas plásticas ou tênis, bonés e toucas, devido serem obrigados a cumprirem as regras no interior da feira, conforme as regras básicas para o desenvolvimento das atividades de peixeiro,

“as regras é: chegou aqui tá com o fardamento, entendeu? e se comportar como se fosse viver amigavelmente com todo mundo; não brigar; não criar contenda; viver de acordo bom pra sociedade”.
(Entrevista, peixeiro 2018)

Dentre as diversas atividades laborais na feira, o sujeito é um trabalhador conhecido com peixeiro; nessa feira, a categoria é formada pelo gênero masculino; vestidos com um jaleco, calça ou bermudas brancas, bota plástica, boné ou touca na sua cabeça, desenvolvem a atividade laboral no setor da feira denominado setor do pescado ou de venda de peixe, que fica localizado na parte de trás, ou seja, no final da feira.

Chegam à feira Manaus Moderna entre 03 e 30h até da 4h da manhã, trabalham durante a semana e também aos sábados, domingos e feriados até às 17h30, isto se o produto não terminar logo. Passam o dia inteiro em pé, dentro de uma divisória que eles chamam de box ou ilha.

Destacamos que as observações da vida do trabalho dos peixeiros, revelaram que o espaço onde realizam as atividades é limitado, tanto para

quantidade de peixeiros como para tratar os pescados, dependendo do tipo dos peixes. Mistura-se a tudo isso, a entrada e saída daquele ambiente, devido o grande o fluxo, tanto de pessoas, quanto de produtos.

A Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Feiras e Mercados (Subsempab), vinculada à Prefeitura de Manaus é a encarregada pela fiscalização e organização do funcionamento da feira. Desse modo, o permissionário da feira Manaus Moderna, em que se encaixam os peixeiros – seguem regras determinadas por este órgão institucional.

Devido a isso, são supervisionados pelos fiscais da Subsempab, que dentre a regras estabelecidas, delega que: os peixeiros não podem sair do local do trabalho, não podem atender ou falar ao telefone; ou ficar conectados em redes sociais durante as atividades. No final do expediente, devem deixar a banca limpa. Não podem afastar-se para longe do box, nem carregar e nem transportar os pescados; não podem consumir bebida alcoólica e nem fumar durante o expediente.

Passam o dia inteiro molhados, seus jalecos geralmente ficam manchados pelas vísceras dos peixes. São responsáveis por uma boa quantidade da venda de peixes que vão abastecer muitas mesas, lanches, barracas, tanto na capital quanto nas cidades do entorno.

De acordo com as entrevistas, este segmento de trabalhadores, desenvolvem suas atividades há mais de 10 anos e tem experiência como peixeiros, tanto na feira coberta da Manaus Moderna como em outras feiras da capital. A maioria trabalha com parentes, conforme o relato de um dos sujeitos entrevistados. “a maioria tudo são parentes; irmãos, tios e “às vezes” primos e tem os vizinhos da banca “ (entrevista peixeiro 2018).

Alguns são donos da banca; outros trabalham em bancas alugadas, porém não quiseram falar quantos alugam e quantos são donos dos boxes. Relataram que não tem vínculo empregatício, não tem carteira assinada, não pagam a previdência.

Apesar de alguns serem considerados como auxiliar de peixeiros, a pesquisa constatou que para eles não há uma hierarquia de funções, haja vista que

internamente há o permissionário, dentre eles, o peixeiro, que de fato exercem a mesma função.

“aqui mais ou menos, todo mundo faz tudo; a gente lava a banca, a gente vende o peixe; a gente faz tudo; a gente atende o freguês; aqui não tem negocio de não tem patrão; eu e meus filhos nos trabalha junto; não tem esse negocio de um ser melhor do que o outro não ; a gente trabalha com família ne? eu e meus filhos; trato os peixes; eles tratam”. (Entrevista, peixeiro 2018).

Portanto, no olhar destes trabalhadores, por ser um emprego informal, todos exercem e entendem da mesma atividade a ser desenvolvida. E diferente dos empregos formais, não existe distinção de classe, cargo e/ou função. Eles se tratam da mesma forma, o que traz uma importância estratégica na perspectiva individual de cada trabalhador em seus boxes.

Logo, seja como auxiliar ou permissionário, há o “forte disciplinamento da força do trabalho, a implantação de novo mecanismo de capital e de trabalho intensivo”(ANTUNES,2018,p.104).

A maioria reside nas zonas Leste e Norte da capital, porém fazem suas refeições na feira fornecidas pelos restaurantes que ficam no interior ou próximos do local. Observamos que sua alimentação é composta principalmente por arroz, peixe, carne ou frango acompanhadas pela farinha uarini ova, (o famoso pirão) que inclusive não é encontrada com facilidade nas outras regiões brasileiras, vinagrete¹¹, pimenta, limão.

As refeições não são acompanhadas de frutas, verduras e legumes, embora na feira Manaus Moderna a oferta desses produtos tenha grande variedade. Logo, verificamos a ausência de uma alimentação equilibrada e saudável como asseveram os especialistas da área, não se faz presente na alimentação do peixeiro¹².

No entanto, é preciso considerar que o hábito de comer determinados tipos de alimentos, faz parte das nossas práticas culinárias, como por exemplo, o

¹¹ Molho que acompanha – cheiro verde, pimentão, cebola, tomate, vinagre, azeite e sal.

¹² Esclarecemos que não é tarefa desse estudo a análise sobre hábitos alimentares dos sujeitos da pesquisa, entretanto, pensamos que o destaque é importante.

consumo do peixe acompanhado da farinha d'água, que constituem uma das bases da identidade cultural do povo amazonense, principalmente por aqueles que moram na cidade, mas tem suas origens advindas do interior.

Os peixeiros entrevistados relataram que fazem parte do Sindicato dos Feirantes e pagam uma taxa para o sindicato, tendo à frente o presidente e o representante da administração da feira. Há reunião mensal do sindicato. A maioria relatou que participam das mesmas.

Os entrevistados deixaram claro que não podem deixar de pagar a taxa, pelo fato de terem a banca lacrada; logo, esses trabalhadores ficam à mercê de uma estrutura que condiciona o funcionamento da feira ao pagamento da taxa, sobretudo nas atividades de manutenção, limpeza e etc. conforme relato abaixo

“rapaz é melhoria né; melhoria pra vida da gente quando a gente precisar do sindicato a gente procura ele né? o sindicato é o órgão mais competente; porque aí é uma força; porque a gente sozinho não tem tanta força; quando a gente tá com o sindicato né, aí já dá uma força maior”. (Entrevista, peixeiro 2018).

Em face desse desenho, é possível dizer que embora a arrecadação da taxa vise a melhoria da estrutura do ambiente, o relato de um dos entrevistados demonstra inquietação quanto a imposição da cobrança; certamente pelo receio de perder a garantia de continuar trabalhando para o sustento da família, repassando para os trabalhadores responsabilidades, que deveriam ser do poder público.

“não; pra prefeitura não; pra comissão gestora; é para manutenção da feira, limpeza, pessoal carregar as vísceras; essas coisas; é semanal; se não pagar ; três vez se tu não pagar eles lacram a tua banca”.(Entrevista peixeiro,2018).

Logo, seja como auxiliar ou permissionário, há o “forte disciplinamento da força do trabalho, a implantação de novo mecanismo de capital e de trabalho intensivo”(ANTUNES,2018, p.104).

“no momento, minha profissão; eu acho ela boa; certo; porque eu não tenho o que falar; porque é como eu falei; aqui assim a gente leva um peixe pra casa...leva farinha; a gente leva uma fruta; uma verdura né...como se eu tivesse trabalhando empregado, a gente so ia levar por mês né? aí eu gosto da minha profissão”(Entrevista peixeiro,2018).

Ademais, pode-se dizer que o trabalho que desenvolvem, está inserido no chamado mundo precário da informalidade, o que foi denominado por Harvey (2000, p. 125) de “novas estratégias de sobrevivência para os desempregados”.

Ao realizar essa pesquisa, constituiu-se em investigar como os peixeiros da feira Manaus Moderna desenvolvem o trabalho a fim de revelar os aspectos estéticos, visual e tátil de modo que demonstre as atividades laborais desses trabalhadores manifestadas em seus movimentos como habilidades das suas práticas laborais, formadoras da identidade social e cultural refletidas em seus corpos.

Todavia, os peixeiros compartilham e contam histórias que promovem um conhecimento sociocultural, onde a interdisciplinaridade se faz presente na feira.

Seria ignorância afirmar que os feirantes não buscam dinheiro, pois o caráter monetário é mais um componente da rede de relações sociais baseados na reciprocidade. É isso que é demonstrado na vivência dos feirantes. O fator monetário não é um determinante e muito menos um centro gravitacional onde as demais relações giram em torno. O dinheiro não significa a mera aquisição de bens materiais. Os bens materiais são instrumentos na reprodução social via territorialidade. Portanto, a aquisição de dinheiro dá sentido a aquisição de uma matéria que tem em sua significância a não-matéria. Significa a manutenção do vínculo entre pessoas que tem a reciprocidade como o cerne do seu modo de vida. (FERNANDES, 2006, p.50).

Na Amazônia a pesca é uma das atividades extrativistas mais tradicionais e importantes do ponto de vista socioeconômico, ecológico e cultural. Além dos pescadores que são essenciais para a retirada do peixe do rio, há outros trabalhadores que fazem parte deste cenário que beneficia muitas famílias, trata-se dos peixeiros.

Suas atividades de alguma forma deixam parte de si e de seu trabalho e constroem relações entre eles e a clientela, no mundo das atividades dos peixeiros, o corpo é o centro de entretenimento. Um universo plenamente material, físico, que simboliza a ousadia, risco e risos, quando consideramos que são as atividades corporais feitas na “arte da feira”.

Nesse universo, do qual faz parte o trabalho dos peixeiros e as práticas destes por meio de seus corpos, evidenciam que em seus movimentos, há uma

inteireza em seus gestos, cujos movimentos são percebidos a partir de seus grupos musculares e de funções orgânicas, aplicados com finalidades específicas, úteis, reveladoras de concepções culturais, econômicas e sociais, desde “do menor gesto do trabalhador em atividade produtiva na indústria e na fábrica, que se afirma como expressão do domínio do homem sobre a natureza,[...]enfim, o modo de realizar a tarefa[...] a forma de viver (SOARES,2013,p.27), revelando simbologia da sua prática corporal na profissão

Desse modo, a intensidade da atividade laboral dos peixeiros da feira Manaus Moderna é percebida no dia a dia; logo, é importante alertar que nossa aparência imediata no mundo também se dá pelo corpo; por isso constata-se que o nosso mundo interior se reflete quando adoecemos, pois esse corpo é finito e envelhece, sobretudo devido a forte imposição de padrões de consumo em um modelo de economia competitivo, que notadamente marcam o corpo do trabalhador

Apesar das dificuldades e dos desafios existentes, a feira Manaus Moderna representa para o peixeiro a garantia de seu sustento; ademais, garante também a circulação da compra e venda do pescado para a capital, pois simboliza a importância que o peixe tem como alimento, independente do lugar social que o consumidor ocupa.

Logo podemos dizer que as entrevistas revelam que os sujeitos entrevistados conhecem o trabalho que realizam e acreditam em sua importância para a cidade; e contam com o aprimoramento e melhoria para a qualidade no trabalho desenvolvido, conforme as falas a seguir

“Ser peixeiro é. um trabalho que a gente escolheu; tivemos oportunidade de estudar; mas então é uma atividade como outra qualquer; peixeiro é peixeiro; tem que se virar nos trinta pra exercer a profissão dele né? Peixeiro é o que compra do pescador para vender o peixe; vir pra banca; gritar pra chamar o freguês e assim vai né? “(Entrevista peixeiro , 2018).

“minha vida, minha história; até me emociono; é significativa pra mim; apesar de eu ter pouco estudo; mas daqui eu pago duas faculdade: pra minha namorada e pra minha filha; assisto minha mãe , dou de comer aos meus filhos; se eu tivesse no distrito eu não faria isso”. (Entrevista peixeiro , 2018).

“é poxa! aqui nós ajuda muito né? a gente vende pra vários restaurantes; a gente vende pra cozinha industrial; pra população

geral; dá possibilidade de emprego, porque emprega tanto aqui como nos restaurantes que consome nosso peixe". "(Entrevista peixeiro , 2018).

"são o que tem e o que não tem muito dinheiro; o que não tem muito dinheiro... os tipos de cliente é o seguinte; tem uns que quer levar mais em quantidades; o rico ele quer levar mais em qualidade né ? o rico não vai comer um tambaqui desses de rio aí oh ! ele vai querer de 200 reais, 250 chega até 400; e o pobre chega aí desse lado, de 20 , 25 reais;"(Entrevista peixeiro , 2018).

"[...]porque tu chega em casa leva um dinheirozinho né; as chegam umas pessoas; que chegam ;aí a gente vê que a pessoa tá precisando; aí a gente dá uns peixes; aí no outro dia vem a pessoa e diz: obrigado mano, o pessoal tava lá de casa sem nada; Deus lhe abençoe ; que lhe dê; aí já é valorizando ne?" Entrevista peixeiro , 2018).

O corpo humano deixou de ser verdade para se tornar uma fórmula transitória e manipulável, se tornando uma construção social que passa por metamorfoses, se tornando uma interpretação permanente do mundo. "O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem". (LE BRETON, 2009, p. 70).

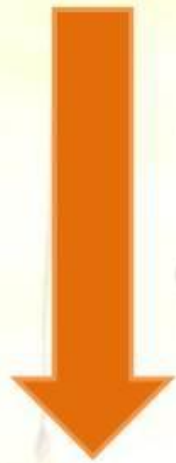
Compreendemos que ao relatar o campo da pesquisa e a pesquisa de campo, mas do que cumprir uma formalidade, oferece a possibilidade de refazermos o caminho e, desse modo, avaliarmos com mais segurança as afirmações que fazemos, bem como para a compreensão do universo investigado. Porém, registramos que o campo e a entrevistas podem, inicialmente, parecer tarefas simples, mas, quando disso depende realização de uma pesquisa, não é.

Quando fizemos a abordagens por meio da pesquisa qualitativa, entendemos que esse tipo método requer do investigador atitudes como abertura, flexibilidade, capacidade de observação e de interação com o grupo pesquisado (MINAYO, 2000).

E embora com desafios presentes durante a pesquisa, tornou possível compreendermos a necessidade de colocar-se no lugar do outro que este método ofereceu mais liberdade às pesquisadoras, a interação corporal, além de entender os significados dos gestos e sensações observados na postura dos entrevistados. Portanto, a escolha do método qualitativo nesta pesquisa, possibilitou a

interpretação e expressão do sentido dos fenômenos, fazendo assim uma aproximação entre dados encontrados para explicitar o discurso da realidade.

CAPÍTULO II



**A CIDADE E AS FEIRAS:
contexto das feiras no centro
de Manaus-Amazonas**

CAPÍTULO II- A CIDADE E AS FEIRAS: contexto das feiras no centro de Manaus-Amazonas

“Existem duas naturezas: uma primeira que não sofreu interferência humana e uma segunda, onde se pode perceber a interferência humana.” (LEFEBVRE, 1972).

2.1 Manaus Moderna: um cotidiano de diversidades

No Capítulo que ora se inicia apresentamos a feira Coronel Jorge Teixeira, conhecida como feira Manaus Moderna, sua origem, a importância como uma grande rede de circulação de compra e venda de peixes e de produto regionais, o cotidiano no interior da feira, como podemos dizer, “a mãe” de todas as feiras da cidade, demonstrando o local e o caminho que levam até o seu interior, bem como a informalidade do trabalho e os conflitos que predominam ao longo de todo percurso.

Para tanto, faz-se necessário falar de Manaus, cidade onde foi realizada a pesquisa, no Estado do Amazonas. Um breve relato sobre na capital do Amazonas revela que quando se na cidade de Manaus, logo vem a mente a exuberante floresta Amazônica. Quanto ao aspecto social, o que chama atenção são os prédios históricos do período áureo da borracha, um tempo de riqueza na economia da cidade, como passamos a relatar.

A cidade de Manaus possui, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2010)¹³ uma população estimada de dois milhões, cento e quarenta e cinco mil e quatrocentos e quarenta e quatro pessoas (2.145.444) que se destaca com maior concentração populacional nas zonas Leste e Norte da capital. O nome Manaus lembra a tribo indígena dos *Manáos*, que habitavam a região onde hoje é a capital amazonense e seu significado é “mãe dos deuses”.¹⁴

Manaus recebeu o nome de cidade da Barra e teve início com a construção do Forte da Barra de São José, junto à foz do Rio Negro. A cidade de Manaus

¹³ Fonte: Disponível no site do IBGE:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>> Acesso em 22 de outubro de 2018.

¹⁴ Fonte: Disponível no site do IBGE:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/panorama>> Acesso em 22 out. 2018.

inicialmente foi criada no século XVII. Em 1720 ergueu-se um povoado formado por portugueses, índios Manos, Caiari e Yuma.

O ano de 1758 tem como governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, criador da vila de Moura. Anos mais tarde os Manaos demoliram a vila de Mendonça Furtado e fundaram a vila de Manaos, sendo que em 1859 a cidade era conhecida pelos brasileiros como Barra do Rio Negro. Em 1833 passa à categoria de Vila, com o nome de Manaus. Em 24 de Outubro de 1848 recebe o título de cidade, tornando-se a Capital da Província do Amazonas.

Sendo a maior cidade do Estado do Amazonas, Manaus está localizada à margem esquerda do Rio Negro¹⁵. A partir de 1870, a cidade viveu o surto da economia gomífera, encerrando-se em 1913, em virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, fazendo com que a cidade retornasse a um novo período de isolamento até o advento da Zona Franca de Manaus (ZFM), em 1970.

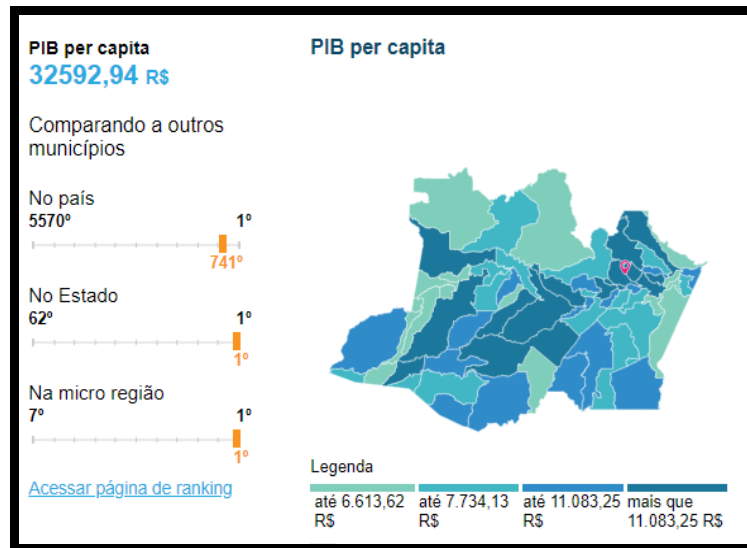
De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2015)¹⁶, o Produto Interno Bruto (PIB) do município de Manaus no ano de 2015 foi de 32.592,94 mil reais, onde o percentual das receitas oriundas de fontes externas é de 59,6 %. No trabalho e rendimento em 2015, o salário médio mensal era de 3.1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 26%.

Na comparação com os outros municípios do Amazonas, ocupava as posições três de 62 e 1 de 62, respectivamente. Já na comparação com cidades do País, ficava na posição 176 de 5570 e 796 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 37.9% da população nessas condições, o que o colocava na posição 62 de 62 dentre as cidades do estado e na posição 3021 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

¹⁵ A cidade teve início com a construção do Forte da Barra do Rio Negro. Idealizada pelo capitão da artilharia Francisco da Mota Falcão, em 1669, data que foi convencionada a usar o nascimento da cidade. Fonte: IBGE. . Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/historico>> Acesso em 17 de outubro de 2018.

¹⁶ IBGE – Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/panorama>> Acesso em 20 mai. 2018.

Mapa 1 – PIB Manaus



Fonte: IBGE (2015)

Conhecer e andar pela cidade de Manaus é como fazer uma viagem no tempo, principalmente porque o centro da capital tem alguns dos principais prédios históricos, dentre eles o Mercado Municipal Adolpho Lisboa, o Teatro Amazonas e o prédio da Alfândega de Manaus¹⁷, construídos na primeira década do século XX e que hoje fazem parte do Conjunto Arquitetônico da capital do Amazonas.

A forma de ocupação e de apropriação da beira-rio da cidade de Manaus, ao longo de sua expansão urbana, fez desaparecer sua paisagem original, o que de algum modo, determinaram a sua forma e o seu uso em função de suas necessidades; sendo que beira-rio é alternativa de sobrevivência, uma vez que o lugar oferece condições econômicas e de circularidade para o exercício de algum tipo de trabalho. (idem)

¹⁷ O Teatro Amazonas é o principal patrimônio arquitetônico e serve de palco para os maiores eventos do calendário cultural do estado, como os festivais de cinema, ópera, jazz e dança. Inaugurado em 1880, o Mercado Municipal Adolpho Lisboa, na Rua dos Barés, Centro, foi inspirado no mercado parisiense Les Halles e é um dos principais pontos comerciais de Manaus, com mercadorias típicas da região e artesanato local. O prédio da Alfândega do Porto está localizado à Rua Marquês de Santa Cruz, no centro da cidade. A Alfândega de Manaus foi Construída na primeira década do século XX e hoje faz parte do Conjunto Arquitetônico do Porto de Manaus, tombado como patrimônio histórico nacional em 1987. Fonte: Duarte, Durango Martins, 343. Manaus. 1. Ed. Manaus: Mídia Ponto Com. Ltda. EPP, 2012. ISBN: 978-85-61540-02. Disponível em:<<http://idd.org.br/343-manaus-livro-durangoduarte/>>Acesso em 17 out. 2018.

Imagem 1 - Mapa da cidade de Manaus e vista aérea da cidade

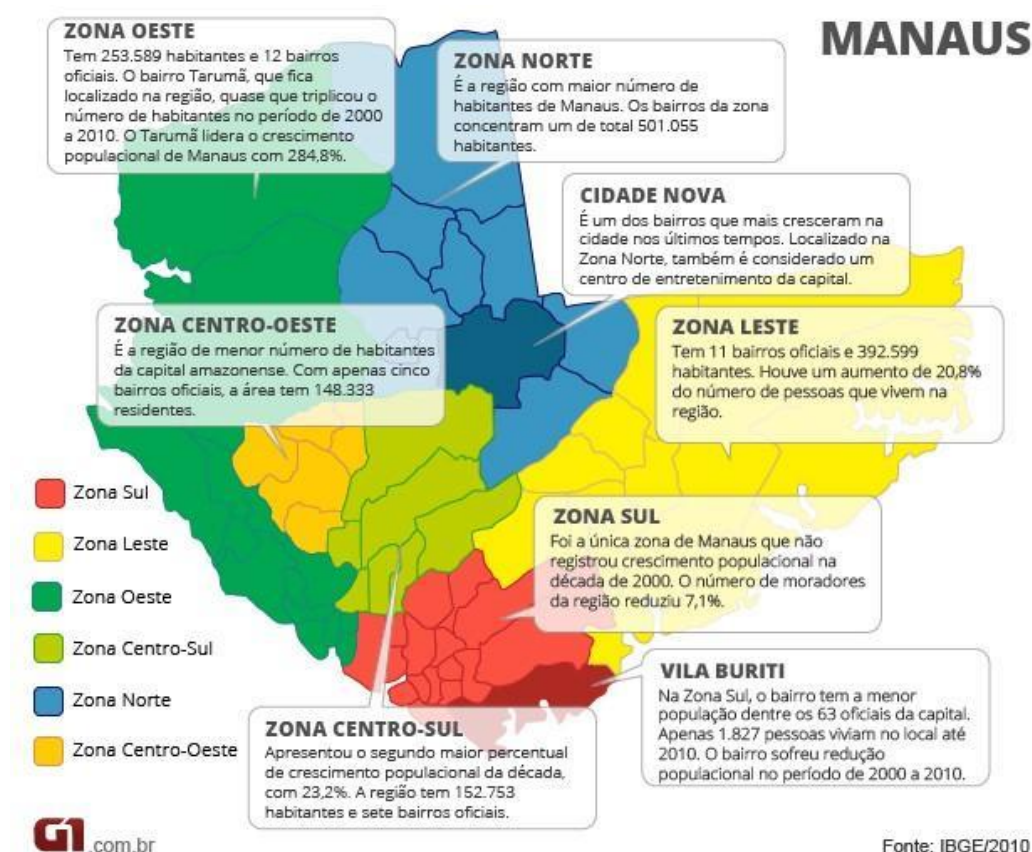


Fonte: <https://earth.app.goo.gl/>

Cortada por rios e igarapés, a cidade Manaus é uma mistura complexa de cenários divididos em sete (07) zonas urbanas, que entre o verde e o concreto em que se misturam, produz e reproduz modos de vidas, cujo cotidiano ora é caracterizado pelos conflitos de ordem social e espacial; ora por um convívio que reflete a situação dos impasses do sistema capitalista, como o desemprego, a falta de moradia; além da precariedade na educação, na saúde e segurança, pois “a cidade de Manaus tornou-se um lugar dos negócios, mas é também o lugar onde a contradição se revela”(SCHERER, 2012, p.39).

O mapa apresenta a divisão da cidade em zonas e demonstra o contraste urbano entre as zonas; e mais ainda: de acordo com o contraste de cada área da cidade, aumentam o problema de toda ordem.

Mapa 2- Zonas e bairros mais populosos da capital do Amazonas-Cidade de Manaus¹⁸



Fonte: IBGE, 2010.

Essas e outras condições “empurram” os habitantes das zonas da cidade a saírem para uma parte localizada no centro da cidade e que abriga um grande comércio de atacado e varejo denominado Manaus Moderna. Esse local é a orla ou a beira – rio de Manaus e comporta duas importantes feiras: a Feira da Banana e a Feira Coronel Jorge Teixeira¹⁹, conhecida popularmente como feira Manaus Moderna.

A beira-rio da cidade de Manaus se estende desde a foz do rio Tarumã até a foz do rio Puraquequara, abrangendo faixa contínua de aproximadamente 43 km. Em concordância com Silva (2011, p. 15) na extensão desse espaço localizam-se

¹⁸ Entre os anos de 2000 e 2010, Manaus cresceu 28,2%, em número de habitantes. A capital amazonense saltou de 1.405.835 para 1.802.014 moradores durante a década. A Zona Norte registrou o maior índice de aumento de residentes dentre as regiões da cidade, alcançando crescimento de 77,6%. Enquanto a Zona Sul foi a única área com redução de habitantes. Fonte: Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/manaus-de-todas-as-cores/2014/noticia/2014/10/veja-mapa-com-zonas-e-bairros-mais-populosos-da-capital-do-amazonas.html>> Acesso em 25 out. 2018.

¹⁹ Na década de 1970 a feira da Manaus Moderna é idealizada, porém, só em 1994 é inaugurada.

Ademais, o povo Amazônico tem grande relação com os rios e nesse sentido, ressalta Tocantins (2000, p. 278), “as ocorrências da vida de cada um estão ligadas ao rio, e não a terra: *fui muito feliz no Tarauacá, fiquei noivo no Envira e casei no Muru*”. Além do fluxo portuário e fluvial, a cidade de Manaus tem um grande fluxo de entrada e saída por via terrestre, a chamada área da Manaus Moderna, ou Avenida Beira Rio, um “espaço emblemático e vital para a cidade. Foi, e ainda é, um espaço dos modos de viver e trabalhar de muitos grupos sociais”(SAMPAIO,2001,p.23)

Quem sai das outras zonas da cidade em direção às feiras da Manaus Moderna, se depara com um dos principais atrativos da área central da cidade: a Manaus Moderna, um local possuidor de uma configuração que altera sua realidade paisagística, haja vista que o vai e vem das pessoas, devido o engarrafamento dos veículos, dificulta transitar pelas ruas próximas às feiras existentes nesse lugar. Devido prevalência de setores de gêneros alimentícios e produtos regionais que abastecem a cidade, meios de transportes, como ônibus de linhas, micro-ônibus, táxis, motos, bicicletas são bastante utilizados pela população para chegar à Manaus Moderna.

Há também a circulação de passageiros de automóveis solicitados por meio de aplicativos, o que torna aquelas ruas bastante disputadas, tanto pelas pessoas como também pelos caminhões de carga e descarga, que ocupam toda margem e as calçadas para o embarque e desembarque de produtos dos comércios de ambos os lados.

As frequentes idas ao campo da pesquisa permitem dizer que a preferência das pessoas por ganhar a vida na Manaus Moderna, deve-se ao fato da relevância econômica daquele complexo da cidade. “Assim, além de ser o espaço onde se realiza o abastecimento da cidade, é dessa área que muitas pessoas retiram a sua sobrevivência.” (SAMPAIO, 2001, p.24).

Um aspecto fundamental e que contribui para o contexto de alteridades da Manaus Moderna, é a presença de um porto popularmente conhecido como porto da Manaus Moderna, um lugar bastante movimentado devido à entrada e a saída de barcos com mercadorias oriundas dos municípios do interior e também de outras cidades da Região.

É um local muito procurado devido o transporte fluvial ser uma realidade continua até os dias atuais, pois em uma região onde os rios são as estradas, torna distinta a análise do sistema de abastecimento das cidades do Amazonas. “[...] cuja dinamicidade tem uma significação histórica, marcada pela expansão do mercado pesqueiro, nos fins da década de 60” (FURTADO, 1993, p. 435).

Não há um dia em que o movimento tanto de pessoas como dos trabalhadores não se misturem e nem se esbarram em um frenético vai e vem, portando malas, bolsas e outros objetos; é comum o embarque e desembarque de mudanças inteiras, produtos regionais e pescados, um sobe e desce utilizando escadas ou improvisos de escadas, com grande risco de acidentes²⁰.

Portanto, caminhar pela Manaus Moderna até o porto é compreender a dinâmica desse local; possibilita lançar luz sobre as diferentes relações comerciais. Nesse sentido, consideramos que além do embarque e desembarque de pessoas e de mercadorias, a compra e venda de peixes, põem o pescado em circulação, já que na área portuária dá-se o início do comércio desse alimento, oriundo dos nossos rios.

Aqui destacamos o protagonismo dos sujeitos que lidam com o pescado no porto da Manaus Moderna, ao primeiro raiar do sol, empreendem a circulação do pescado em direção às feiras, comércio e mercados e supermercados da capital.

De uns tempos para cá, a orla da Manaus Moderna vem sofrendo alterações marcadamente devido à presença de imigrantes haitianos, venezuelanos e peruanos, que saem de seus países de origem em busca de melhores condições de vida. À primeira vista, percebe-se que as pessoas que “vem de fora” vão para o entorno das feiras ou para seu interior, que de certo modo aumentam os desafios de um lugar especificamente complexo, compondo um novo palco de conflitos sociais em toda aquela área.

Disto resulta na percepção de uma construção de identidades, configurando-se em nova paisagem e ao mesmo tempo produzem o estabelecimento de elos

²⁰ Sobre este aspecto é importante ressaltar que as políticas de intervenção e modernização da Estação Hidroviária foi uma exigência de adaptação do capital, enquanto o porto da Manaus Moderna continua relegado a segundo plano, evidenciando uma segregação espacial que demarca um porto “popular”.(SCHERER,2012).

simbólicos. Sendo assim, “esse espaço tornar-se o lugar [...] um objeto carregado de valor e sentido, um centro de valores e sentidos’ pela subjetividade dos indivíduos e dos grupos” (BOSSÉ, 2004, p. 166).

Maria Stella Bresciani (1992) remete à reflexão de que, diferentes grupos sociais vão definindo e redefinindo constantemente as feições da cidade, por meio de várias estratégias, na constituição dos espaços a partir de suas experiências/vivências, na luta pelo espaço físico. E ao mesmo tempo sofre devido a chegada desse fenômeno indenitário e culturais que ocupam aquele lugar.

Embora falando de um espaço físico quais sejam as feiras e o porto da Manaus Moderna, para Santos (2008, p. 258), lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionantes, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Michel de Certeau (1994), ao distinguir “lugar” e “espaço”, aponta para a ideia de que o movimento condiciona a produção de um espaço. Para ele, o “lugar” diz respeito ao estável, enquanto “o espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (CERTEAU, 1994, p. 202).

À luz dessa realidade, a Manaus Moderna apresenta tensões e contradições que passam a existir porque cada indivíduo ou o seu coletivo, carregam mundos e formas diversificadas, características da pluralidade cultural, presentes tanto nos idiomas, como também nos aspectos físicos e nas maneiras de se vestir desses sujeitos, pois a cada ano, tem sido maior a proliferação dos imigrantes.

A presença desses indivíduos promovem comportamentos, às vezes sensíveis e penosos, inclusive em sua maioria de venezuelanos, ora pedindo emprego, ora pedindo esmolas. Não há distinção da idade: são crianças, adultos, jovens e idosos. Da parte de quem frequenta o local, percebemos que as atitudes de alguns frequentadores tem sido de exclusão, pois mesmo com a presença de mulheres com crianças de colos, que pedem nos pontos estratégicos da Manaus

Moderna, tornaram-se situações rotineiras, que parece não incomodar quem por ali passa.

Esse contexto permite dialogar com os conceitos de disciplina, introduzido por Michel Foucault em *a Microfísica do Poder* (1979), que analisa os dispositivos disciplinares instituídos no meio urbano, a partir do objetivo de criar padrões de comportamento considerados normais pela sociedade moderna.

De acordo com Costa & Arguelhes (2008), a elite vê a sujeira, a mendicância e a doença como o avesso das promessas de bem-estar e acusa a ineficiência dos condutores da sociedade, tornando-os alvo de vigilância e de avaliação. Assim, a perplexidade dos homens diante da nova realidade das multidões urbanas e das aglomerações que se movem sem parar, são ocorrências do ritmo da sociedade industrial.

Quem está acostumado a frequentar o local ora como trabalhador, ora como frequentador, percebe mudanças a cada ida, pois a dinâmica do lugar se configura em um cotidiano diverso, alterando cada vez mais todo aquele ambiente; por isso há conflitos existentes de toda ordem, caracterizando – se para quem não conhece, como um setor marginal e que traz apreensão tanto para os que vivem das atividades ali realizadas e também para os frequentadores.

Heller diz que “o moderno desenvolvimento capitalista exacerbou ao extremo essa contradição” (1972, p.39.) Entretanto, a autora destaca que “todos esses elementos são necessários à vida cotidiana, mas não devem “se cristalizar em absolutos”“. Para ela, devem permitir certa margem de manobra, caso contrário, há um processo de “alienação às condições de possibilidade de desenvolvimento genérico da humanidade, [...] que mais se presta à alienação” (HELLER, 1972, p. 39).

A autora refere-se a o cotidiano de um lugar caracterizado por conjunto de pressões do ambiente; logo, a área da Manaus Moderna e as feiras que lá se encontram, ganham significado complexo no que se refere à forma de viver em um sistema excludente, que muito mais do que físicos, configuram-se como “espaços redutores, [...], de relações sociais e afetivas reduzidas” (DAMIANI, 2007, p.52), recheado de situações em que as pessoas desenvolvem atividades,

possivelmente como um modo de apropriação do trabalho, um labor informal. (ANTUNES, 2005).

É um local onde encontramos pessoas sem atividade fixa, que fazem da Manaus Moderna o local escolhido para ganhar o sustento, desde da guarda de veículos, venda de produtos para os veículos estacionados; a venda de marmitas com valores à partir de R\$ 5,00, a venda de produtos importados e até remédios, oferecidos por ambulantes estrangeiros; há também a presença de pessoas conhecidas como “pegadores”, que oferecem serviços de massagem aos transeuntes que por lá que circulam.

Devido à falta de condições financeiras e também de apoio e incentivos, não há como incluir a maior parte desta população no mercado, muito menos quando ele continua privilegiando outros tipos de trabalhos e de trabalhadores. Ora, se entre bancários, professores, policiais, enfermeiros, todo um contingente de trabalhadores regularmente empregados são excluídos do mercado, o que não dizer dos informais que são em número crescente (MARICATO, 2002).

Vistos desse modo, sejam em pequenas e médias proporções, percebemos que se trata de um processo corrente e visível. Ademais, quando pensamos objetivamente, concluímos que a atenção e a diferença de situação das áreas nobres e periféricas são enormes.

Durante a pesquisa de campo, observamos que os anos de 2017 e 2018 foram os que mais receberam o maior quantitativo de pessoas em condições informais de subsistência -um aumento de fluxo, caracterizando aquela área como um local que foi “tomado” por muitas pessoas que convivem diuturnamente, que entre dormir e acordar nas calçadas das ruas, iniciam novamente o mesmo ciclo: ganhar uma renda diária para sua sobrevivência, reflexo de uma dura realidade, pois:

O homem faz de sua criação a evidência de sua indignidade. Lógica absurda, mas que lembra que a condição do homem é tramada na dimensão simbólica e que pertence ao homem decretar que o homem é pouca coisa e até mesmo nada, diante de outra instância, cuja superioridade é confirmada. (LE BRETON, 2012, p.90).

Bauman (2007, p.8) diz que “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante”. Ou seja, mesmo com uma rotina brutalizada, a cada dia as vidas que pulsam naquele lugar, poderiam ser contadas como uma história que a cada dia tem diferentes entre a rotina de que nada muda, mas ao mesmo tempo ali tudo acontece, pois da orla até o fim da avenida, principalmente em frente à Feira Manaus Moderna até o Mercado Adolpho Lisboa²¹, é comum vermos pessoas que recolhem lixos (das lixeiras) distribuídos pelo poder público.

Ao retratarmos o cenário da Manaus Moderna, nos trouxe a oportunidade de observar e descobrir um contexto que se tornou um guia para a compreensão de como se dá a rede de construção e de relações; inclusive no que se refere ao corpo: “constata que a classe popular mantém uma relação mais instrumental com o corpo, sem nenhuma atenção especial e o utilizam como instrumento de trabalho”.(LE BRETON,2012,p.82).

Para Geertz (1989), o mundo cotidiano é habitado por homens personalizados, caracterizados, classificados e rotulados dentro de um sistema de classes determinado por cada grupo. Desse modo, embora a área da Manaus Moderna seja um cenário que apresenta impasses de toda ordem, é também um ambiente de representações que participam da construção dessa realidade e é onde “cada indivíduo tem um papel específico de ator social” (GOFFMAN, 2013, p. 36; RADCLIFFE-BROWN, 2013, p.19.).

2.2. O caminho até a feira Manaus Moderna

Dependendo da época do ano, a chegada à área da Manaus Moderna ou nas ruas de seu entorno, a primeira logo vista observa-se, além do fluxo de pessoas, uma espécie de corredor para o fornecimento da variedade de alimentos, pescados, produtos do comércio, além da oferta de verduras e legumes, disponíveis em grande quantidade.

²¹ Um dos ícones da chamada arquitetura do ferro no Brasil, o Mercado Municipal Adolpho Lisboa é um dos símbolos da cidade de Manaus e constitui uma relíquia da época da borracha. O mercado é até hoje um local de reconhecimento da cultura manauara, onde podemos encontrar desde os produtos mais típicos da região, tais como as ervas medicinais e temperos nativos oriundos do interior do Estado, até os saborosos peixes de água doce e o artesanato indígena, tão apreciados não apenas pelos visitantes brasileiros, mas do mundo todo, que buscam saber um pouco mais sobre a cultura e os costumes do povo amazônico. Fonte: disponível em:<<https://www.band.uol.com.br/m/conteudo.asp?id=100000639537&programa=cidades>>Acesso em 14 out. 2018.

De acordo com o período de safra local e regional Silva (2011) relata que se torna um espaço de extrema importância ao comércio.

Essa área, que, desde o final do século XIX, vem se constituindo enquanto espaço importante de comércio para a cidade de Manaus, já comportou diversos elementos que foram lhe atribuindo uma variedade de denominações, como a “Cidade Flutuante” (entre os anos de 1920 e final dos anos de 1960), Feira da Beira da Praia do Mercado, Feira da Escadaria dos Remédios, Feira da Banana e, mais recentemente, área e Feira Manaus Moderna. (SILVA, 2011, p.48).

Complementa Santo (2008, p. 86) que esse tipo de situação “nos fornecem a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo”. Nesse sentido, a área onde se localiza a feira Manaus Moderna e seu entorno é um centro comercial que representa um forte peso econômico para a capital; sem contar que há outros pontos que são interligados por pessoas que “interagem continuamente; e revelam que a paisagem urbana contém as contradições inerentes à sociedade” (OLIVEIRA, 2003, p. 35).

Possuidora de um comércio de grande circulação e significativo para a capital e áreas metropolitanas, a malha urbana da Manaus Moderna até as ruas do seu entorno, demonstram que chegar até a feira Manaus Moderna é disputar com ambulantes que se instalam nas calçadas em frente aos comércios²², produtos que ficam expostos em carros de mão²³, em caixotes de madeira e também em balcões improvisados, onde cada vendedor vende “como pode”; e contribui com a incessante agitação, percebida a qualquer hora²⁴.

²² Às questões que envolvem a sobrevivência nas grandes cidades, como o trabalho e as demandas sociais presentes nesse cotidiano, haja vista que a economia ou a política na contemporaneidade, são as determinantes dos processos de transformações que ocasionam a crescimento das massas imigrantes, devido à economia do seu país de origem, que os exclui do acesso ao capital econômico.

²³ Objeto conhecido como carrinho de mão, é movido à energia [humana](#) usado para transportar [pesos](#). Composto de um [roda](#) esse objeto tem sido usado pelas pessoas que vendem frutas, verduras e legumes para seu transporte, não apenas em frente às feiras da Manaus Moderna, mas também em ruas e feiras de outras zonas. Disponível em: <<http://origemdascosas.com/a-origem-do-carrinho-de-mao/>>. Acesso em 19 out. 2018.

²⁴ Embora não seja o foco do estudo, há que se considerar a reflexão sobre o significado desse local da cidade, que a cada dia que passa, é marcado por tensões e disputas.

Imagem 2: setas para mostrar produtos expostos e o carro de mão



Fonte: acervo da pesquisadora (2018)

Em toda lateral da rua que dá acesso à feira Manaus Moderna, em ambos lados e também nas calçadas, comumente são oferecidos produtos como farinhas, gomas de tapiocas regionais, frutas e verduras oriundas da região, (em maior ou menor volume, dependendo do período), além de ervas medicinais. Logo, tornou-se cena comum o fato das pessoas comprarem desses vendedores ambulantes, que ao oferecerem seu produtos nas ruas e nas calçadas, estabelecem “uma feira” à parte da feira Manaus Moderna.

Imagens 3 e 4 - Fluxo de pessoas entre os vendedores ambulantes



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Andando mais um pouco, observamos que o cenário onde localiza-se a feira Manaus Moderna, apresenta uma sequência de condições (diárias) que podem ser consideradas como características que se relacionam a problemas de ordem física, social e econômica; dentre elas, destacamos a falta de infra – estrutura, pois a

caminhada pode ser considerada uma das primeiras dificuldades, haja vista que as calçadas são tomadas por carros e pela ocupação dos produtos dos vendedores ambulantes, além de não ter reparos.

A isto soma - se a sujeira devido falta de lixeiras para recolha do lixo, que ficam jogados no meio fio das calçadas e a desorganização quanta a distribuição do comércio, pois os produtos que são oferecidos, ocupam as calçadas, que parecem ter “donos”; entretanto, quando observamos com mais atenção, constatamos a urgência de uma reforma, ao menos no que tange tornar aqueles espaços com menos dificuldades para fazermos compras.

Para Santos Filho (2011), o ambiente urbano se torna complexo também pelo fato de que é construído a partir do habitat humano, ou seja, empreende a análise em que o espaço urbano é concebido e desenhado através de um método abstrato e exógeno à natureza, embora sua materialização implique nova configuração ao ambiente.

De acordo com Santos (2012), há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra. Seu tratamento não pode ser alheio às realidades territoriais; logo, o valor do indivíduo depende, em larga escala, do lugar onde está sendo o que o cidadão é o indivíduo num lugar.

Souza (2013) relata que na prática, lugares são, menos ou mais claramente, e menos ou mais fortemente, quase sempre territórios. Isso tem a ver com o fato de que às identidades sócio espaciais se associam, sempre, relações de poder especializadas (SOUZA, 2013, p. 121 – 122).

Um dos aspectos que também chamam atenção é a presença de sujeitos possivelmente bêbados, idosos abandonados, jovens certamente drogados, crianças trabalhando sozinhas ou acompanhadas, que se misturam ao grande vai e vêm de pessoas e do fluxo dos comércios, com uma espécie de “pessoas indesejadas”.

A primeira vista, consideramos uma visão chocante, porém não deixa de ser uma visão mais realista do lugar, “certamente reflexo da interação entre o homem

o ambiente do lugar, situados em uma área específica da cidade, de acordo com a percepção de Aldemir Oliveira (2003).²⁵

Para Pesavento (2001), a análise de determinado contexto histórico e social em seus jogos de relação, é construtora das atitudes e das condutas sociais, legitimando formas de ação e, ao mesmo tempo, de aceitação por parte daqueles que serão diretamente atingidos pois

“A cidade que se estrutura e se constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução de seus serviços públicos, intervindo nos espaços. Há um processo concomitante de construção de personagens com estereotipia fixada com imagens e palavras que lhes dão sentido preciso. Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser rechaçados e combatidos como inimigos internos, ou pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre eles se silencia e se nega presença.”(PESAVENTO,2001, p. 12 -13).

Nesse sentido, a autora expressa que, os chamados excluídos, demarcam uma produção historiográfica da vertente social, que privilegia o estudo dos chamados excluídos da história.

Complementa Araújo (2008),que as novas formas de percepção e de usos do espaço urbano tem sua pertinência no contexto da história social, porque a cidade na contemporaneidade nos traz algumas problematizações, por destacar os códigos e sentidos construídos pelos sujeitos para dar sentido ao mundo.(PESAVENTO,2001).

Castells (1990) faz uso do termo “sobrantes” ao se referir às pessoas consideradas inoperantes devido a conjuntura econômica, imposta pelas exigências da competitividade, da concorrência e da falta de oportunidades de empregos, na qual não há mais lugar para todos na sociedade do atual sistema. Para ele, os “sobrantes” são indivíduos que foram inválidos pela conjuntura econômica e social dos últimos vinte anos e que se encontram completamente atomizados, rejeitados de circuitos que uma utilidade social poderia atribuir-lhes (CASTELLS, 1990).

²⁵ Sobre questão, ver: **Cidade de Manaus: visões interdisciplinares**. José Aldemir de Oliveira. Manaus: EDUA, 2003.

Para sua sobrevivência dependem do mercado. Entretanto, este mesmo mercado não absorve mais sua força de trabalho, único modo que dispõem para buscarem a sobrevivência. Como não participam do processo de circulação de mercadorias, simplesmente sobram. (COSTA, 2005).

Além do mais, as sociedades contemporâneas têm gerado consequências negativas devido ao processo da globalização e o avanço tecnológico; tais processos configuram-se por meio da reprodução de desigualdades sociais e econômicas para boa parcela da população.

Do início do século e também na atualidade, a desigual distribuição de bens sociais, a discriminação, o desrespeito às diferenças, a incerteza, a involução de valores não são anomalias, mas constituintes do pensamento globalizado e do processo econômico em curso (COSTA, 2005), que ao longo dos tempos, não foi capaz de efetivar melhorias sociais.

Logo, a cidade nesta perspectiva é vista como palco de confrontos e experiências de diferentes sujeitos, e apesar de tudo, elaboram em seus cotidianos práticas que ressignifica o lugar onde vivem e cria para si novos referenciais para sua existência (ARAÚJO, 2008).

Aqui é proposto pensar sobre a condição humana, que de acordo com Hannah Arendt (2007) está intrinsecamente ligada as condições de vida imposta ao homem por ele mesmo, na busca pela sobrevivência, tais como a cultura, a família, o modo de pensar e agir, etc. Assim, todas as atividades humanas seriam condicionadas.

Souza (2009) relata que o aceno do progresso devido a criação da Zona Franca não acompanhou o desenvolvimento da estrutura da cidade, pois serviços como distribuição de luz e água eram precários, na medida em que a parte da população do Amazonas estava urbanizada.

Destaca Milton Santos (1996) que “a cidade é o concreto, o conjunto de redes, enfim, a materialidade visível do urbano enquanto este é o abstrato, o que dá sentido e a natureza à cidade.” (SANTOS, 1996, p.15). Desse modo, compreendemos que a realidade do cenário do Manaus Moderna - com suas

características próprias - é uma realidade que se integra a uma tendência de fragmentação, consequência de um modelo econômico que não dá condições de vislumbrar perspectivas de transposição social.

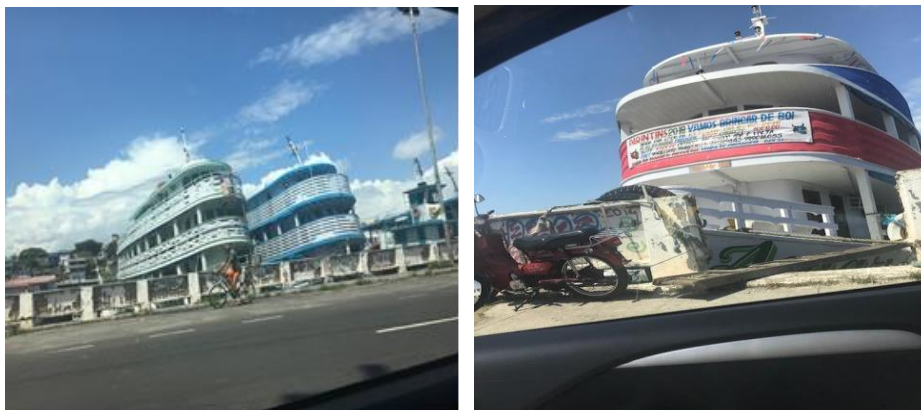
Ademais, é importante frisar que as políticas sociais e econômicas, quando adotadas, necessitam implementar ações para além de caráter isolado no que tange ao enfrentamento dos problemas sociais. De outra parte, tais políticas não trouxeram resultados efetivos na condição de vida da população (COSTA, 2005).

Por isso, o que temos visto é que a prática apresenta-se como um contraste, entre o que é estabelecido pelas políticas públicas e o que realmente caracteriza o modo de vida dos sujeitos sociais nos seus espaços de atuação, uma vez que o vivido sugere resistência e conflito (SOUZA, 1998), tendo em vista da crescente falta de oportunidade formativa e conseqüentemente, o aumento do número de desempregados, ou como diz Antunes(2018) do sub emprego.

Com a implantação de indústrias que trouxeram tecnologia de outros países, a cidade de Manaus tornou-se atrativa para turistas, oriundos de outros lugares, em busca de aparelhos eletrônicos mais baratos devido às rápidas instalações de empresas comerciais, lojas de artigos importados, etc.; ao mesmo tempo, atraiu uma população de migrantes em busca de empregos ofertados no polo industrial. Essa questão é complementada por Espínola ao dizer que o “hoje temos uma cidade inchada, com uma população [...] vindos não só do interior do estado como de diversos pontos do país e que ainda não conseguiu deslanchar sequer seu processo de desenvolvimento agrícola”(2015, p. 11).

De acordo com o período da seca ou cheia dos rios, caracterizada pela sazonalidade da região, ficam aportados em toda aquela orla barcos de pequeno, médio e grande porte, além das canoas. Quando o rio Negro está cheio, tem-se a impressão de que os barcos “invadem a pista” da Manaus Moderna. Situados em uma área específica, durante a ida para feira, é possível notarmos a presença das embarcações ancoradas às margens do rio Negro concentradas na orla da Manaus Moderna.

Imagens 5 e 6 - Barcos atracados na orla da Manaus Moderna- cheia



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017)

Uma vez que o rico seca, observa-se que os barcos atracam na “praia” ou em balsas, onde os donos das embarcações pagam para que os mesmos aportem; desse modo, a rotina do porto da Manaus Moderna se altera, pois à distância para o embarque e desembarque de pessoas e dos produtos oriundos do interior do Amazonas e de outras localidades até as feiras da Manaus Moderna, torna-se longa.

Certamente a caminhada demanda mais tempo, mais cansaço e mais habilidade para a chegada até a beira, dificultada pela falta de estrutura adequada para se locomover da beira do rio até a orla da Manaus Moderna. Scherer (2012) relata que na vazante dos rios é a época do retorno mais ostensivo da “era do músculo”, ao referir-se ao percurso entre o porto e os barcos, que fica mais longo.

Por ser um local de trabalho, pessoas fazem desse ambiente um lugar de moradia. Durante a pesquisa foi comum vermos no interior dos barcos atracados na orla da Manaus Moderna, pessoas que moram nessas embarcações, inclusive com toda família, ora porque são encarregados das mesmas, ou porque são os donos. DaMatta (1997) enfatiza que não é possível misturar o espaço da casa com o da rua sem criar uma grave confusão.

Essa percepção no que se refere à moradia no interior dos barcos, certamente lembra o fim do monopólio da borracha, quando a crise econômica dos anos vinte do século passado, trouxe o crescimento demográfico em razão da corrente migratória de ribeirinhos e nordestinos para Manaus, que devido a

escassez de emprego e sem recursos econômicos, culminou com a falta de moradia em Manaus e fez surgir a cidade flutuante de Manaus.²⁶

Nesse caso, pode-se dizer que as embarcações podem ser considerada como espaço, onde casa e rua se misturam e conseqüentemente não há grandes distâncias entre os corpos.

Imagem 7- Carga e descarga dos produtos que chegam e saem dos barcos atracados na orla da Manaus Moderna



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

²⁶ Em 1920, João Aprígio, natural da Paraíba, com mulher e filhos para sustentar, passava por enormes dificuldades. Sem casa própria, Aprígio juntou dois troncos de açacu de um igapó e os rebocou, na popa de sua canoa, até o litoral do Educandos, local que entendeu como o mais apropriado para construir a sua morada. Por vinte dias ele trabalhou, até edificar aquela que seria a primeira casa flutuante de Manaus. Com o crescente aumento populacional e a previsível carência de moradias, em pouco tempo proliferaram residências e estabelecimentos comerciais ao seu redor. Assim surgia a cidade flutuante de Manaus, ocupada pelas populações carentes. As habitações flutuantes não apresentavam as mínimas condições de conforto e higiene e constituíam um grave problema de ordem social. Eram quase 12.000 moradores, que superava a maioria dos bairros de Manaus e até de municípios do Amazonas. Em 1967, o governador Reis (1964 e 1967), sob forte pressão do Comando Militar da Amazônia e da Capitania dos Portos, desarticulou a cidade flutuante, transferindo seus moradores para diversos bairros. Fonte: Disponível em: <<http://idd.org.br/exotica-cidade-flutuante-de-manauis/>>. Acesso em 12 nov. 2018.

Imagem 8 - Barcos atracados na orla da Manaus Moderna - seca



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017)

Outra observação feita durante a pesquisa é a de que o entrelaçamento evidenciado no ir e vir das pessoas que frequentam aquela localidade projeta uma gama dos tipos da nossa região e são bastantes conhecidos, representados na figura do ribeirinho ou caboclo da nossa região.

Com estatura baixa ou mediana, de fala às vezes mansa e compassada, ou rápida e barulhenta, chamam atenção quando oferecem seus produtos. Logo, não se pode perder de vista que o caminho para chegar à feira coberta da Manaus Moderna carrega elementos marcantes da paisagem tanto social quanto urbanas, que ali se fazem presentes. Para Lima-Ayres (1999) refere-se o termo caboclo é categoria amazônica de classificação social, que ao mesmo tempo se torna ambígua, pois pode caracterizar inferioridade.

Como categoria relacional, não há um grupo fixo identificado como caboclo; o termo pode ser aplicado a qualquer grupo social ou pessoa considerada mais rural, indígena ou rústica. O uso coloquial do termo leva à suposição de que existe uma população concreta que pode ser imediatamente identificada como cabocla e carrega a identidade de caboclo. (LIMA-AYRES, 1999, p.5-7).

Sobre a localização da feira a imagem número 8, disponibilizada na plataforma Google Terra, tem-se a visão aérea da Manaus Moderna, parte central da cidade. Assim, quem for visitar ou fazer compras nas feiras percebe que em seu

entorno há o porto e o rio, e portanto demonstra que a relação das feiras é direta com o Rio Negro.

Imagem 8.1 - Feira da Banana, Feira Manaus Moderna, estacionamento e pista lateral da Manaus Moderna, denominada avenida Lourenço Braga.



Fonte: <https://earth.app.goo.gl/VB36Rm>

Tabela 1 - Legenda da visão área da Manaus Moderna

AMARELO	VERDE	LARANJA	VERMELHO
	↔	↔	↔
Estacionamento	Feira da Banana	a Manaus Moderna	Av. Lourenço Braga

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2018)

De acordo com a imagem, a seta amarela mostra a visão área de um grande terreno plano, que fica bem ao lado da Feira da Banana, reservado para o estacionamento de veículos. Observamos que em 2018, o estacionamento recebeu melhorias, com a demarcação das vagas, incluindo a marcação de vagas para idosos.

Imagem 9 - Estacionamento



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Esse estacionamento não é coberto; o terreno é grande e comporta quantidade significativa de veículos, tanto de passeio como de cargas, de pequenos até os de grande porte. O local funciona a partir das 5h da manhã e fecha às 17h. Há pessoas que ficam no interior do terreno organizando o estacionamento, porém não é cobrado nenhum valor. Em meio a essa nova organização, há também um espaço disponível reservado para acomodar os carros de mão dos carreteiros da feira da Banana.

A seta verde mostra a feira da Banana, local bastante frequentado em todos dias da semana, inclusive nos feriados. Embora o comércio de compra e venda no atacado e no varejo tenha inicialmente se concentrado na oferta de bananas, é possível encontrar variadas frutas e verduras comuns da nossa região, além de pequenos restaurantes em seu interior.

A seta laranja aponta para a visão aérea de um grande galpão metálico localizado bem em frente ao rio Negro; popularmente conhecida como feira Manaus Moderna (nome oficial Feira Cel. Jorge Teixeira - local da pesquisa), foi construída no início dos anos de 1990, tendo sido inaugurada em março de 1994; e destaca-se tanto pelo seu tamanho físico bem como pela importância no abastecimento de gêneros alimentícios da capital e também do interior do estado.

Por fim, a seta vermelha mostra uma pista com um grande fluxo de veículos: trata-se da Avenida Lourenço Braga. De mão única, essa via leva a outras áreas do

centro da cidade, que concentra grande movimento de automóveis que chegam e saem daquele lugar.

Imagem 10 - Vaga para idosos



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018).

Imagem 11 - Espaço destinado aos carreteiros



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

O fato de a feira Manaus Moderna possuir entradas também pela Avenida Lourenço Braga possibilitou várias observações, dentre elas de que o fluxo de veículos é disputado com o fluxo de carregadores e de passageiros que chegam e saem da capital; devido o grande movimento de carga e descarga, tanto para a

feira Manaus Moderna como para o porto na lateral das feiras, motoristas estacionam em a faixa dupla, para carga e descarga de produtos, principalmente no período da manhã e tomam quase toda lateral dessa avenida.

De vez em quando percebemos a presença de agentes de trânsito no local multando os veículos que não estavam estacionados regularmente, quando faziam carga e descargas em horário de pico; alguns se queixam do poder público, que não dá a devido estrutura; apenas utilizam as multas para tentar conter a “desordem”.

Nesse sentido, o caminho que leva à feira Manaus Moderna é caracterizado por variadas feições, à medida que tem sido revelador do tipo de organização estabelecida naquela área e que influencia no cotidiano da feira; e uma vez que a pesquisa busca os elementos que compõe a corporeidade dos peixeiros que trabalham no seu interior, aponta que a corporeidade também se faz presente nessas relações comerciais.

Aqui utilizamos o extrato de Mauss (1934) quando nos alerta que sobre o corpo imprimem-se marcas e técnicas sociais; ao afirmar que o corpo humano é permanentemente afetado pela ocupação profissional estrutura de classes e etc., a estrutura social encontra-se simbolicamente expressa no corpo e a atividade corporal nada mais faz senão torná-la expressa.

Imagem 12 - Vista da Feira Manaus Moderna



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018).

Do início da caminhada até a chegada ao interior da feira Manaus Moderna, tornou perceptível a espacialidade, que denominamos área da Manaus Moderna desperta; e que tem no seu dia a dia um cenário complexo haja vista que retrata em vários momentos de sua ocupação no que se refere as pessoas, veículos e embarcações, comércios e as suas duas feiras, “referências de outros momentos e ritmos, que “ao longo de seu processo histórico, se configurando enquanto espaço de comércio e sociabilidade.”(SILVA, 2011, p.57).

2.3. FEIRA MANAUS MODERNA: conhecer para saber

Quando se buscam definições sobre os conceitos das feiras e dos mercados, compreende-se são que locais que possuem características de lugar de comércio tradicional e também como importantes pontos de encontro para a troca de mercadorias e de relações sociais.

Feira é um termo que deriva do latim “*feria*” e que o dicionário traduz como sendo nome feminino e significa, 1.dia santo, férias do ou dia de descanso; 2.feira; sítio onde se expõem e vendem mercadorias; 3.grande mercado que se realiza com certa periodicidade²⁷.

Vargas (2001), conta que a origem das feiras e dos mercados é incerta, embora historiadores e pesquisadores, afirmem a presença desses locais em algumas civilizações antigas, como a fenícia, grega, romana, árabe, ou seja, desde 500 a.C.

Para Sá (2010), o comércio de feira [...] é ainda hoje uma atividade econômica e social relevante para a vida de muitos brasileiros, onde parte significativa da população possui ainda o hábito de fazer compras semanais nestes locais.

Com o passar dos tempos tanto as mudanças como as inovações frente às novas demandas econômicas e sociais, demonstram que as feiras resistem à evolução dos mercados e dos serviços prestados ao consumidor na comercialização de seus produtos e também dos alimentos; logo, as feiras e os mercados podem ser considerados resilientes e significativos.

²⁷Dicionário Infopedia, 2003-2017.

Como expressa Bourdieu (1989) as feiras consistem em um local de relação social, um espaço de trocas de saberes e de hábitos culturais, onde os envolvidos enriquecem o seu capital cultural, através de trocas, aprendizagens e obtenção de novos saberes e experiências vividas pelo outro. Para Godoy e Anjos (2007, p.364) “as feiras livres são uma tradicional modalidade periódica de comércio varejista, dispersas no espaço e no tempo, cada qual com a sua relevância e magnitude peculiar”.

Do ponto de vista educacional, feiras são espaços onde as pessoas possam interagir e compartilhar saber (GASPAR, 2005), devido serem possuidoras de características que estimulam o conhecimento; inclusive porque possibilita questionamentos sobre os tipos de atividades e de profissões existentes nesse lugares , a fim de que se apresentem para sociedade.

Portanto, feiras e mercados podem ser considerados como um espaço não formal de aprendizagem pelo fato de que é um tipo de educação que ocorre fora dos espaços escolares; e que acontece no dia a dia por meio das experiências de grupos ou coletivos, em que os conhecimentos adquiridos são passados para as gerações futuras de modo que

Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. A informal opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados (GHON, 2006, p.29).

Nesse sentido, conhecer a dinâmica da feira, contribuirá com educação, haja vista que é um cenário que tem identidade própria, devido apresentar uma gama de diversidades, tanto no aspecto econômico, cultural quanto o social.

E o freguês, colabora com o seu saber da cidade para trocar com o feirante, enquanto este oferece um saber e que no caso da Amazônia, é um saber do rural, do ribeirinho, devido o contato com a natureza e com os processos naturais produtivos.

No Brasil, as feiras livres, podem ser descritas como espaços privilegiados de sociabilidade, de trocas de elementos diversos, muito além das econômicas. Na cidade de Manaus, os mercados e as feiras são administrados exclusivamente pelo para atendimento de interesse público preponderante.

Na capital, a Câmara Municipal de Manaus (CMM) aprovou nos Termos do Artigo 65, Parágrafo 8º, da Lei Orgânica do Município de Manaus, e Artigo 213, § 2º, do Regimento Interno: Lei nº 123, de 25 de novembro de 2004²⁸, que dispõe sobre a organização e o funcionamento dos Mercados e Feiras no Município de Manaus, e dá outras providências, a conforme artigo 2º “Os munícipes podem, e as autoridades e os servidores municipais devem, zelar pela observância e cumprimento dos preceitos expressos nesta Lei”

Conforme o Art. 3º, para os efeitos desta Lei, ficam estabelecidos os seguintes conceitos e definições:

I - mercado: é o imóvel do patrimônio municipal dotado de divisões físicas onde se pratica o comércio varejista dos gêneros e mercadorias mencionados no art. 1º; **II - feira livre:** lugar público administrado pelo Município e desprovido de divisões físicas onde, em determinados dias da semana e em horários preestabelecidos pratica-se o comércio varejista dos gêneros e mercadorias mencionados no art. 1º; **III - feira coberta:** imóvel do patrimônio municipal desprovido de divisões físicas onde diariamente se pratica o comércio varejista de gêneros e mercadorias mencionados no artigo 1º; **IV - box:** divisão física dos mercados destinada à implantação de um único núcleo comercial; **V - banca:** balcão instalado pelo permissionário em feira livre ou coberta, destinado à exposição de mercadorias, no qual deve funcionar um único núcleo comercial; **VI - solo:** espaço da feira livre ou coberta, destinado à instalação de um único núcleo comercial onde o permissionário pode expor seus produtos; **VII - feira comunitária:** lugar público, fiscalizado pelo município em local fixo em concordância com a comunidade, onde funcionará a feira, além da conformidade com a Secretaria Municipal de Feiras e Mercados;”(**Lei No 12, de 25/11/2004.**)

Além de fazer a distinção entre feiras e mercados, a Lei No. 12, de 25/11/2004, do Município de Manaus apresenta a composição dos sujeitos que realizam a prática de atividade comercial nos mercados e feiras, conforme o Art 3º, a saber:

VIII- Permissionário: aquele que detém permissão concedida pelo Poder Público, para a prática de atividade comercial nos mercados e feiras;

IX - Administrador: servidor público municipal a quem compete a gerência de determinado mercado e feira coberta ou livre;

²⁸ Ver em CMM - **Lei No 12, de 25/11/2004.** Disponível em:<http://www.cmm.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/LEI_123_DE_25_11_20041.pdf> Acesso em 05 out. 2018.

X - Consumidor: qualquer pessoa que adquira produtos nos mercados e feiras livres ou cobertas; **XI - fiscal:** servidor público municipal com poder de polícia administrativa e de vigilância quanto ao cumprimento das normas expressas nesta Lei.

De acordo com o Decreto, os trabalhadores e/ou profissionais que desenvolvem atividades laborais no interior da feira são considerado Permissionários; nesse sentido a lei não faz a distinção entre peixeiros, açougueiros, hortigranjeiros e congêneres, pelo fato de que independente da profissão que desenvolvem, o termo permissionário deriva da permissão para que esses trabalhadores exerçam a prática de atividade comercial nos mercados e feiras capital.

Entretanto, o termo peixeiro é o nome comum e popularmente conhecido devido relacionar a palavra como sendo aquele cuja função é vender peixes tanto de água doce quanto de água do mar (Dicionário *on line*, 2017); ou aquele que apanha ou vende peixe (Dicionário Infopédia, Porto Editora 2003-2019)²⁹.

No caso da região Amazônica e de modo a valorizar o nosso regionalismo, o peixeiro é popularmente conhecido como tratador, ticador e vendedor de peixes, devido agilidade e precisão quando utilizam facas e facões afiados e amoladas durante a “ticagem” do produto; portanto um exímio “técnico” quando opera com o pescado”, ou como diz Certeau (1996) porque são as lógicas que movem os fazeres cotidianos, ou a lógica dos saberes tecidos nos cotidianos ou por eles acionados.

Por ser considerado o principal alimento da população da região Norte, poucos estados conhecem os termos “ticar/ticagem”; no entanto, são termos oriundos de uma herança desde a primeira Amazônia das comunidades ribeirinhas, cujo surgimento se deu pela necessidade em limpar o peixe retirando ou “quebrando” as espinhas na diagonal, desta forma facilita o seu preparo e consumo.

²⁹In Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/peixeiro>> Acesso em 22 out. 2018.

Segundo o Doutor em Linguística, Sérgio Freire, em sua obra “O Amazonês”³⁰, ticar é uma expressão manauara que significa: cortar o peixe para quebrar as espinhas. É interessante enfatizar que o bodó é um peixe que não pode ser 'ticado' pela escama dura que tem. Tanto que no amazonês a expressão “ticar bodó” tem o mesmo significado de “Está maluco”?!”.

No que se refere a pesca da região, a noção inicial é no tocante à pesca tradicional, ou seja, é aquela praticada com instrumentos da tecnologia tradicional indígena. De acordo com Silva (2012) ela faz parte da cultura indígena que realiza essa prática com a flecha, peneira ou timbó que é um cipó trepador encontrado nas mais diversas regiões brasileiras.

Porém, muitos pensam e imaginam que os indígenas ticam o peixe, mas pelo contrário, assam-no com as próprias escamas ou o transformam em muquecas. Logo, o ato de ticar é uma prática do homem “branco amazônico” e não dos indígenas, apesar do senso comum ter essa certeza pelo fato de serem grandes consumidores de peixes.

Os primeiros habitantes do Brasil, utilizando o que a natureza e a floresta lhes ofereciam, se alimentavam basicamente de mandioca, macaxeira ou aipim, milho, carne de caças, peixes, raízes, frutas silvestres, palmito, castanhas, “cocos” de palmeiras e algumas folhas.[...]Com os peixes moqueados eles faziam farinha de peixe e paçoca, alimentos que se conservavam por muito tempo. Chamavam de muqueca o peixe envolvido em folhas de bananeira e mixira o peixe assado. (GASPAR, 2009).

Sobre o termo peixeiro³¹, os relatos dos entrevistados consideram como uma atividade que realizam no interior da feira, ou seja, peixeiro é quem tira as escamas, limpa e vende o peixe.

“rapaz, pra mim peixeiro é a pessoa que tá lá no lago pescando; é o que pesca mesmo o peixe; a gente tem uns contratos; dá recibos; fornece muito! tá entendendo?” (Entrevista, peixeiro 2018).

“é sim; é porque é assim... uma simbologia porque é assim; antes o pessoal só levava o peixe com escama e hoje em dia não, senão tiver tratado eles não levam”. (Entrevista, peixeiro 2018).

³⁰ FREIRE, Sérgio. **Amazonês. Expressões e termos usados no Amazonas**. Ed. Valer, 2011

³¹ Durante o estudo, utilizamos a expressão peixeiro, por ser o sujeito que elegemos para esta pesquisa.

“tratar o peixe tem um significado, pois todos os peixes que são levados daqui, só são tratados”. (Entrevista, peixeiro 2018).

“Bem; só uma diferença, porque um vai no rio e pega e a gente já revende ele aqui. A gente, vamo dizer que somo: a unha e a carne; a carne e a unha né.(Entrevista, peixeiro 2018).

“ser peixeiro é vender os peixes... é atender o pessoal, a população que vem em busca em comprar o pescado; esse é o peixeiro; atender a população bem”.(Entrevista, peixeiro 2018).

A Lei Municipal No 12, de 25/11/2004, cabe aos permissionários:

Tratar com cordialidade e cortesia os consumidores e os demais permissionários, adotando, em relação a esses, atitudes sempre respeitosa e digna; - iniciar e encerrar suas atividades na banca ou boxe, observando os horários definidos pela administração do mercado ou da feira; usar o uniforme que for definido pela administração do mercado ou da feira, rigorosamente limpo; usar, no interior de sua banca ou boxe, recipiente para coleta de lixo em tamanho suficiente para acondicionamento dos dejetos que seu comércio vier a produzir; deverão cumprir com o pagamento das contribuições de manutenção dos Serviços de vigilância, limpeza e pequenos reparos na estrutura física dos “mercados e feiras cobertas, livres e comunitárias, conforme o estabelecido pelas Comissões Gestoras”.(Lei No 12, de 25/11/2004.)

Desse modo, as obrigações dos permissionários demonstram que há regras a serem seguidas, sob o risco de perderem a concessão para desenvolverem as atividades laborais no interior da feira, ou seja,

[..], a violação de quaisquer dos deveres preconizados neste artigo, é motivo que autoriza a SEMAF a impor contra o infrator a suspensão da permissão de uso por período de tempo igual ao que for necessário para saneamento do ato infracional[...](Lei No 12, de 25/11/2004, Parágrafo único).

Que de acordo com os entrevistados, informam que

“não tratar o cliente com ignorância , o fiscal vai em cima e reclama do cara que vendeu o peixe pra ele” (Entrevista, peixeiro 2018)

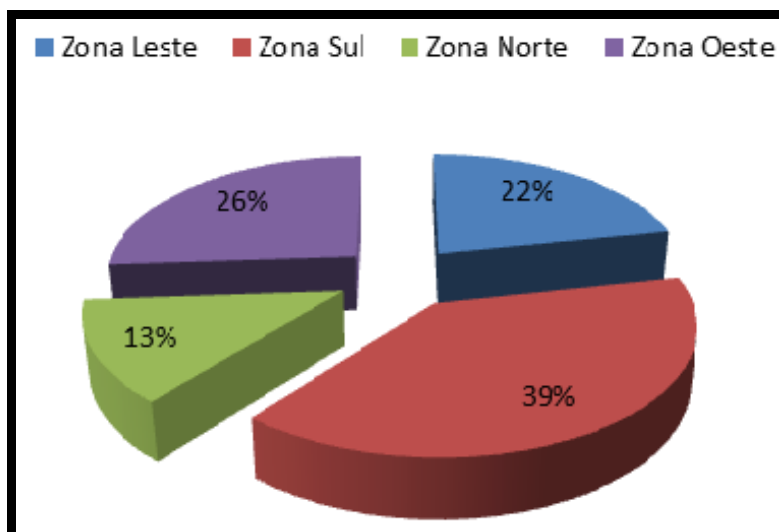
“não pode gritar e nem falar alto, porque o ambiente é fechado tipo assim oh: porque tem muita regra; não pode fumar; não pode falar palavrão , porque aqui passa senhora... passa todo tipo de gente aqui né?” 9Entrevista, peixeiro 2018)

Sobre a administração das feiras, a Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Feiras e Mercados (Subsempab) foi a Secretaria Municipal de Assuntos Federativos (Semaf) que realizava tais atividades, que dentre suas

atribuições, selecionava os servidores públicos municipais na área do comércio e da administração pública, subordinados sempre à orientação e ao controle do titular da pasta.

Atualmente a Subsecretaria Municipal de Abastecimento (Subsempab) é o órgão responsável pela administração das feiras (cobertas e de ruas) e dos mercados. Dados obtidos na Subsempab, revelam que a zona Leste possui oito feiras fixas (22%); A zona Norte tem cinco feiras fixas (13%); A zona Oeste dez feiras fixas e dois mercados municipais (26%); E a zona Sul é onde há um número maior com 11 feiras fixas e sete mercados municipais (39%) (Gráfico 1), conforme o gráfico 1, que mostra a prevalência de feiras e mercados distribuídos na capital.

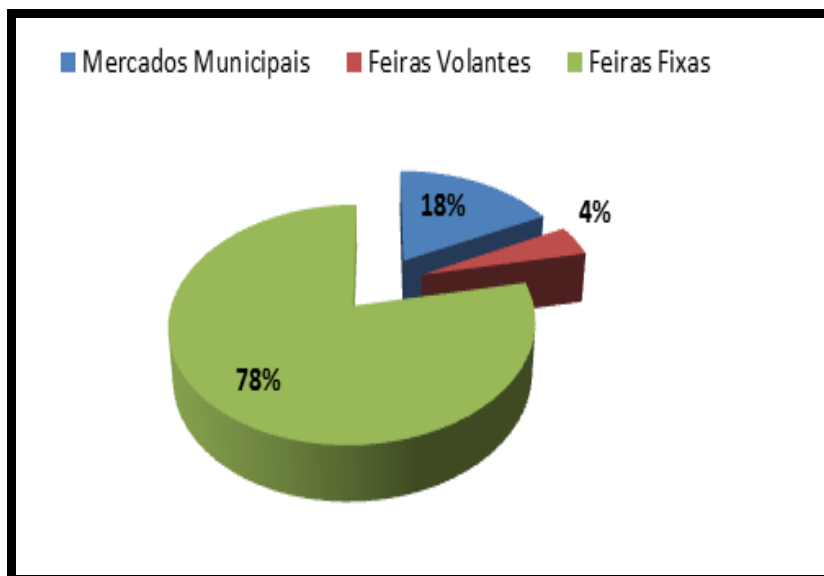
Gráfico 1 – Zonas das Feiras e Mercados em Manaus



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2018)

Sendo assim, os dados da Subsecretaria Municipal de Abastecimento, Feiras e Mercados (Subsempab), demonstram que há nove mercados municipais, 34 feiras fixas, ou seja, o equivalente a 43 feiras e mercados administrados pelo órgão, cujo total de permissionários é de aproximadamente 6.388. Além disso, há duas feiras volantes que acontecem na zona Sul, Centro Sul e Centro-Oeste de Manaus (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Total de Feiras e Mercados em Manaus



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2018).

Vale ressaltar que a Feira Manaus Moderna é considerada uma das principais feiras da capital. Localizada na Rua Barão de São Domingos – Centro- é também conhecida como Feira Municipal Coronel Jorge Teixeira³², pois de certa forma abastece as demais feiras e mercados do Estado do Amazonas e tem como representação simbólica os trabalhadores que atuam como carregadores, caixeiros, peixeiros e pescadores que ficam à beira do rio Negro.

A denominação Projeto “Manaus Moderna” está relacionado ao “Programa de melhorias físicas do município de Manaus-AM”, que foi criado na segunda metade da década de 1980, pelo governo estadual, com financiamento do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), prevendo uma série de intervenções na área urbana de Manaus com a finalidade de adequar a cidade à nova realidade da Zona Franca de Manaus. Localizado no centro da cidade e compreende a Avenida Beira Rio (ou Manaus Moderna), onde se encontram o Mercado Municipal, a Feira Manaus Moderna e a Estação Hidroviária de Manaus (SILVA, 2011, p. 79).

Concentrada na área da Manaus Moderna, a feira coberta existe no mínimo, desde a década de 1970, mas tem sua inauguração oficial datada de 1994, esta

³² O coronel Jorge Teixeira de Oliveira foi um dos políticos que marcaram a história da cidade de Manaus e do estado de Rondônia. Nomeado prefeito de Manaus em 15 de abril de 1975, tendo como responsável pela nomeação o governador Henock da Silva Reis, assumiu tempos depois o governo de Rondônia. Jorge Teixeira recebeu a Prefeitura de Manaus das mãos do presidente da Câmara Municipal e prefeito interino, Ruy Adriano de Araújo Jorge. Na época, Manaus começava a despontar em termos de crescimento econômico, geográfico e populacional, após a instalação da Zona Franca de Manaus, em 1967. Faleceu em 28 de janeiro de 1987.

se consolidou na década de 1990 como a mais importante feira da capital, por ser a central de abastecimento do Estado do Amazonas.

Assim surgiram posteriormente a Feira da Manaus Moderna e a Feira da Banana. Mas antes disso, a população sofreu como relatam alguns trabalhadores da feira, que têm nas lembranças a perda quase total e total de suas mercadorias e produtos, em um incêndio ocorrido em 1991.

Apesar da resistência engendrada pelos trabalhadores para permanecerem ali, cumprindo a ameaça, em novembro de 1991, o prefeito Arthur Neto manda tocar fogo em tudo. Diante dessa grande tragédia desencadeada pela prefeitura, muitos feirantes abandonaram o trabalho, outros migraram para diferentes feiras da cidade, muitos foram para a Feira da Panair e quando em Março de 1994 é inaugurada a feira Cel. Jorge Teixeira, a Manaus Moderna, e alguns dos antigos feirantes retornaram (SILVA, 2011, p.7).

Os dados fornecidos pela Subsempab, revelam que a feira Cel. Jorge Teixeira, popularmente conhecida como Feira Manaus Moderna, possui uma área total de 8.251,84 m² e passou por três reformas: 1996, 2000 e 2001. Há 674 boxes, 240 bancas e 17 pedras, “mas ainda há reivindicações de melhorias por parte dos permissionários e até mesmo clientes”. (*Entrevistado da Subsempab, 2018*).

As imagens 13 e 14 representam um dos últimos projetos elaborados para distribuição e organização da Feira Manaus Moderna e fazem parte do acervo da SubSempab. De acordo com o desenho das imagens, a feira Manaus Moderna possui uma estrutura plana e apresenta divisões internas de acordo com o tipo de produto para venda: peixes, frango, carne, hortifrutigranjeiro e congêneres.

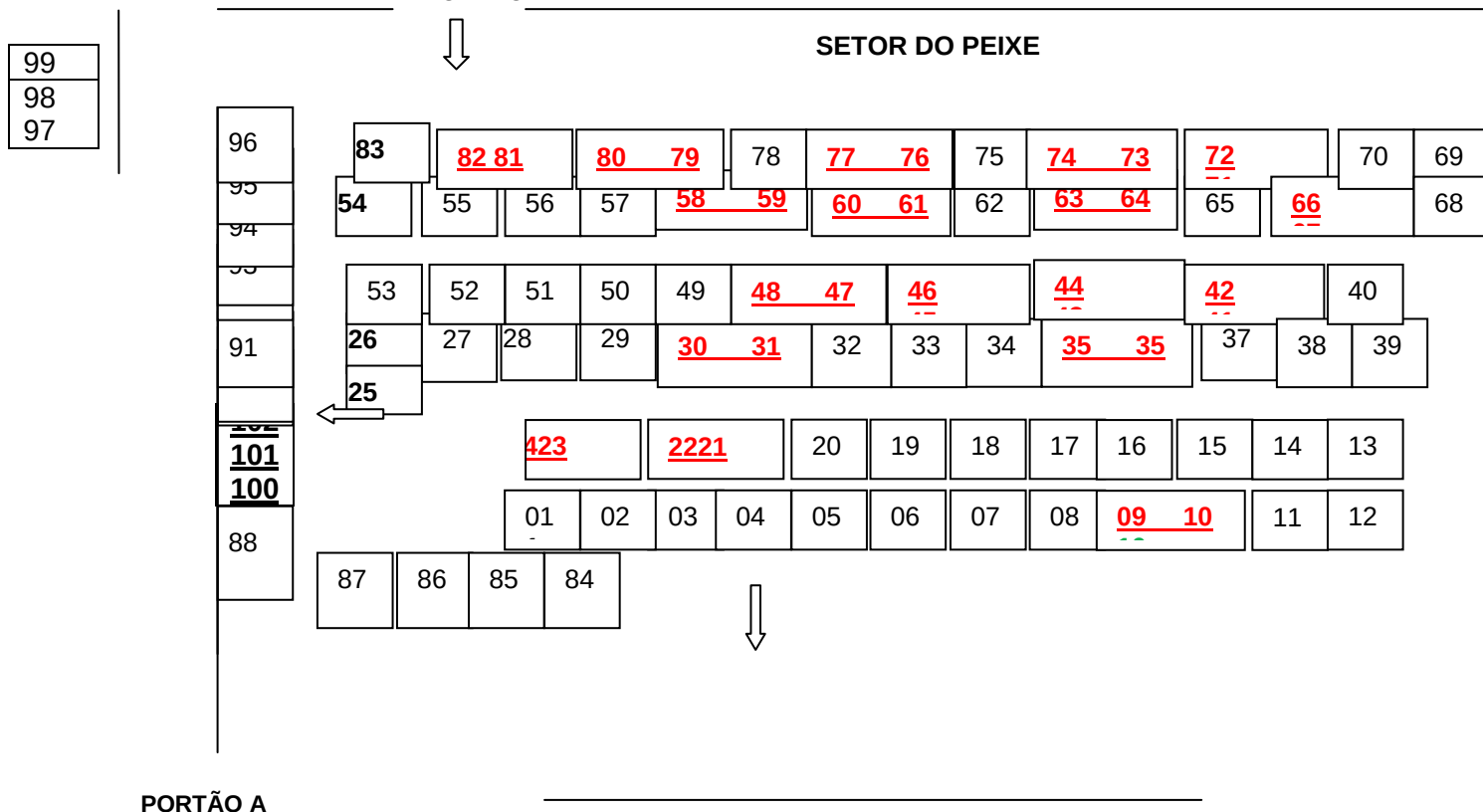
Pelo fato da feira Manaus Moderna está situada na área da Manaus Moderna, a planta de número 13 demonstra que há 06 (seis) portões de acesso, tanto pela rua Barão de São Domingos como pela Avenida Beira Rio.

[illegible]

Fonte: Acervo SubSempab (2018)

96

Imagem:14-Feira Cel. Jorge Teixeira (Manaus Moderna) Croqui Do Setor Do Peixe



BANCAS INDIVIDUAIS Nº=
BANCA INTERLIGADA Nº=

Fonte: Acervo, Subempab (2018)

O relato do entrevistado revela que as imagens são referentes às últimas plantas elaboradas da feira Coronel Jorge e dispõe sobre a divisão dos espaços por em setores: da carne, do peixe e todos os boxes ali existentes. De acordo com as imagens, o entrevistado relatou que:

“E lá foi feito uma cor pra cada cor uma finalidade... o azul mar perto do amarelo aquilo ali foram para os atacadistas [...] foram para os atacadistas da época, quando eles trabalhavam lá embaixo lá na praia. Amarelo também foi parte do atacadista [...] e em seguida veio logo o laranja, o laranja era só pra estivas e depois veio o verde folha que era os varejistas e depois veio o azul frança também era varejista. [...] tem o azul mar, o azul mar, todos os feirantes foram iam pra lá nos passamos por uma triagem foram mais de 3000 feirantes [...] e a Subempab,2018 e todos

ficaram.[...]e nos passamos pro governo do Amazonino e mandou fazer uma triagem nós passamos 3000 feirantes e o projeto era pra 800box, 900 e esse 3000 nós só... selecionamos 600[...]foram selecionados e foram colocados lá e então tinham os atacadista, tinha os varejistas, tinham os peixeiros, a carne. [...] eu saparei e fui colocando que era deposito que não funcionava, o que era... o que tinha 4,5,6,7,8 box.[...] e começou abrir processo, passou pro setor de desenho, engenheiro de desenho e eles começaram a desenvolver o box através do croqui que eu passei pra eles... do anterior... anterior a esse... e eles fizeram foram lá mediram tudo e fizeram...e que existe é isso...[...]"(Entrevistado da Subsempab, 2018).

As imagens abaixo mostram o portão A, com acesso para o setor de venda do peixe, na Avenida Barão de São Domingo. Toda lateral da rua é bastante movimentada, pois o espaço é disputado tanto pelos carros, vendedores ambulantes como pelos transeuntes, que frequentam a feira e o comércio em geral da localidade.

Imagem 15 - Vista do portão A entrada para setor do peixe



Fonte: Acervo pesquisadora (2018)

Imagem 16 - vista do portão A entrada para setor do peixe- pedestres , carros e vendedores ambulantes.



Fonte: Acervo pesquisadora (2018)

Após o incêndio, em 1993, o então governador Amazonino Mendes, passa a dar continuidade como prefeito da cidade ao projeto Manaus Moderna.

“Passamos por uma triagem foram mais de 3000 feirantes que em 1992 no Governo do Arthur pegou fogo lá e ninguém sabe onde era o lugar de cada um e todos ficaram... cada um procure seu rumo.. na administração da cidade com Amazonino Mendes” (Entrevistado da Subsempab, 2018).

Imagens 17 e 18: vista dos portões B e C



Fonte: Acervo pesquisadora (2018)

Durante a entrevista, foi perguntado se há um acervo sobre a história da feira; foi relatado que há dados oriundos da internet e também de funcionários que

trabalham há mais tempo nesse lugar. Nesse caso, o entrevistado trabalha há mais tempo na secretaria (Subsempab).

“No decorrer do tempo, por exemplo, tinha um balcão também que não podia tirar, [...] mais ou menos 40cm, 50, eles colocavam a mercadoria ali no verde na bandeira, o povo tava acostumado a comprar assim, eles colocavam aquelas caixas deles né, e bota os produtos. E tinha um senhor que tinha um problema na coluna, e por causa dele foi autorizado tirar as pernas que beneficiou o feirante, também beneficiou os feirantes... por isso tiraram todas as pernas e aí foi desenvolvendo de acordo com a necessidade do feirante, né! [...] Eu fui...fui diretor aqui na época e autorizei a instalação de 5 câmeras de resfriamento que era justamente dos atacadistas e a partir daí começou a movimentar a feira. [...] se você ver lá instalaram cheia de câmera... pois é então eu fizemos isso aí [...] como o box era pequeno eles começaram a ocupar a passagem colado na parede e alguém daqui autorizou ele fazer box, eles fizeram uma cobertura gradearam e hoje aquilo ali tem proprietário, dono, permissionário[...].que é do box permissionário do box ele é dono daquela parte também da parede , você passa do laranja pra lá já é outro[...]”(Entrevistado da Subsempab, 2018).

O relato do entrevistado revela como se deu a organização física dos boxes e das bancas tanto de pescados como das carnes da feira Manaus Moderna. Dessa forma, revelam como as organizações dos espaços públicos ocorrem; no caso da feira Manaus Moderna, traz a impressão de que foi construída a partir de visões administrativas e de ações tanto individuais e coletivas, consoantes com o poder público da época, dado que quando entendida como um negócio, este canal de comercialização se torna um forte instrumento de políticas públicas.

Logo, compreende-se que a construção das feiras e dos mercados envolvem decisões e interesse políticos; certamente deixa claro que não há referências mais densas sobre a feira coberta, especialmente do segmento dos peixeiros, que desenvolvem suas atividades laborais nesse lugar.

E mesmo que já se tenha passado um longo período, percebe-se que Manaus ainda se depara com improvisada infraestrutura no que se refere à circulação de mercadorias e exportações naquela área central, que não está compatível com as demandas crescentes e as exigências do comércio atual. As imagens abaixo mostram a última reforma da feira Manaus Moderna.

Imagens 19 a 21 - Última reforma da feira Manaus Moderna



Fonte : Acervo Subsempab,(2018)

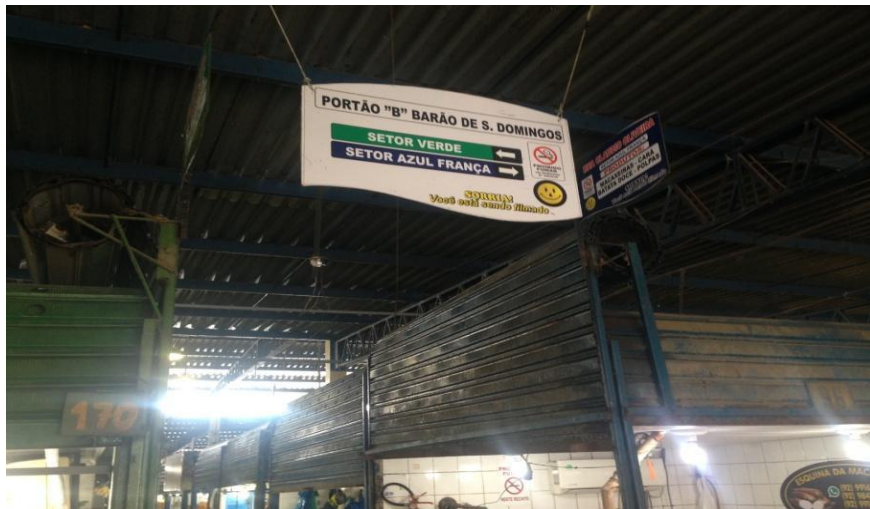
Isso passou... foram selecionados e foram colocados lá e então tinham os atacadista, tinha os varejistas, tinham os peixeiros, a carne. E lá foi feito uma cor pra cada cor uma finalidade... o azul mar perto do amarelo aquilo ali foram para os atacadistas era pequeno... foram para os atacadistas da época, quando eles trabalhavam lá embaixo lá na praia. Amarelo também foi parte do... parte do atacadista também era outra parte, e aí em seguida veio logo o laranja, o laranja era só pra estivas e depois veio o verde folha que era os varejistas e depois veio o azul também era varejista. (Entrevistado da Subsempab, 2018).

O entrevistado relatou que no interior da feira, as cores vermelha, laranja, azul e amarela, foram pintadas para distinguir o tipo de comércio e tipo de venda; inclusive, a maioria representam as cores da bandeira do Brasil; entretanto, durante a pesquisa de campo notamos que o ambiente interno e externo, além de muito deteriorado pela ação do tempo e pela falta de estrutura, não distingue a maioria das cores; e os corredores, que aparecem nas imagens da antiga reforma, hoje estão completamente tomados por vários boxes, dificultando a visão das cores de acordo com os setores.

Sobre a identificação de cada setor, foram instaladas pequenas placas no teto, de acordo com as cores citadas anteriormente, conforme as imagens abaixo:

Imagens 22 a 30 – Placas para orientação









Fonte: Acervos da Pesquisadora (2018)

Na feira Manaus Moderna, percebemos que entre o movimento dos frequentadores, os muitos corredores conduzem aos estreitos espaços destinados aos variados tipos de vendas de plantas, raízes e produtos regionais, sabonetes compostos por essências da região, além das garrafadas e óleos para fazer remédios, chás, banhos, alimentos e também porque compõe o acervo de ervas considerado cheiroso. Estes produtos em geral, são muito procurados pelos frequentadores da capital, dos municípios próximos das regiões metropolitanas e também por turistas, que vão a busca de conhecer alguns exemplos dos produtos naturais vendidos nesse lugar.

Logo, além de meio de fomento que contribui para o desenvolvimento local, a feira Manaus Moderna pode ser considerada como um local que tem relevância

simbólica, pois quando nos deparamos com a venda desses produtos, vem à lembrança um contexto que certamente faz parte da vida do amazonense, percebido através do nosso corpo e da sensibilidade, como “[...] um conjunto de acontecimentos que atravessam as coisas do corpo e as coisas do mundo” (SCHEINER, 2012, p.35) e que remetem a cultura do povo amazonense.

Ademais, ao comprar nas feiras e nos mercados, pode-se dizer que se adquirem também informações dos saberes e dos costumes, que são considerados como um dos representantes do nosso conhecimento tradicional; e como dito anteriormente, isto é possível devido ao fato do ambiente da feira ser composto por uma variedade de elementos que fazem parte do dia a dia desse lugar.

E no caso dos cheiros e sabores, são oriundos dos produtos da Amazônia, como elementos que mobilizam a memória coletiva no que tange ao conhecimento da comunidade que trabalha e frequenta a feira Manaus Moderna; consequentemente contribui com preservação social e cultura da experiência presente naquele lugar.

Andando mais um pouco, em outra parte encontramos um grande comércio distribuído entre hortifrutigranjeiros, carnes e peixes e farinhas, que caracterizam maioria de produtos regionais, comercializados no atacado e no varejo. Devido a variedade das ofertas, verifica-se que a maioria dos produtos comercializados são típicos da Amazônia; desse modo revelam hábitos e o costumes do povo amazonense e permanecem como referência que faz parte da cotidianidade dos frequentadores do lugar.

Imagens 31 e 32 - Venda de produtos naturais, raízes de plantas que são utilizados para remédios e outros.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2018)

Durante a pesquisa, percebemos que há a distribuição e a organização das vendas, pois antes da compra dos peixes, das carnes, frangos, depara-se com a venda de alguns temperos como cheiro-verde, limão, pimenta, geralmente, utilizados na preparação de alimentos, ou seja, temperos que serão necessários para dar o gosto e sabor as vendas da proteínas, representadas principalmente na venda dos pescados, pois somente nos “fundos” da feira é que vemos as “ilhas” ou bancas dos peixes, carnes e outros produtos do gênero.

Arrumados em uma “sacola”, uma espécie de “rede” amarela, é comum vermos dentro da “rede”, pequenas quantidades de tomates, cebolas, “pimenta de cheiro”³³, limão e pimentão, expostos no interior de cada comércio. Mas também pode-se encontrar os mesmos produtos ofertados em unidades ou em quilo, um modo de facilitar a compra.

³³ A pimenta de cheiro é facilmente encontrada nas regiões do Norte do Brasil e é muito utilizada em diversos tipos de pratos. Rica em vitaminas e minerais, em sua composição encontram-se muitos carboidratos e fibras alimentares, além de vitaminas do complexo B, C, A e minerais como potássio, manganês e ferro. A pimenta de cheiro é composta de Capsaicina, componente extremamente benéfico para a saúde. A capsaicina é um componente químico presente em todas as pimentas de coloração vermelha e picante e tem como principal função a aceleração do metabolismo, diminuindo assim a vontade de comer, além de ser uma excelente produtora de calor. Quanto mais calor produz, mais queima energética acontece nele. Fonte:Disponivelem:

< <https://tudoela.com/pimenta-de-cheiro>>. Acesso em 22 out. 2018.

Talhas de jerimum, cheiro verde, pepino, o famoso mastruz e a famosa chicória³⁴, também fazem parte da variedade de produtos que podemos encontrar todos os dias, em “um dia de feira”.

Imagens 33 e 34 - venda de pepinos, cheiro-verde, limão, pimenta e outros.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2018)

Estes produtos são ofertados logo que adentramos a feira e seguem até ficarem próximos da venda do setor das proteínas (peixe, carne e frango). Os produtos estão distribuídos inicialmente pelos boxes de frutas, verduras, de farinha, arroz, óleo.

Em meio à organização encontram-se boxes/ilhas que possuem câmeras frigoríficas, balanças digitais e outros equipamentos para facilitar o corte dos gêneros que oferecem, além de peixes lisos e com escamas, carnes de frango e vermelhas, cortados de acordo com o pedido dos fregueses. De acordo com o

³⁴O mastruz é uma planta medicinal também conhecida por erva de santa maria, lombrigueira, quenopódio, ambrosina ou mentruz. É uma planta muito utilizada, pois seus óleos essenciais e contém propriedades vermífugas, antibióticas, antifúngicas, digestivas, antioxidantes, anti-inflamatórias e cicatrizante. Seu nome científico é *Chenopodium Ambrosioides* e pode ser comprado em alguns mercados ou em lojas de produtos naturais, na sua forma natural ou em folhas desidratadas. Fonte: Disponível em: < <https://www.tuasaude.com/mastruz/> > A chicória do Amazonas é uma planta da família das *Apiaceae*; é conhecida por propriedades medicinais usada na fitoterapia amazônica bastante produzida pela Agricultura Familiar dos ribeirinhos que conhecem e aplicam as suas qualidades curativas, além de ser tempero essencial em inúmeros pratos típicos regionais, é comercializada em quantidades expressivas. Fonte: Disponível em < <https://www.greenme.com.br/usos-beneficios/3835-chicoria-do-amazonas> >. Acesso em 22 out. 2018.

relato do entrevistado da Subempab, as câmeras frigoríficas surgiram a partir da última reforma.

“E tinha mais uma coisa, os feirantes eles levavam caixa de maçã que compravam na Ceasa E levavam pra revender lá e com 3 dias não prestava mais que não tinha como refrigerar e eu fui...fui diretor aqui na época e autorizei a instalação de 5 câmeras de resfriamento que era justamente dos atacadistas e a partir daí começou ao movimentar a feira”(Entrevista,Subempab,2018)

Imagem 35 - Box contendo frutas, verduras



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017)

Imagem 36 - Box contendo venda de farinha e de carnes



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017)

Imagem 37 - Box contendo balança digital, câmera frigorífica e venda de carnes e frango



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017)

Ao caminhar no interior da feira Manaus Moderna, em pouco tempo percebe-se a instabilidade econômica e o desemprego, pois não há um dia da semana que uma significativa parcela de mão-de-obra sobrevive da informalidade, desenvolvendo todo tipo de atividade: venda de suco em jarra, sacolas para colocar os produtos do frequentadores, mulheres, adultos e jovens vendendo pimenta de cheiro, cheiro verde, limão, enfim são vários os de oferta, que favorecem a construção de novas e antigas formas de organização no que tange a teia de relações econômicas.

Essas e outras situações são reveladoras de uma condição de vulnerabilidade no interior da feira, ocasionando adversidades entre os indivíduos que se encontram em condições sociais, culturais, econômicas e educacionais desfavoráveis em relação às outras pessoas. E apesar de desenvolverem atividades em busca da sobrevivência, são quase sempre ignorados pelos frequentadores daquele lugar.

Pelo fato de vivermos em uma sociedade cada vez mais globalizada, os desafios contemporâneos da atualidade instauram um processo de seletividade e que não inclui boa parcela da sociedade. Essas modificações cujo modelo de desenvolvimento adotado impõe o distanciamento das relações que não valorizam

a noção do pertencimento, torna a existência humana desprovida de grande parte de seu significado,

“ocasionando à massa de trabalhadores, trabalhadoras e outros grupos sociais, um modo de viver marcado por ciclos de intensa e exaustiva exploração da força de trabalho, baixa renda familiar e precário acesso às políticas públicas e aos serviços de infraestrutura [...] baixos níveis de proteção social e aumento significativo do trabalho informal”. (FRANCO NETO *et al*, 2017, p.3).

Marcel Mauss (1934) ao tratar da sociedade, diz que fenômenos são complexos no quais há expressões de um conjunto de instituições e assim todo caráter social pode ser visto.

Denomina de fato social total o estudo da realidade social visto sobre um conjunto de fenômenos que nos mostram o interior da sociedade. Para o antropólogo, isso seria a totalidade concreta em que um indivíduo pode realizar vários papéis sociais. Apesar de cada ramo da ciência estudar apenas a área que lhe diz respeito. Portanto, em Mauss (1934), o fato social total só pode ser explicado se por completo, ou seja, com a união de todas as áreas, nunca podendo ser estudado através de uma só ciência.

Embora questões econômicas e sociais chamem atenção de quem frequenta a feira Manaus Moderna, outro fator que chama atenção é a estrutura física desse local. Considerada com uma das mais importantes feiras de abastecimento da capital, ao conhecermos de perto a realidade do cenário da pesquisa, compreendemos que é fundamental chamar atenção do poder público.

Disto resulta a melhoria que implica na necessidade de reforma em toda estrutura física, que apesar de pequenos reparos, não tem dado conta da demanda de frequentadores, haja vista que o comércio de compra e venda de alimentos precisa obter garantia da saúde e qualidade de vida dos trabalhadores e consumidores desse local.

Durante a pesquisa, observamos que a feira apresenta problemas como: falta de higiene, má estrutura, falta de segurança e desorganização física e espacial. Tais problemas colocam em risco a sobrevivência da feira, uma vez que

contrariam a legislação sanitária, de forma que compromete a qualidade dos produtos e coloca em risco a saúde do consumidor.

Embora um dos alimentos mais consumidos da região Norte, não podemos desconsiderar que podem ocorrer problemas de saúde ocasionados pelo consumo de pescado; e no tocante a saúde, principalmente, por serem altamente perecíveis, os pescados exigem cuidados especiais desde a captura até a comercialização (TOMITA et al, 2006; RODRIGUES et al, 2004).

Um ponto positivo analisado durante a pesquisa *in loco*, é que as telhas da área interna da feira Manaus Moderna onde ficam os boxes, passaram a ser trocadas, dando mais comodidade aos trabalhadores e clientes, haja vista, que antigamente a água da chuva era algo que incomodava muito, porque molhava todos que estavam dentro da feira.

As instalações elétricas também modificaram, com caneletas novas evitando o risco de curtos-circuitos. É importante ressaltar que foi uma prática realizada pelos próprios permissionários, através de uma comissão gestora dos feirantes. Apesar de existir um acordo com a Prefeitura de Manaus, os feirantes ficam responsáveis por pequenos reparos, mas esses reparos são bem maiores do que se imagina, não há um engajamento da Prefeitura e os próprios feirantes tomam à frente dos ajustes no ambiente em que trabalham.

Conforme o presidente da Comissão Gestora da Feira da Manaus Moderna, há um trabalho tanto na limpeza, quanto na troca de telha, fiação elétrica, trocando as cerâmicas, para oferecer segurança e conforto ao cliente. O presidente do Sindicato dos feirantes da Manaus Moderna reivindica na Prefeitura de Manaus por melhorias ao local, devido o muito lixo, principalmente nos arredores e falta policiamento na área, o que motiva a insegurança dos próprios consumidores deixarem de ir à feira e comprar em supermercados. ‘

Os problemas que a feira Manaus Moderna enfrenta podem ser solucionados com medidas simples; pois o apoio da Prefeitura de Manaus pelo menos uma vez ao mês com campanhas de conscientização diante da má disposição do lixo que é jogado nos arredores e às vezes até internamente, por mais os próprios permissionários paguem taxas que contribuem para limpeza.

A identificação dessa paisagem se estende por todos os elementos presentes nas áreas interna e externa da feira, se tornando algo próprio de quem toma contato com o objeto, capaz de ir além do campo visual, pois se trata de um ambiente configurado em uma multiplicidade de experiências, não só dos peixeiros, mas também dos carregadores, despachantes de mercadorias, taxistas, vendedores ambulantes, catadores de mercadorias em que:

[...] o urbano da cidade é marcado como um dos principais pontos de aglutinação, com seus habitantes movidos pela esperança de dias melhores, atraídos pela ilusão, pelo fascínio ou pelo fausto da cidade grande; e de qualquer maneira, marcados pelas frustrações e decepções do universo urbano. (MASCARENHAS, 2001).

Um vão enorme é um risco que se encontra na rampa próxima ao rio Negro quando os peixeiros vão às canoas dos pescadores na busca do pescado. O seu carregamento principalmente na madrugada deve ser feito de forma cautelosa, pois qualquer desvio no olhar pode ocorrer um acidente.

Porém, destacamos que independente poder público, o qual em alguns momentos a considera invisível e apesar das dificuldades e dos desafios existentes, a feira Manaus Moderna representa para o peixeiro a garantia de seu sustento; ademais, garante também a circulação da compra e venda do pescado para a capital, pois simboliza a importância que o peixe tem como alimento, independente do lugar social que o consumidor ocupa.

Destaca-se que a feira Manaus Moderna é uma das principais da capital amazonense bem como é possuidora de um considerável número de permissionários, dentre eles os peixeiros, inseridos em um tipo de comércio que surgiu através de venda e troca de produtos/alimentação. No entanto, este lugar pode ser entendido a partir de seus próprios termos, buscando identificar sociabilidades e princípios organizativos reconhecidos por aqueles que ali trabalham e circulam (LEITÃO, 2010).

Com o passar do tempo, esse tipo de comércio ampliou-se consideravelmente, de forma que foi ganhando espaço e se tornou um local que vende de tudo, tornando-o com a característica da diversidade, constituindo-se como uma reprodução social, já que essas características se propagaram para vários locais da capital, Manaus.

“Minha vida, minha historia; até me emociono; é significativa pra mim; apesar de eu ter pouco estudo; mas daqui eu pago duas faculdade: pra minha namorada e pra minha filha; assisto minha mãe , dou de comer aos meus filhos; se eu tivesse no distrito eu não faria isso”. (Entrevista peixeiro , 2018).

“É poxa! aqui nós ajuda muito né? a gente vende pra vários restaurantes; a gente vende pra cozinha industrial; pra população geral; dá possibilidade de emprego, porque emprega tanto aqui como nos restaurantes que consome nosso peixe”.(Entrevista peixeiro , 2018).

“São o que tem e o que não tem muito dinheiro; o que não tem muito dinheiro... os tipos de cliente é o seguinte; tem uns que quer levar mais em quantidades; o rico ele quer levar mais em qualidade né ? o rico não vai comer um tambaqui desses de rio ai oh ! ele vai querer de 200 reais, 250 chega até 400; e o pobre chega ai desse lado, de 20 , 25 reais”. (Entrevista peixeiro , 2018).

“[...]porque tu chega em casa leva um dinheirozinho né; as chegam umas pessoas; que chegam ;ai a gente vê que a pessoa tá precisando; ai a gente dá uns peixes; ai no outro dia vem a pessoa e diz: obrigado mano, o pessoal tava lá de casa sem nada; Deus lhe abençoe ; que lhe dê; ai já é valorizando ne?”. Entrevista peixeiro , 2018).

O corpo humano deixou de ser verdade para se tornar uma fórmula transitória e manipulável, se tornando uma construção social que passa por metamorfoses, se tornando uma interpretação permanente do mundo. “O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem”. (LE BRETON, 2009, p. 70).

Imagem 38 – Apresentação da fachada atual



Fonte: Acervo da Pesquisadora, (2018).

2.4. A Feira Manaus Moderna e a venda do peixe

“gosto sim; que eu não aprendi fazer outra coisa né; pra ser bem sincero; aí é só o que eu aprendi fazer foi mexer com peixe; eu gosto do meu trabalho; é meu ganha –pão”. “e além do ganho pão eu gosto porque o peixe é um alimento para o povo; é importante assim né; porque a importância que a gente tem né? trabalhar com o peixe, levar para mesa do nossos cliente né? as pessoas que a gente fornece; restaurantes; cozinha industrial né? a importância que a gente tem né?”(Entrevista, peixeiro, 2018)

A ida a feira pode ser considerada como reprodução econômica, pondo em prática o comércio de compra e venda dos produtos que oferta - e social, devido a concentração dos frequentadores e dos trabalhadores, que compõe a dinâmica da vida cotidiana e agregam valor cultural, considerando o que diz Santos, como um “espaço; tudo isso,[...]: cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual” (SANTOS, 2008, p. 12).

Nesse tipo de comércio, a principal circulação é a de alimentos, mercadorias e outros bens que são procurado para satisfazer as necessidades dos cidadãos das zonas centrais e periféricas e também dos ribeirinhos oriundos dos municípios que estão interligados pelas vias fluvial e rodoviária da Amazônia.

Na atualidade, a feira Manaus Moderna continua com a mesma importância, que desde início da sua criação, proporciona o abastecimento do comércio de atacado e varejo de boa parte da cidade ; sem contar que o rio Negro faz o transporte entre a chegada e a saída das embarcações na orla da Manaus Moderna, sendo que uma das suas entradas fica de frente para esse rio.

Sendo um dos principais setores do comércio de compra e venda de pescados, a relação para comercialização não inicia na feira: antes do peixe chegar aos boxes dos peixeiros, passa por um processo de trabalho corporal que se dá devido à pesca que ocorre no rio Amazonas.

Não só na área urbana, mas principalmente nas comunidades interioranas, que possuem um elo com o ambiente natural amazônico, sendo que “a economia ribeirinha é voltada para a produção dos alimentos necessários à manutenção da espécie, não há uma preocupação para com a produção do excedente”. (SCHERER, 2004a, p.4).

Ribeiro e Fabré (2005) destacam a importância conferida à pesca pelas comunidades e pelos pescadores que exploram e manejam em um sistema de subsistência, organizando modelos informais de manejo e conservação do recurso. Monteiro complementa ao dizer que “ao pescador habitual, experiente, nunca falta o peixe à mesa, qualquer que seja ele, em qualquer época do ano” (2010,p.21).

Em seus estudos, Gonçalves (2012, p. 154), discorre que o ribeirinho é caracterizado como o caboclo do rio “devido [...] suas práticas culturais serem muito diversa [...], este caboclo amazônico ao habitar as várzeas ao longo dos anos, desenvolveu todo um saber na convivência com os rios e com a floresta”.

Em Cruz (2011), encontra-se a representação e a importância dos rios na vida social dos ribeirinhos na região amazônica ,que consistem no ritmo de vida regional, caracterizada na fertilidade e na carência, na formação e na destruição de terras, a inundação e a seca, a circulação humana e de bens simbólicos, o comércio e a sociabilidade.”

“O pescador é ainda neste século um homem símbolo da bacia, característico e inconfundível.” (MONTEIRO, 2010, p. 25), que de acordo com um dos entrevistados, a sazonalidade influencia na venda dos pescado.

Na cheia o peixe dá uma falhada ; na vazante dá o “bafafá” que é a chamada piracema; dá muito; no mês de julho nos tamo vamos supor o peixe pequeno dá uma falhada ; é quinze dias durante o mês de julho; todo mundo sabe disso; depois dessa fase tudo melhora”. (Entrevista, peixeiro,2018).

Frente ao exposto, pode-se dizer por meio das palavras de Filho (2006) CRUZ (2011), que a relação entre os ribeirinhos e o consumo de peixes pela população amazonense tem a ver com o fato de que as populações tradicionais são caracterizadas pela subsistência com a natureza e com o consumo de peixes. Disto resulta na representação de que o peixe é um tipo de alimento muito consumido na capital, pelo fato do peixe da Amazônia ser nosso principal alimento.

Por ser um local público, a feira proporciona olhares e conhecimentos distintos de quem irá visitá-la. É capaz de gerar curiosidade pela diversidade de cores, riqueza de mercadorias, expressões popularmente amazônicas, uma

verdadeira semiose representada por vários signos verbais e não verbais que constituem a semiótica.

A semiótica é a ciência que investiga todas as linguagens possíveis, ou seja, tem como objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido. (SANTAELLA, 1986, p. 15).

Portanto, a semiótica possibilita analisar as relações entre algo; e que nesse caso, é a forma como o peixeiro utiliza sua corporeidade e seu significado, dado que a feira se torna um local de aprendizagem para entender o contexto histórico do local, para compreender as linguagens verbais e não - verbais, linguagem popular e por fim variados significado culturais .

O porto da Manaus Moderna é também local de chegada do pescado para abastecer as feiras, mercados e supermercados de Manaus. Além disso, nos supermercados o preço se diferencia e dependendo da zona da cidade, o valor pode aumentar consideravelmente. Ademais, grande parte da produção pesqueira no Amazonas é desembarcada no terminal pesqueiro de Manaus, cujo percurso apresenta uma intermediação até chegar ao seu destino, ou seja, o consumidor final.

Perguntados sobre a influência do terminal na circulação do comércio dos pescados na feira Manaus Moderna, um dos entrevistados respondeu que

“Não; não tem influência, pois no terminal tem sempre o abastecimento prévio; “pega do frigorífico; fica congelado; aí quando chega na falta do peixe , aí já tem armazenado ; aí a gente vai lá e compra”. Há uma logística no trabalho; frigorífico compra armazena e vende tipo uma cadeia e todo ano acontece isso”. (Entrevista, peixeiro ,2018).

Assim, antes do pescado chegar até as feiras, o feirante ou permissionário³⁵, compra uma quantidade média comercializada por cada um, por semana, na safra e na entressafra, revelando que “a trajetória da comercialização entre o produtor e o consumidor final de pescado em Manaus apresentou uma cadeia de intermediação formada por comerciantes variados, entre atacadistas e varejistas. [...]”(PARENTE; VANDICK BATISTA, 2005, p.5).

³⁵ o uso do termo está de acordo com o Decreto de 2004, da SUBSEMPAB, que regula a profissão dos feirantes.

Em função dessa gama de serviços, durante as observações em campo, percebemos que o setor mais movimentado da feira Manaus Moderna é aquele destinado à venda dos peixes. Ao fundo da feira, os peixeiros ficam distribuídos no interior do boxes (alguns alugados ou do próprio dono).

Estes boxes são chamados comumente pelos peixeiros de “ilhas”; dependendo da localização onde ficam instalados, cabem até 10 homens. O aluguel de boxes é uma atividade que não pode ser considerada legal, dado que apenas uma banca é cedida por permissionário, porém é uma atividade comum na feira e exercida também por alguns feirantes de médio porte. (PINTO; MORAES, 2011, p.11).

Conforme dados de Ferreira (2009), estima-se que existam na bacia amazônica cerca 3.000 espécies de peixes, sendo que desta imensa diversidade somente cerca de 100 espécies são exploradas como alimento, e apenas uma dezena é responsável por mais de 90% da produção. Nesse sentido, os dados justificam a busca diária nas feiras da cidade de Manaus, que encontra no pescado nosso principal alimento.³⁶

Devido características distintas de outras regiões, a questão do abastecimento, ocorre de acordo com a sazonalidade peculiar dos rios da Amazônia, que afetam a pesca, pois durante a enchente as águas sobem e os peixes se espalham, refletindo tanto na agricultura quanto na pesca, que oscilam entre os períodos de enchente e vazante. Porém, um dos relatos acerca da sazonalidade é que:

“Não; ela não influencia nada; ela só influencia na reprodução dos peixes né? porque na seca corre muitos peixes; é pego muitos peixes; com a cheia não; com a cheia é pra reprodução dos peixes; mas diminui sim os peixes; fica pouco peixe; diminui as quantidades mas fica vindo. vem dos rios e dos frigoríficos pra não desabastecer; e na vazante, começou vazar, o peixe já começa dar novamente;

³⁶Vale destacar que a Instrução Normativa N°1/06/2005 proíbe anualmente a pesca, o transporte e a comercialização do pirarucu (*Arapaima gigas*) no Estado do Amazonas, durante o período de 1 de junho e 30 de novembro, podendo ser comercializado somente a parcela oriunda da piscicultura e licenciada por órgãos competentes e autorizados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). (inserir na parte da entrevista). Enquanto que a Instrução Normativa N°35/09/2005 proíbe anualmente, no período de 1 de outubro a 31 de março, a pesca, o transporte, a armazenagem, o beneficiamento e a comercialização do tambaqui (*Colossoma macopomum*) no Rio Amazonas.

setembro já ta vazado; já tem bastante; antes, dois meses antes". (Entrevista, peixeiro, 2018).

Funcionando durante a semana, aos sábados, domingos e feriados, os feirantes iniciam as atividades de venda às 5h (cinco horas da manhã), haja vista que a feira recebe significativa demanda de compradores, sendo o peixe um dos produtos mais procurados, tanto para consumo doméstico como para consumo no atacado tipo.

Imagem 39 - manta do pirarucu.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Quanto a apresentação para a oferta dos produtos, os peixes são colocados em cima das bancas cobertas com alumínio; dependendo do tipo de peixe, ficam dentro das bandejas, uma espécie de "vasilhame" plástico; peixes como o pirarucu seco e fresco, em sua maioria, são vendidos em cortes separados, as chamadas "mantas"³⁷ termo que os peixeiros utilizam para demonstrar os pedaços do peixe seco³⁸, que forma um rolo, amarrado por um barbante.

³⁷O pirarucu chega ao mercado em mantas, depois de passar por processo de salga ao sol. É conhecido também como o bacalhau da Amazônia devido ao sabor e qualidade da carne, quase sem espinhos.

³⁸Na região da Bacia Amazônica brasileira, de onde o peixe é nativo, a população consome sob a forma de peixe salgado seco; Isto se deve, principalmente, a hábitos de consumo e métodos de conservação anteriores ao surgimento da refrigeração, que fizeram parte da história da alimentação nesta região. Entre estes métodos, destacam-se a salga, defumação e a secagem do pescado. O processo de salga baseia-se no princípio de desidratação. Isto quer dizer que ao se adicionar sal, "puxa a água" que está livre no tecido muscular do peixe.(OGAWA; MAIA, 1999). A secagem promove a retirada da água dos tecidos, porém o fator que desencadeia essa saída não é o sal, e sim, o calor, a circulação de ar ou estes fatores combinados. Estes fatores, promovem a saída da

De acordo com o relato dos entrevistados, dentre os peixes mais vendidos e procurados, encontram-se o Pacu (*Colossoma macropomum*), o Curimatá (*Prochilodus lineatus*) e o Jaraqui (*Semaprochilodus insignis*) e a sardinha (*Sardinella janeiro*). Os peixes que tem maior valor econômico, são o Tambaqui (*Colossoma macropomum*), a Jatuarana (*Brycon melanopterus sp*), o Dourado (*Salminus brasiliensis*) e o Tucunaré (*Cichla ocellaris*)³⁹.

Quais os peixes mais vendidos e os mais procurados? “mais vendidos jaraqui tambaqui de rio” “pirarucu, esses três peixes” e a matrinhã também” (Entrevista, peixeiro 2018).

Por que é chamado de tambaqui de rio? “porque é assim é: tambaqui de rio é diferente do de viveiro; porque o de viveiro é criado com ração; e o de rio é da natureza”. “é ... o de rio melhor; o de viveiro é criado em criatório; e os pessoal vem muito aqui procurar o de rio”. (Entrevista, peixeiro 2018).

Quanto ao espaço utilizado para a exposição e venda dos peixes, em um balcão, coberto por alumínio, os peixes ficam expostos e encadeados uns aos outros, uma forma de apresentação que os peixeiros denominam de “enfiadas”⁴⁰. De acordo com os nomes dos peixes: “enfiada de pacu”; “enfiada de sardinha”; “enfiada de jaraqui”, etc. Portanto, as “enfiadas” são oferecidas conforme o nome de cada peixe.

De acordo com um dos entrevistados enfiada é:

“Enfiada é o seguinte: você pega dez peixes e enfiar ele numa corda; é uma forma de vender porque o peixe fica bem espalhado; fica mais bonito e você pega ele e estica desse tamanho assim oh! porque ele muito, o freguês já fica desconfiado da forma que o peixe que ta ruim fica embaixo da forma na enfiada a gente visualiza melhor o peixe ;a senhora vai apalpar no peixe; na barriga né; ai da pra ver né, se ele tá ruim ou se ele ta bom nè. (Entrevista, peixeiro, 2018).

água através de dois fenômenos físicos distintos: a evaporação da água superficial e a migração da água do centro da peça que se deseja secar para a superfície e posterior evaporação (FERREIRA et al., 2002). Fonte: **Pirarucu Salgado Seco**. Embrapa Pesca e Aquicultura, 2017 Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária Embrapa Pesca e Aquicultura Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Palmas, TO: ISSN 2318-1400 Abril, 2017. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/162180/1/CNPASA-2017-doc33.pdf>> Acesso em 14 fev. 2019.

³⁹ Dados obtidos durante a pesquisa de campo.

⁴⁰ “enfiada”, é quando o peixes ficam presos ou amarrados por uma tira de jauari, **Jauari** é o nome popular de uma palmeira da família das Arecáceas (ex-Palmáceas), uma espécie de palmeira, de fibras têxteis, encontrada vegetando em estado selvagem nas florestas de várzea, ao longo dos Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/aa/v2n3/1809-4392-aa-2-3-0097.pdf> e <<http://www.florestaaguadonorte.com.br/palmeiras-da-amazonia/jauari/>>. Acesso em 11 abr. 2019.

Há regras para o comércio de compra e venda dos pescados no interior da feira Manaus Moderna e nesse sentido, os peixeiros devem cumpri-las com rigor da fiscalização do órgão municipal; são regras básicas para o desenvolvimento das suas atividades, conforme os artigos abaixo expressos na Lei Nº 123, de 25/11/2004, da Prefeitura Municipal de Manaus:

Imagem 40 - Enfiada de peixes



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

O **Art. 23.** O Município exercerá diretamente o controle e a fiscalização do abastecimento de produtos frigoríficos, hortigranjeiros e pescados com o objetivo de garantir boa qualidade sanitária e preços que satisfaçam a demanda dos consumidores, respeitadas as regras de mercado. **Art. 32.** São deveres dos permissionários: I - tratar com cordialidade e cortesia os consumidores e os demais permissionários, adotando, em relação a esses, atitudes sempre respeitosa e digna;

Art. 44. O Município adotará medidas que visem a garantir honestidade e respeito ao consumidor nas transações comerciais, levadas a efeito nos mercados e nas feiras livres e cobertas.

Conforme ressalta Goleman (2007, p.168), há "[...] uma nova realidade competitiva impõe a utilização da inteligência emocional no ambiente de trabalho e no mercado." Portanto, os peixeiros devem estar preparados para os momentos bons ou ruins, inclusive quanto ao modo de utilizar seus instrumentos de trabalho, ou seja, não devem ser vistos como instrumentos causadores de riscos e nem utilizados para algum tipo de violência.

Fora da feira os instrumentos são considerados "armas brancas" e seu porte é proibido. No interior da feira, são instrumentos de trabalho e nesse sentido, os peixeiros compreendem que por mais que sintam-se constrangidos ou chateados

devido algum tipo de abordagem ou situações ocasionadas pelos fregueses, ele é o maior responsável por manter a convivência harmônica; logo, seu instrumento de trabalho torna-se a extensão do seu corpo.

Sobre isto se pode dizer que o corpo do peixeiro é um corpo que na maioria das vezes se transforma em um instrumento que desafia o perigo diante das distâncias para não se afetar. “Seu corpo e suas distâncias participam da mesma corporeidade ou visibilidade em geral que reina entre eles, e mesmo além do horizonte, aquém de sua pele, até o fundo do ser.” (MERLEAU PONTY, 1991, p. 144).

De acordo com os dados das entrevistas, os instrumentos que os peixeiros utilizam para tratar os pescados são as facas, facões, terçados, machadinhos, amoladores de facas, necessários para os cortes selecionados e de acordo com o tamanho dos peixes, *“Faca, terçado, machadinho, facão; amolador; tesoura para cortar as abas; os mais utilizados são faca e terçado porque pra cortar o tambaqui né, que é o peixe que tem mais saída né?”*(Entrevista, peixeiro 2018).

Imagens 41 e 42 - instrumentos que utilizam para tratar o pescado.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017).

E que tem regras apropriadas para o seu uso, de modo que:

“outra regra é tipo assim: a gente só pode tratar peixe se for do lado de dentro da banca porque se ta aqui fora , e a gente que tá cortando o peixe assim, aí alevanta o e não olha pra trás, e tem muita gente que tá passando né, ai é um perigo; cortar o freguês, o cliente; isso é duas coisas que a gente é mais é cobrado aqui”(Entrevista, peixeiro 2018).

Diante da identidade e dos relatos dos peixeiros, a relação deles com o consumidor faz com que surjam clientes fiéis em seus boxes, isso se deve pelo atendimento eficaz que muitos proporcionam, conforme o relato do peixeiro:

“ah sim ; a forma de tratar o cliente; de vez em quando a gente faz um curso aí na administração e como você deve atender o cliente , entendeu; isso aí é uma coisa que eles cobram muito; da nossa parte ;na administração;” (Entrevista, peixeiro 2018).

Ademais, a feira Manaus Moderna não é um ambiente apenas para fins comerciais é um espaço de sociabilidade e o feirante que ali trabalha ganha um cliente que tenha certas curiosidades se souber contar a historiografia da feira em que trabalha. Por isso, não basta apenas ter a feira como fonte de renda, mas também conhecê-la em todos os aspectos.

Imagem 43 - Peixeiro molhando os peixes



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017)

De vez em quando os peixeiros molham os peixes, para que os mesmos permaneçam umedecidos e possibilite melhor visibilidade aos clientes, haja vista que são tratados ali mesmo e na hora da venda, conforme o relato a seguir:

“Pra não ressecar, porque se ele ressecar fica totalmente feio; se não molhar ele, perde o brilho, perde a cor, perde a beleza” ou Por que os peixes são molhados constantemente? É porque eles ficam mais bonitos; a água também não deixa secar o peixe”.(Entrevistas, peixeiros,2018).

Durante as idas ao campo da pesquisa nos fins de semana e feriados, foi possível perceber que o fluxo de pessoas que buscam o setor da venda dos peixes é maior nesses períodos. Em meio às observações, os consumidores justificam a presença nesse setor para comprar peixes de “rio”, como ouvimos de alguns clientes, que preferem peixes que não sejam oriundos de viveiros, ofertados comumente nos grandes supermercados da cidade.

Costume do povo amazonense, cheirar, amassar e pegar no pescado, é uma das particularidades que trata da “capacidade inventiva do índio, herdada pelo mestiço[...]valores pelo conhecimento profundo da vida dos peixes”(MONTEIRO, 2010, p. 25).

Dependendo da banca, algumas vendem um só tipo de pescado, outras até três tipos. Mas, em sua maioria, os peixeiros oferecem jaraqui, o peixe mais comum e de preço mais acessível em termos de valores nas feiras. Além da compra de peixes frescos, preferem levá-los limpos e tratados, pois facilita o preparo, de modo que:

“é sim; é porque é assim...; antes o pessoal só levava o peixe com escama e hoje em dia não , senão tiver tratado eles não levam” e “tratar o peixe tem um significado, pois todos os peixes que são levados daqui , só são tratados”. ”.(Entrevistas, peixeiros,2018).

A sardinha é considerada pelos peixeiros a melhor espécie para se trabalhar, e um dos diferenciais para os clientes é levar o peixe já tratado, ou seja, ticado, sem as escamas e vísceras, por isso, muitos utilizam uma bacia com água, para tratar o pescado e vender limpo ao cliente sem acréscimo no valor:

“Rapaz isso ai é o seguinte: você pega primeiro uma bacia, e ai você pega o peixe; e ai você pega o escamador; ai você começa a passar o escamador do peixe e ainda tem o balde d’água esperando pra lavar o peixe; o outro já vai ticano , o freguês vai chegando, o outro já vai abrindo o bucho e enfia na cambada ou enfiada”. (Entrevistas, peixeiros, 2018).

Sobre os pescados que não foram vendidos no mesmo dia, observamos que o mesmos ficam armazenado em grandes caixas de isopor, arrumadas em cima

das balcões após o término do expediente. Entretanto, sobre o destino dos peixes que não são vendidos alguns entrevistado relataram que:

“Ah é assim, porque acontece de muitas vezes a gente não vender; aí o peixe vai ficando velho; aí o que acontece; a gente chama o resteiro; esses que vivem assim disso né? eles compram o peixinho mais barato. aquele que tá sobrando aí na banca aí vender o peixe, entendeu?” (1)(Entrevista, peixeiro, 2018)

“A gente já vende bem baratinho que não é pra perder o peixe entendeu? aí vende pro resteiro, ele pega e aí vende perto da banca mesmo; tem vez que vende no centro; naqueles carrinhos sabe? Esses são os resteiros; aí por exemplo; eu só tô com esse peixe aí oh; e já tá ficando escuro; aí não vai dar pra vender totalmente; aí eu chamo ele; ele compra bem baratinho; eu vendo barato pra ele; aí ele já vai botar no carrinho dele e vai embora” (Entrevista, peixeiro, 2018)

Os relatos chamaram atenção devido à descoberta da palavra e a função do “resteiro”, aspecto por nós desconhecido, mas que de acordo com os depoimentos, revelam que é prática comum entre os peixeiros da feira. Devido a descoberta da palavra, fizemos tentativas em busca do significado; mas não encontramos como um vocabulário formalizado.

Assim, consideramos que mesmo não havendo um conceito formal, a palavra tem o caráter de uma função e está incorporada no cotidiano da feira. Portanto, o “resteiro”, não quer dizer que ele compre os restos, mas são os peixes que não foram todos vendidos. Nesse sentido, ficou claro que há compradores externos que vão a busca dos “restos” dos peixes, para venderem em outros locais da cidade; e que a nosso ver, abre mais um leque no campo da informalidade no mercado de trabalho.

A pesquisa demonstrou também que o setor ligado à venda dos pescados é muito quente, abafado e úmido; as luzes ficam constantemente acesas, (ver na imagem abaixo). Porém, percebemos que no dia a dia, durante a lida do seu trabalho, o corpo do peixeiro já está adaptado a essa situação, pois quando perguntado o porquê das lâmpadas ficarem todo tempo acesas e com iluminação forte, o sujeito expôs que *“porque é pra dar luminosidade para o peixe; para o peixe ficar mais bonito; só que a luz é pra dar um brilho no peixe, pra ficar mais bonito”.* (Entrevista, peixeiros, 2018).

De fato, na lógica de produção do mundo do trabalho, que exige a força de trabalho e a execução de suas tarefas com saúde, é sabido que as condições extremamente desfavoráveis de trabalho, podem *desgastar* o trabalhador, que, como qualquer outra peça da engrenagem, pode vir a ser excluído do processo de produção nos mais variados tipos de atividades.

Jacqueline Siegrist (2001) expressa que o sofrimento e o adoecimento estão vinculados, ao trabalho em que se centraliza no "reconhecimento", ou melhor, no "não reconhecimento" de determinado tipo de atividade. Exemplo disso são as atividades em que os trabalhadores que lidam com esgoto, bueiros e ambientes infectos em geral, tendem a identificar-se e a acostumar-se com os dejetos que manipulam.

Imagem 44- luzes acessas



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017)

Disto resulta em práticas que transformam o corpo em um sistema de movimentos, cuja utilização é composta por diferentes ritmos, de acordo com suas finalidades. Em dado momento, percebe-se que seus corpos expressam ritmos ríspidos e graves; em outros, os movimentos corporais desses sujeitos apresentam em ritmos calmos e moderados; são sinais de que a prática dos peixeiros exigem a lógica da movimentação corporal.

[...] a topografia corporal funde-se com a topografia cosmica: distinguimos no arranjo do espago no circo ou nos palcos de feira os mesmos elementos topográficos da cena onde se apresentavam os mistérios: terra, inferno e céu (mas, naturalmente, sem a interpretação religiosa): sentimos ai igualmente os elementos

cósmicos: ar (saltos e números acrobáticos), água (exercícios aquáticos), terra e fogo. (BAKHTIN,1987, p.309.)

Durante a pesquisa, chamou-nos atenção a destreza e a agilidade que os peixeiros possuem no momento de tratar os peixes, em um processo que registramos, de acordo com a seguinte sequência, retratada nas imagens 45 a 49.

Imagens 45 e 46 Processo para tratar o peixe



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

- Inicialmente e de acordo com o tamanho e o tipo de peixe, amola-se o instrumento;
- Em seguida, retira as escamas, tanto dos lados, quanto na parte de baixo e de cima do pescado.
- O peixeiro segura o peixe firmemente e faz um corte primeiro da pele;
- Em seguida faz o corte na cabeça e no rabo em movimentos rápidos, de modo que consiga inserir a faca para abrir a barriga.
- Após, faz um corte abaixo da cabeça do peixe, pela parte de baixo, sem decepá-lo;
- A carne irá soltando-se conforme o procedimento é executado para que as espinhas possam soltar (sair).

Imagens 47 e 48- processo para tratar o peixe.



Fonte: Acervo da pesquisadora (2017).

Imagem 49– soltando a carne e as espinhas



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017).

Imagem 50 - sequência para tratar o peixe



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2017)

- Se o peixe for mais robusto, corta rente a pele e depois ao meio;
- Após, abrem bem a barriga do peixe e retira com cuidado os miúdos, as ovas (se houver
- Após retirar as espinhas, separa em filé ou postas ;
- Abre-se o peixe e rapidamente, retira as vísceras com a água
- E por último as tripas, que são despejadas ao lado da banca ou diretamente nos sacos plásticos, que ficam próximos deles;
- .Ao final, pega um saco e coloca o peixe, amarra e em seguida coloca-o em outro saco e entrega para o freguês.

É importante destacar que há uma exigência diária em algumas das partes do corpo desses sujeitos e que exigem mais forças ou habilidades, conforme falas dos entrevistados:

“mais é a mão direita, né que é o braço todo; que é pra suspender o peixe, pra tratar e pra mostrar pro freguês; faz mais movimento”(Entrevista, peixeiro,2018).

“sente dor na lombar; nas articulações ; no pé todo tempo inchado porque a gente fica muito tempo em pé; porque faz movimento né?” Mas quando começa a sentir dor, nós para; nós dá uma paradinha” a vez no “chama o pegador; tem pegador aqui na feira; mas é assim né; a gente paga; tem que pagar ele.”(Entrevista, peixeiro,2018).

Logo, a rotina dos peixeiros em cortar “ticar” o peixe com uma rapidez constitui segundo Heller (2004) como os atos que repetimos mimeticamente sem nos darmos conta do seu significado e de sua importância. “[...] a vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual ou físico”. (HELLER, 2004, p. 17).

Exemplo dessa rotina tem a ver com o fato de que ticar o peixe é uma ação cultural da região amazônica, principalmente pelo fato ser um dos principais alimentos rico em proteínas. Entretanto, esse ticar se torna relevante na socialização do conhecimento tradicional, principalmente para as comunidades tradicionais amazônicas. A retirada das escamas e o bucho do peixe facilita aos consumidores o congelamento do pescado.

O Saber Ambiental desafia as ciências em suas bases mais sólidas, pois, uma vez que necessitam de uma análise interdisciplinar das relações natureza-sociedade, coloca as certezas dos paradigmas absolutos e imutáveis sob a incerteza de suas próprias certezas.

Assim “o Saber Ambiental se produz numa relação entre a teoria e a práxis”.(LEFF, 2008, p.235).

Desta forma, o conhecimento e as experiências do cotidiano, são de suma importância para a rotina do peixeiro. O ambiente em que se desenvolve este trabalho se torna um local de comercialização, em meio a esses espaços de disputas, pois além dos feirantes e consumidores, circulam entre os corredores da feira, carregadores, pedintes, vendedores de sacolas de plásticos, vendedores de sucos oferecidos para compra em copos descartáveis, (a maioria dos vendedores são mulheres jovens), vendedores de sacolas contendo cheiro verde, limão e pimenta, dentre outros, cenas comuns no dia a dia desse lugar; que se apresentam como um cenário em que “tudo na feira se mistura”.

Quando os peixeiros tratam e ticam os peixes, há uma lógica que se identifica com processos que não envolvem aparatos tecnológicos; essa lógica se evidencia porque tais práticas adquiridas não se desenvolveram através de cursos, técnicas específicas, mas sim da experiência de vida que lhes fora adquirida por ser um conhecimento tradicional amazônico, haja vista, que alguns também aprenderam sozinhos, sendo o conhecimento tradicional, se tornando o eixo principal que se destaca na forma como os peixeiros da feira desenvolvem suas atividades com o pescado.

Além do mais, um olhar mais sensível e apurado permite compreender que há uma ligação do saberes tradicionais com o rio e o lago, com o povo ribeirinho e com a Amazônia, formando sua história de vida: são processos que ligam a saída e chegada.

Em um dos trechos da obra “Cinzas do Norte”, o autor Milton Hatoum relata a técnica de limpar o peixe, que é uma prática tão comum utilizada pelos peixeiros que inclusive fazem com dois ou três peixes ao mesmo tempo em uma tábua de madeira, pressionando as espinhas com os dedos e a outra mão com a faca em uma agilidade na execução do corte das espinhas. O autor utiliza o verbo ticar: “Recolhi a roupa dele, senti cheiro de limão, alho e pimenta, e vi tia Ramira ticando peixe na cozinha” (HATOUM, 2005, p.2).

E no caso dos peixeiros, as técnicas que utilizam para tratar os peixes são tradicionais e seguem ao longo do tempo passando de geração em geração. Para eles, o ato de lidar com os pescados é uma técnica, pois:

“tem todo jeito de ticar... tem um jeito de tirar espinha; tira pelas costas; é uma técnica de ticar; tira pelas costas é outra técnica”.(Entrevista, peixeiro 2018) e “Tem que ser paciente e rápido. Aprendi a ticar com meu pai, que trabalha na feira também”, (Entrevista, peixeiro 2018).

Sobre a técnica, estudos da antropologia concebem o fenômeno técnico como uma expressão da cultura, ou como elemento constituinte da cultura EMÍLIO FOGAÇA; ERIC BOËDA (2006). Desse modo, trata-se sobre o ‘saber-fazer’ de determinados grupos humanos, sobre os conhecimentos técnicos sistematicamente transmitidos de geração a geração- no pleno sentido do termo ‘tradição’.(EMÍLIO FOGAÇA;ERIC BOËDA, 2006)

O ensino dessas técnicas é realizado pela transmissão de verdadeiras experiências, passando de pais para filhos. O conhecimento e a prática desses movimentos, representados pelo diálogo biocultural, permitem o desenvolvimento do equilíbrio corporal neste ecossistema. (MATOS,1996 p.29).

Para Boaventura Santos, (1987) isso é possível porque este é um conhecimento que concebe por intermédio da imaginação e se generaliza por meio da qualidade e da exemplaridade. Logo, é preciso reconhecer e ampliar essas técnicas para que possam ser multiplicadas em virtude das suas características.

Imagem 51 - Manuseio do peixe para corte



Fonte: Acervo da pesquisadora (2018)

Tem-se, portanto, um exemplo de sintonia com os fregueses, pois durante o momento em que tratam os pescados, percebemos que há valorização dessas práticas, respaldadas pela tradição e pela técnica, pois:

“Tem todo jeito de ticar... agora tem um jeito de tirar espinha; tira pelas costas; é uma técnica de ticar; tira pelas costas é outra técnica ; só tem dois jeitos (Entrevista, peixeiro 2018).

“Tira por cima; com espinha com tudo; outro jeito; parte ele e tira por dentro; essas técnicas são nossas; não são dos indígenas; os indígenas só comem os peixes enfiados na tora.” (Entrevista, peixeiro 2018).

Entretanto, a destreza e a agilidade vêm acompanhadas das experiências vividas durante o desenvolvimento da atividade, pois quando perguntados sobre as técnicas para tratar os peixes, chama atenção algumas das falas do entrevistados.

“As técnicas são as seguintes né; que é pra aprender a tirar as espinhas. Tem muitos que ensina né; mas tem outros que aprende sozinho entendeu?”

“tem um aqui que dá até aula; tem outros que aprende na marra; aqui acolá a gente corta o dedo; de vez em quando tira um pedaço do dedo mais vai aprendendo assim mesmo; que é um pouco difícil”. (Entrevista, peixeiro 2018).

Imagem 52 - técnica para retirada das vísceras do peixe



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2018.

A respeito de tratar, ticar, limpar e vender os peixes, esses movimentos representam que a profissão de peixeiro ou é um símbolo que tem um significado desse trabalho, porque *“é sim; é porque é assim. uma simbologia “Tratar o peixe tem um significado, pois todos os peixes que são levados daqui, só são tratados”.*(Entrevista, peixeiro,2018).

Diante das observações feitas durante a venda dos peixes, é inegável que esse setor concentra as práticas corporais executadas pelos peixeiros: ao desenvolverem seus movimentos no momento que lidam com o pescado, há variadas manifestações, representadas em seus corpos, retratando a noção simbólica devido a tradição quanto ao modo de tratar os peixes, que se dá no sentir e agir das interações e modos de vida que são estabelecidos no cotidiano desse lugar.

O trabalho dos peixeiros para a venda dos pescados,por mais que dependa dos seus clientes, traz uma espontaneidade em seu cotidiano, isso porque ao executar os movimentos corporais deste o corte até a ticação, muitas das vezes já acostumados conversam, olham para os lados, sem olhar para o peixe durante o corte, como diz Heller (1972, p.18) *“é a espontaneidade, não querendo dizer com isto que todas as atividades do cotidiano o sejam no mesmo nível, mas que existe uma tendência marcante do cotidiano para a espontaneidade”.*

O cotidiano é hoje redescoberto como momento de análise do dado social na complexidade que esse mesmo social envolve, a perspectiva de que o cotidiano possa ser o espaço onde os processos simbólicos são elaborados e reelaborados em si mesmo e a partir das relações que tem com outros processos simbólicos, faz do cotidiano como tal o espaço mesmo de compreensão do processo simbólico e das relações de poder que aí se imbricam” (SOUSA, 1986, p.96).

Treinamentos já foram realizados para trabalhar com o pescado, mas por ser uma tradição que se aprende na prática, muitas das vezes desde pequeno olhando os familiares tratando o peixe, para estes peixeiros, o que vale é a experiência e não a teoria, mesmo que haja boa vontade.

“Todos nós fomos convocados a fazer um treinamento, mas muitos colegas foram; outros não; eu participei de dois cursos; pelo SEBRAE e pelo SENAC lá no Distrito; no Colégio Agrícola; fiz curso de manipulação, armazenamento de pescado; os cursos ensinaram

só a manipulação do pescado; eu, por exemplo, só fui assim pra pegar o certificado, porque eles mesmos não entendem nada dos pescados; só teórico; se botar um peixe na mão deles, eles não entende nada; até que um colega meu, que fez recebeu um diploma de cozinheiro; pois ele trocou lá no curso: ele aprendeu a cozinhar e dava uma de professor na prática de tratar o peixe; e o pessoal deu um diploma pra ele ensinar os alunos “(Entrevista peixeiro, 2018)”.

Sendo assim, compreendemos que o cotidiano do comércio de compra e venda dos pescados, para além dos aspectos simbólicos e da tradição, estão imbricados na estrutura e a lógica do modelo capitalista, representadas pelas diversas formas de interações, dentro daquela teia social, de acordo como o modo de vida e da vida do trabalhadores/peixeiros.

Além do mais, o trabalho dos peixeiros é colaborativo, onde a limpeza do espaço em que ocupam devem ser higienizados e organizados por eles próprios; e a motivação se baseia em sempre ter um sorriso no rosto mesmo que as vendas não sejam como o esperado, o que vale é a valorização colaborativa, a motivação e o comprometimento com o consumidor e amigos de trabalho que ali os rodeiam.

Assim como no Amazonas- localizado no Brasil - onde o consumo de peixe se torna popular mundialmente, o mercado internacional de Rungis⁴¹, por exemplo, situado no entorno de Paris na França, é o maior mercado de produtos frescos do mundo. Por isso, o mercado de Rungis é chamado de “barriga do mundo”.

O peixeiro é o especialista dos produtos da pesca. Crustáceos, conchas e peixes não têm segredos para ele! Se comprar, processar, vender frutos do mar o tenta, aqui está tudo o que você precisa saber sobre essa profissão de boca que oferece, ainda hoje, belas perspectivas para o futuro.

Como se tornar um peixeiro? A missão do peixeiro no comércio de peixarias não se limita exclusivamente à venda de peixes, moluscos e outros crustáceos. Se a pessoa deseja praticar esta profissão, saiba que há de cumprir as seguintes missões para satisfazer os clientes:

⁴¹A exatamente 7km de Paris, num local de 232 ha (2,32 milhões de metros quadrados), perto do aeroporto de Orly e de grandes rodovias e ferrovias, o local foi estrategicamente escolhido. Dados obtidos em <<http://www.sincomat.com.br/component/content/article/34-artigos/78-conheca-o-mercado-de-rugis-na-franca>> Acesso em 31 jan. 2019.

Imagem 53 - Poissonnier sur le marché Richard Len⁴²

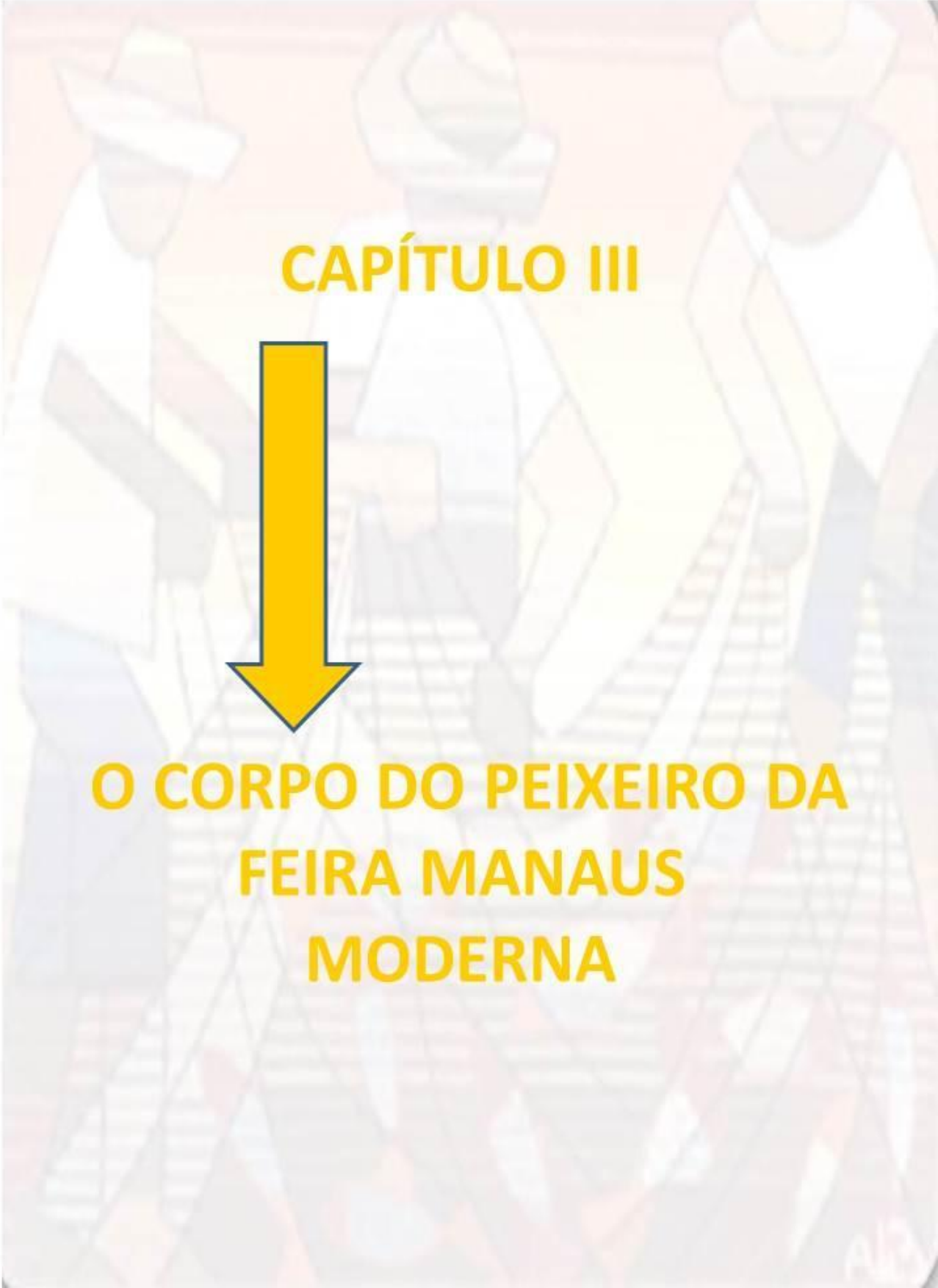


Fonte: Artemis Soares, Dra. (2019).

- ✓ Obter suprimentos de grupos de produtores, em leilão, em uma peixaria ou no Mercado Nacional de Interesse Rungis se o seu mercado de peixe estiver localizado em Île-de-France;
- ✓ Dominar perfeitamente as regras de higiene e segurança relativas ao processamento de produtos frescos;
- ✓ Preparar peixe, marisco e crustáceos;
- ✓ Saber usar algumas ferramentas específicas da profissão: faca de filetagem, tesoura, garra de lagosta;
- ✓ Executar determinadas ações técnicas a pedido do cliente: lascas, evisceração, fatiamento, cobertura, filetagem, abertura de conchas ;
- ✓ Apresentar e organizar os produtos tão bem quanto possível na banca;
- ✓ Saudar educadamente os clientes;
- ✓ Informar ao cliente sobre os produtos apresentados e sua proveniência;
- ✓ Dar dicas de preparação aos consumidores.

De acordo com o relato do texto, percebe-se que mesmo em lugares mais distantes, a lida e a rotina dos peixeiros não se diferem em muito da lida dos peixeiros da nossa região, ao menos no que se refere ao cotidiano referente às atividades básicas, independente do lugar que as desenvolvem .

⁴² Peixaria no mercado Richard Len na França.



CAPÍTULO III



O CORPO DO PEIXEIRO DA FEIRA MANAUS MODERNA

CAPÍTULO III – O CORPO DO PEIXEIRO DA FEIRA MANAUS MODERNA

“Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissensões, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo[...]” (PLATÃO, 1991, p.119).

3.1. Corporeidade: perspectivas teóricas

Cabe salientar desde já que a temática do corpo e da corporeidade é composta por uma matriz de significados pensados através do tempo em que de acordos com os contextos, não se torna tão simples remeter a noção de corpo como exclusiva do campo biológico, pois “cada sociedade tem seu corpo, assim como ela tem sua língua”, como assinala (CERTEAU, 1996, p. 180).

Falar do corpo implica sua inserção no campo social e cultural, que varia de acordo com as diversas sociedades, dando-lhes sentido em variadas épocas. Ao considerar as discussões sobre o corpo e a corporeidade do peixeiro, este capítulo trata das relações entre o trabalho e a corporeidade desse sujeito.

Para compreender a noção de corpo e corporeidade, consideramos a importância de ligá-las “ao conjunto das diversas partes ligadas a ele[...] sendo preciso recompor o todo para conhecer as partes” (MORIN, 2011, p.37). Ou seja, é preciso investigar sua concepção no passado, para que se possa inter-relacioná-lo as análises que traçam uma “história do corpo e da corporeidade”⁴³.

Destacamos que a visão de diversos pensadores do corpo, dentre eles, Mauss (1934), Grando (1996), Medina (2005), Marx (2005), Foucault (1991), Merleau-Ponty (2001), Le Breton (2009), descrevem respectivamente o corpo como técnica; como sacralizado; marginalizado; orgânico e inorgânico; dócil e disciplinado; subjetivo e sociológico, que demonstram transformações e suas relações entre corpo e corporeidade, o que torna suas definições construídas e reconstruídas em um processo constante de evolução.

⁴³ Utilizamos a expressão entre aspas, para demonstrar o corpo como objeto de estudo histórico, cultural e social e por isso, sua noção não traduz um pensamento linear. Por ser a cultura e a sociedade plural e heterogênea, o corpo sofre as influências de cada período e lugar.

Quando se refere ao corpo e à corporeidade, não há como deixar de transitar pelo campo da filosofia, um modo de aproximar-se desses temas, que em certa medida, permitem ao homem vivenciar possibilidades e conhecer-se como ser complexo e único no mundo, sendo, portanto sua existência nunca acabada, mas sim em constante reelaboração, em diferentes épocas.

Na obra *A República*, escrita por volta de 380 a.C., que tem como local a casa de Polemarco, irmão de Lísias e Eutidemos, filho do velho Céfalo, tem-se o diálogo entre Sócrates e Adimanto.

Sócrates — *Existem também outras pessoas que prestam serviços: aquelas que, sem talento para outro tipo de serviço, são, pelo seu vigor corporal, aptos para os trabalhos pesados; vendem o emprego da sua força física e, como denominam salário o preço do seu trabalho, damos-lhes o nome de assalariados, não é assim?*

Adimanto — *Exatamente.*

Sócrates — *Esses assalariados, no meu entender, representam o complemento da cidade*

Adimanto — *É também a minha opinião.* (PLATÃO, s.d, p.75-76)⁴⁴.

Nesse diálogo, Sócrates exprime em suas ideias a respeito da filosofia, o significado do trabalho como algo duro e pesado e que só poderia ser desenvolvido por aqueles que têm vigor corporal; o pensador concentra-se em demonstrar que conhecimento está em relembrar as ideias contempladas pela alma antes de se tornar prisioneira num corpo.

Por um longo período a filosofia colocou o homem e seus problemas como centro de seus interesses. Destarte, o debate sobre o corpo encontra no filósofo Platão como fundador e investigador dessa questão, no século V a.C. Seu pensamento teve como fundamento os princípios filosóficos de Sócrates, (470- 399 a.C.); por ser Platão o porta voz de muitas ideias de Sócrates, o pensamento de ambos buscou compreender a problemática do homem e o mundo, sendo que o pensamento filosófico do período oscilou entre dois polos: corpo e alma.

A partir dos antagonismos corpo e alma, Platão marcou profundamente o pensamento ocidental; para ele, a vida deveria abster-se de prazeres, desejos,

⁴⁴PLATÃO. **A República.** Disponível em: <http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf> Acesso em 24 nov.2018.

dores, enfim, formas de apreensão do mundo consideradas como incertas. Nas concepções de Platão, o corpo era a prisão da alma; em busca da verdade humana, o pensamento de Platão separa e contrapõe esses elementos.

A filosofia de Platão compreendia que o corpo e alma do indivíduo viviam atolados em desvios e condutas que não se adequavam às exigências daquele período, sob pena dos indivíduos jamais poderem alcançar a verdade almejada. Foi um período em o corpo, inclinado a paixões, contamina a pureza da alma; desse modo, o pensamento platônico sobre o corpo é concebido de forma dual: uma parte é eterna e liga-se com o divino: a alma. A outra é corruptível: o corpo.

Platão compreende que o corpo é o sepulcro em que a alma está presa, sendo, portanto dever do homem livrar-se ao máximo dessa coisa que o limita. Nesse sentido, a obra platônica eleva a alma como aspecto central em seu pensamento, por considerar que “a alma, é inteligível, representante da razão e próxima ao divino” (PLATÃO, 1991, p.109).

Essa dupla natureza humana à luz da filosofia de Platão demonstra que o corpo não possibilita ao homem alcançar a sabedoria; “enquanto que a alma possui ligação com o divino, responsável pelo que é inteligível”(idem). Esta, por sinal, ganha uma supervalorização contra o corpo, onde a materialidade aliada à ação realizada por ele é desvalorizada, sendo o corpo visto como qualquer, cuja visão (platônica) conduz a uma divisão do mundo centrada nessa dualidade.

Parece que não há dúvida de que Platão é um filósofo de antagonismos, dado que defendia a existência de dois mundos: um estava destinado à matéria, no qual tudo é perecível, e que justifica o movimento; outro no qual as coisas são eternas, o mundo das ideias. Desse modo, estava também justificada a separação entre corpo e alma. Por um lado, o corpo está sujeito à degeneração, não pode aceder ao conhecimento verdadeiro; por outro lado, a alma não está sujeita ao perecimento, visto que ela é eterna, e somente ela pode aceder ao conhecimento verdadeiro.

Aristóteles, um dos filósofos gregos (384-322 a.C), discípulo de Platão(428/7-347 a.C), pensava diferente de seu mestre. Em Aristóteles, a cisão corpo e alma não se constituem como objetos separados; para o pensador, todo organismo vivo é

a síntese da matéria e a forma, ou seja, corpo e alma sofrem alguma distinção, mas que trabalham unidos e sua percepção tornam-se semelhantes.⁴⁵

Desse modo, a visão de Aristóteles pode ser chamada de orgânica, mesmo sabendo que até então a questão corpo e alma está construída, no mundo grego, pela posição dualista platônica. Embora Aristóteles não considere o corpo como cárcere da alma, seu pensamento define o corpo como necessariamente o lugar de atividade, garantindo o dinamismo da vida, trazendo à tona a visão instrumentalista do corpo.

Na obra *De anima*, a visão aristotélica constitui que o homem é ao mesmo tempo um ser pensante e político e que a razão deve dirigir a vida humana. “Aquilo que possui alma se distingue daquilo que não possui alma pela vida” (Aristóteles, *De anima* II. 2, 413a22-23).

Nesse pensamento, Aristóteles encontra um meio termo entre a cisão corpo e alma, quando considera que a alma é um princípio vital, geradora da vida e estabelece que o corpo e alma constitua relação com as noções matéria e forma; potência e ato. Desse modo, Aristóteles acrescenta uma nova visão ao dualismo platônico, ao trazer a ideia de que corpo e alma juntos constituem o animal inserindo um dado novo quando demonstra que a relação corpo e alma constituem uma unidade.

Cabe destacar que a antiguidade grega expressa o pensamento dos três maiores filósofos desse período: Sócrates, Platão e Aristóteles. A influência desses pensadores trouxe à tona preocupações filosóficas que se voltam para as questões morais, para a definição dos ideais de felicidade e virtude, preocupação concentrada na formação integral do indivíduo. No entanto, o caráter metafísico presente na antiguidade grega na busca pelas verdades universais “não possibilitou pensar as relações do homem com seu corpo em sua concretude” (GONÇALVES, 1994, p.11).

⁴⁵Tanto para Platão e seu mestre Sócrates, a alma era algo preexistente e sobrevivente ao corpo, que era habitado por uma alma. Vendo o homem como um ser essencialmente contemplativo. Aristóteles, do mesmo modo que Platão manifesta um grande menosprezo pelo trabalho, principalmente pelo trabalho físico, que envolve o homem em sua corporalidade, por ser atividade ligada à matéria e pelo seu aspecto servil, constituindo-se em uma negação da própria natureza humana. (GONÇALVES, 1994, p.43).

Esse período assiste a expansão do cristianismo, durante o fim do Império Romano, sendo Igreja a principal instituição a disseminar os valores cristãos. A visão cristã concebe a vida humana dentro da perspectiva da criação e Deus o único criador do homem. (GONÇALVES, 1994).

Complementa Gonçalves (1994), que seguindo o dogma moral revelado por Deus, a visão do corpo na Idade Média confere à igreja o papel de moldar o corpo no sentido em que compreende as regras morais, dentre elas aquelas que estabelecem que tanto a sexualidade e o ato sexual entre os corpos antes do casamento, eram tidas como decadência.

Então colocar o corpo à venda como mercadoria de prostituição, foi a ideia que se fez bastante presente na época, por ser, “a igreja a força dominante na vida moral e espiritual na Idade Média, determinando o sexo regulamentado, quando e com quem o sexo poderia ter lugar” (RICHARD, 1993, p. 132).

A igreja, agora estabelecida em uma sociedade marcada pelo pensamento religioso, influencia a organização da sociedade medieval (dividida em Clero, Nobreza e Servos). Logo, via-se nessa divisão, o reflexo da Santíssima Trindade.

Como sabemos, o pensamento do qual somos o proprietário é em parte produto do cristianismo. Assim também a noção de pessoa deve a ele a base metafísica que necessitava para consolidar como categoria. Para atingir esta noção, efetua-se uma passagem que é a noção de *persona*, homem revestido de um estado, para a noção de simplesmente de pessoa humana. (SOARES, 2014, p.34).

Essas concepções religiosas ⁴⁶ são justificadas devido a vida terrena ser desprezada. Dessa maneira, muitos dos costumes da época estavam influenciados pelo dilema da vida após a morte; para tanto, o corpo é visto como templo, para que a vida do homem busque em seu interior, o alcance da transcendência, preparando-o para o encontro com Deus. (SANTO AGOSTINHO, 1987).

Santo Agostinho segue o pensamento universal, influenciado pelo pensamento de Platão, pois compreende a natureza humana mesclada pelo corpo e pela alma; no entanto, é enfático ao estabelecer a alma como ativa sobre o

⁴⁶ Não cabe aqui criticar os valores e os dogmas religiosos presentes na atualidade com base nas ações passadas encontradas no período da idade média; apenas centro o debate no sentido de contextualizar a visão do corpo durante o período em tela .

corpo, que “atenta a tudo a seu redor, nada deixar escapar em sua ação(SANTO AGOSTINHO, p.XIV,1987); por seu lado ele compreende que o corpo é penetrado pela alma, sendo que esta o torna sensível e conseqüentemente anima o corpo (GONÇALVES,1994).

Embora São Tomás de Aquino (1988), comungue da mesma ideia, acrescenta a esse pensamento a afirmação de que há uma união entre alma e corpo, sendo, portanto o corpo parte constituinte da pessoa. Exemplifica a concepção quando afirma que a alma é força vital fisiológica, princípio da energia e movimento do corpo (idem).

As concepções do corpo e alma na idade média associam o pecado a ideia da carne; essas características prevaleceram no corpo e estabeleceram costumes de mortificá-lo para purificar a alma(GONÇALVES,1994) em busca de seu destino centrado no dogma cristão, conferindo ao corpo a participação da espiritualidade para ir ao encontro com Deus. Destacamos que embora o pensamento da época estabeleça o registro do pecado no corpo do homem, os mesmos dogmas cristãos não veem o corpo como algo indigno; para eles, a transfiguração do corpo é parte da natureza imortal do homem.

Os séculos XV e XVI vivenciaram as influências dos pensadores do período medieval e também à luz da reinterpretação do pensamento dos filósofos gregos. No entanto, surge o pensamento renascentista que faz uma cisão no pensamento platônico, até então predominante. Nesse período, denominado Renascimento, o homem passa a ser considerado como um ser não apenas de razão, mas também um ser de vontade, sendo, portanto capaz de transformar o mundo. (GONÇALVES, 1994).

Esse período remete à concepção filosófica de corpo, mais precisamente segundo o pensamento de René Descartes (1979). Para falar do corpo, o pai da Filosofia Moderna inicia pela ideia do **cogito**⁴⁷, linha de pensamento racionalista que conduz a existência do homem à ideia de que o homem é a sua alma, pois esta é a sua substância pensante, cabendo à razão o conhecimento verdadeiro.

⁴⁷A frase **Penso, logo existo**, conhecida por sua forma em latim **Cogito, ergo sum**, é uma frase que foi escrita em francês (**Je pense, donc je suis**) e está no livro **Discurso do Método**, de 1637.

Isso significa que, para o alcance da verdade, deve-se desconsiderar tudo o que era proveniente dos sentidos.

Para René Descartes (1596-1650) a alma é independente do corpo, cuja natureza consiste apenas no pensar para ser, não dependia de qualquer coisa material. Descartes instituiu a ideia de que alma e corpo são duas substâncias diferentes, lançando as bases do método científico moderno, uma ciência unitária e universal. Seu pensamento resultou na quebra da filosofia tradicional e medieval, abrindo caminho para o método científico e a filosofia moderna.

Quis descer às que eram mais particulares, apresentaram-se-me tão diversas, que não acreditei que fosse possível ao espírito humano distinguir as formas ou espécies de corpos que existem sobre a terra, de uma infinidade de outras que poderiam nela existir, se fosse a vontade de Deus aí colocá-las, nem, por consequência, torná-las de nosso uso, a não ser que se vá ao encontro das causas pelos efeitos e que se recorda a muitas experiências particulares.(DESCARTES, 1979, p.29)

Todavia o ponto de vista do filósofo demonstrou que por um longo período a primeira relação com o conhecimento é física; e embora o corpo se movimente e se articula por meio os gestos, ainda é um pensamento racional.

No *cogito*, Descartes deixa em relevo que a mente é o centro da realidade e sustenta que o Eu é apenas pensante, excluindo, portanto o sentir e o agir corpóreo. O corpo separado da mente é a representação cartesiana responsável pela influência de estudos em áreas como a medicina e a educação física, pois tratam o corpo à luz de cada perspectiva, ignorando a globalidade do homem (GONÇALVES, 1994).

Se o corpo era considerado no campo da Filosofia, como o caminho inadequado para conhecermos a verdade, no campo da religião, ele tornou-se o lugar do pecado, por isso desprezado, submetido a todos os tipos de penalizações. O corpo, por ser matéria, pesado, afunda, deteriora-se, aprisiona; o espírito, ao contrário, é leve, espraia-se, voa. E poderá, conforme a vida que se levou na Terra, alcançar o paraíso. Entretanto e com o advento do tempo histórico linear,

[...]o corpo tem um novo destino. Esta nova temporalidade abre fendas que são impossíveis de serem ultrapassadas pelo homem na sociedade nativa ainda existente . O homem “primitivo” esperava sempre o tempo que se fora. A natureza o aconselhava a isto:

primavera, verão, outono e inverno, o dia e a noite a enchente e a vazante[...]Resta portanto a este povo encontrar alternativa para conseguir sobreviver numa sociedade construída num universo diferente.(SOARES, 2014, p.36).

Destacamos que os debates sobre o corpo até aqui, foram à luz do pensamento universal, cuja tendência foi uma visão dualista, embora com alternâncias nesse pensamento, que gerou tensões entre esse pensamento racional, quando o pensamento cartesiano tinha mais destaque que o pensamento intuitivo do homem.

Durante esses períodos, o pensamento universal não permitiu a proximidade do homem com seu corpo e como consequência a relação deste com o mundo; um modo de reduzir a capacidade de percepção sensorial para finalmente o homem conseguir controlar seus afetos (GONÇALVES, 1994).

Fica, portanto, com uma importante questão, que o corpo na Filosofia Moderna se investiga no sentido da identidade do homem e a identidade da pessoa serem ideias separadas, conforme esclarece Scruton (1981). "Nós somos o nosso corpo; e a experiência que qualquer indivíduo possa ter, mexe com o que demonstramos ser foi por muito tempo a referência de vários estudos sobre os corpos vivos". (PORTO, 2006, p. 11).

Desta forma, as ideias filosóficas de Marx⁴⁸ assinalam sua concepção acerca do corpo no âmbito do trabalho como uma atividade de produção da existência, no qual ocorre devido à concorrência social de todas as capacidades presentes na humanidade; além disso, os corpos são treinados para realizarem os trabalhos nas fábricas eficientemente, modelados para servir ao regime capitalista, trazendo uma revolução na forma do homem ver o mundo.

Parece que de tanto ser submetido ao controle do pensamento universal, no século XIX cresceram as preocupações com as ações do homem quando estas passaram a ser calculadas, sendo que as principais reações foram àquelas ligadas

⁴⁸“Existe uma polêmica em torno da questão da existência ou não de um humanismo marxiano. Autores como Althusser, Balibar e Mackerey consideram o marxismo anti - humano e afirmam a existência de um corte epistemológico entre os primeiros estudos de Marx na obra *O capital*”(GONÇALVES, p. 58,1994). Não é intenção debater tais questões e por isso, condiciono as análises em específico, à visão do corpo em Marx.

aos limites de afeto; isto resultou em ameaças às relações sociais dos indivíduos, inclusive com a chegada das indústrias.

Para Marx (1994), a dimensão da corporalidade⁴⁹ do homem é pensada em toda sua concentricidade e a relação homem, trabalho e natureza se dão mediada pela sociedade, ao dizer que “a produção de valores-de-uso não muda sua natureza geral por ser levada a cabo em benefício do capitalista ou estar sob seu controle”. (MARX, 1994, p. 201).

Considerado o filósofo do trabalho⁵⁰, Marx investiga como o trabalho é parte integrante e essencial da condição humana. Uma das suas grandes preocupações é que a consciência está alocada no corpo, explicada a “partir das contradições da vida material” (MARX, 1987, p.30). Para o pensador, o trabalho está ligado à práxis, elemento que liga o agir à satisfação das necessidades por meio da produção material.

A concepção do trabalho encontrada em Marx corresponde aos movimentos que o homem opera em todo cérebro- corpo, em conjunto com a transformação da natureza; esta por sua vez, torna-se objeto útil à vida humana e a natureza à disposição do homem. Sobre isto, destacamos que há uma contribuição importante na análise de Marx, para quem o corpo é uma construção histórica, submetido a condições determinadas de acordo com a organização do trabalho. (TYLOR, 1995).

Aqui, tratamos do trabalhador –o peixeiro - que se mantém no mercado de trabalho com jornadas cada vez maiores, devido à necessidade em realizar

⁴⁹É importante destacar que a noção de corporalidade é oriunda inicialmente da observação simples e factual revelada pelo europeu que tinha encontrado um novo homem no Mundo Novo. Era novo não pela pintura da qual seu corpo era suporte e nem somente pelo seu físico mas por todo elemento descrito pelo autor da Carta ao rei.[...] reveladora da pintura e habito antigo desde do início do descobrimento do universo indígena brasileiro. E a América do Sul, uma das ultimas regiões etnográficas a contribuir com a teoria antropológica, que ofereceria a noção de pessoa com ênfase na corporalidade. Tal contribuição, traduzida de outra forma sugere que a noção de pessoa é uma consideração do lugar do corpo humano na visão que a sociedade humana fazem de si mesma[...](SOARES, 2014, p.26-27).

⁵⁰“Destacamos que Marx não utiliza a expressão o trabalho, mas sim o processo de trabalho.[...] Se Marx estivesse preocupado em definir o que é o trabalho, possivelmente estaria no âmbito de uma metafísica idealista, em que o conceito obtido através de um processo de abstração seria eterno, fixo e imutável”. Fonte: **Trabalho docente precarizado nas ifes: o caso da pós-graduação em educação física no nordeste do Brasil**.p.48.Dissertação de mestrado. Fernando José de Paula Cunha, 2014. Disponível em:<
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/20021/1/TESE%20TRABALHO%20DOCENTE.pdf>>.

múltiplas tarefas, carrega “a consequência mais negativa para o mundo do trabalho dada pela destruição, precarização e eliminação de postos de trabalho, resultando em um desemprego estrutural explosivo”. (ANTUNES, 2011, p.15).

Ao aproximar a ideia marxista aos estudos sobre o corpo, foi possível trazer à tona uma aproximação sinalizada há algum tempo: para Turner (1996), a abordagem marxista é uma possibilidade de se escapar ao relativismo que caracteriza boa parte das abordagens ao corpo. Le Breton encontra (2002) a visão de Marx como uma “sociologia do corpo implícita” (p. 15), expressão que o sociólogo emprestou de J.M.Berthelot para caracterizar o início da ciência social durante o século XIX, um marco de reflexão em que “a corporeidade humana é vista de ângulo de análise mutuamente contraditório” (LE BRETON, 2012, p.15).

Antes um corpo descolado das ações materiais e condicionado ao pensar, torna-se mecanizado pelas condições de trabalho, um corpo máquina, “e o trabalhador uma mercadoria, à medida que produz bens” (GONÇALVES, 1994, p.62) e seu corpo uma ferramenta (**grifo nosso**). Mesmo sem ter intencionado estudar o corpo diretamente, as análises de Marx sobre o mundo do trabalho proporcionam a base para estudos posteriores que se focalizaram sobre a questão do corpo no interior da sociedade.

Aqui retomamos o tema a partir da compreensão de que a cultura se deve ao uso que é feito do corpo; e encontra-se na obra do etnólogo Marcel Mauss, por exemplo, no artigo *As técnicas do corpo* (1934), a afirmação de que os movimentos mais simples que fazemos nas nossas vidas são construções sociais e culturais.

Mauss traz o significado de que o instrumento mais original que cada um de nós possui é o próprio corpo, e que esses movimentos são forjados dentro da cultura a qual pertencemos; daí a quantidade imensurável de práticas corporais e manifestações culturais que vão desde os rituais, das danças, do andar, nadar, da indumentária, gastronomia etc.

Consideradas como técnicas corporais do movimento, Marcel Mauss (1872-1950) traz contribuições importantes em seu artigo. Esse texto marca avanços significativos e são precursores de pesquisas sobre o corpo, pois “o corpo é o

primeiro e o mais natural instrumento” do homem, pois é modelado conforme o hábito cultural produz eficácias práticas. (MAUSS, 1934)

Enquanto um estudioso do corpo do século XX, Mauss destaca que as técnicas do corpo são gestos codificados em vista de uma eficácia prática ou simbólica. Trata-se de modalidades de ação, de sequencias de gestos, de sincronias musculares que se sucedem na busca de uma finalidade precisa. (MAUSS, 1936).

Portanto, Mauss trata de um campo que lida com o conceito de técnicas como noção tradicional de tecnologia, sendo o corpo “um instrumento envolvido no ato da manipulação” (MAUSS, 1934).

No século XX, o trabalho se organiza para a produção, em uma escala ainda maior, de bens de consumo e, para tal, procuraram-se novas formas de organização no interior das fábricas. Esse novo contexto possibilitou um avanço da mecanização das atividades de trabalho e, sobremaneira, depositou nas máquinas o próprio conhecimento técnico dos trabalhadores.

Dessa forma, as atitudes e ações corpóreas tornaram-se objetos de estudos quando houve destaque sobre a visão do corpo como um instrumento voltado para produtividade, devido a forma como as sociedades capitalistas ligam o corpo e sua utilização, principalmente quando o trabalho físico exige maior participação corporal. Esse processo colabora com o distanciamento das expressões do homem em sua totalidade, devido a forte utilização do corpo, distanciando – o da sua corporeidade.

Dentre os estudos que trazem a tona a busca da compreensão humana no campo filosófico, surge o pensamento de Merleau-Ponty (1908-1961), que ficou reconhecido por sua teoria da percepção. Merleau-Ponty é reconhecido como um dos importantes estudiosos do corpo. A sua linha de pensamento segue a esteira aberta por Edmund Husserl, que carrega o título de pai da Fenomenologia, e que se opõe à ideia de oposição entre corpo/alma, forma/matéria, cabendo ao sujeito, na sua relação com o mundo, e exclusivamente a ele, o ato de conhecer.

Ponty (1971) destaca que o todo precede às partes, o que significa que não há o dualismo presente na filosofia racionalista, pois tudo se dá na *percepção*, ou melhor, dizendo, pela apreensão dos sentidos, este que não apreende imediatamente as partes, mas o todo.

Para o fenomenólogo do corpo, o trabalho de decomposição é posterior, porém não significa nem oposição, nem submissão do sujeito ao objeto, ou do objeto ao sujeito. Portanto, o corpo é pleno de subjetividade quando reconhece a intersubjetividade marcada numa “condição corpórea” que se dá entre ações individuais e coletivas.

Em seus estudos, Merleau Ponty⁵¹ demonstra que o corpo é a via de linguagem intermediária dessas mudanças, que através de gestos, movimentos e atitudes expressas no/pelo corpo, que o desenvolvimento do homem ocorreu devido à apropriação de comportamentos e atitudes através do processo cultural que, inclusive, foram transformando o seu componente biológico.

Isso significa que a totalidade se apresenta em primeiro lugar; que a unidade se impõe sobre a multiplicidade. E na síntese operacionalizada pelo filósofo é o corpo o *locus* da apreensão, dado que a percepção é dada pelos sentidos.

Esse ponto de vista permite demonstrar que há um diálogo entre as contribuições de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty, no que diz respeito às reflexões elaboradas por ambos sobre o corpo e a corporeidade, mesmo que os estudos de Mauss estejam assentados na antropologia e também na fenomenologia, “considerando o corpo em movimento, vê-se melhor como ele habita o espaço [...], porque o movimento [...] assume ativamente, retoma-os em sua significação original, que se esvai na banalidade das situações adquiridas”. (PONTY, 1991, p.149).

Ora, conceber a corporeidade integrada na unidade do homem é dar significado ao resgate do sentido do sensível e do corpóreo na vida humana e que se efetiva porque o homem é um ser corpóreo, que possui necessidades materiais e espirituais. Assim sendo, o corpo é posto a serviço da mente e para que haja

⁵¹“Considerando a estrutura psicológica, Merleau-Ponty aponta, que o corpo é o local da experiência com o outro e com o mundo. Para ele, o corpo possibilita e inaugura a existência e a presença do ser no mundo”(DAOLIO *et al*,2012, p.8).

movimentos eficazes são necessários momentos de concentração e técnica, como explana Maurice Merleau-Ponty (1971), ao enfatizar que o homem define sua fenomenologia na consciência do eu, ou seja, instaura sua presença através dos gestos, palavras e linguagem.

Merleau Ponty (1971) faz um “rasgo” na cisão corpo e alma quando critica a metafísica cartesiana, que separa corpo do espírito, o sujeito do objeto; para ele, essa separação tornou a existência humana condicionada por um lado ao objetivismo e por outro ao idealismo filosófico.

Dentre seus estudos, Ponty (1971) desenvolve a tese da percepção quando demonstra que o conhecimento não se deixa apreender pela perspectiva reducionista da inteligência, emergindo dos processos corporais. Para ele, o movimento dos corpos, possibilita fazer a leitura, como lentes sensíveis dos aspectos visíveis e invisíveis do *Ser*, do conhecimento e da cultura (PONTY, 1991).

Dentre suas inúmeras observações, o filósofo afirma que as significações que surgem, - o sentido - são, em última instância, significações vividas e não da ordem do eu penso. Nesse sentido, Ponty (1991) constrói a ideia de que o conhecimento é éco-extensivo ao mundo e não podemos substituir o ato de ver pelo pensamento de ver. Para ele, o que chamamos *ideia* está necessariamente ligado a um ato de expressão, é um objeto da cultura, um meio de expressão e de comunicação e, portanto, uma produção da subjetividade.

A análise à luz da perspectiva de Ponty (1991) permite considerar que o pensamento marxista até o século XIX revela que a sociedade só vai a busca de corpos fortes e saudáveis, capazes de participar de todas as fases de produção com eficiência, pois no que tange ao trabalho, há uma dimensão deste diante do pensamento marxista, que se torna relevante às necessidades da humanidade diante dos modos de produção capitalista.

E no que se refere a corporeidade, Gonçalves, (1994) a concebe como uma forma de resgatar o sentido da unidade do homem quando diz que a relação do homem com o mundo não é simplesmente a relação de uma consciência que pensa o mundo, sem deixar-se tocar, “mas é a relação de um ser engajado no mundo – que tem emoções, que ama, que odeia, que tem fome, que tem dor, que

vive a solidão, a amizade – enfim, de um ser que sente, sobre o qual o pensamento se edifica”. (GONÇALVES, 1994, p. 176).

Bueno (2003) conceitua a corporeidade em uma aproximação histórico-filosófica do corpo, pois o corpo que tem a capacidade de criar e transformar a natureza, agora se torna um corpo automatizado, com tarefas a cumprir, alienado e deformado pelas condições precárias de movimento a que se submete, (BUENO, 2003, p.24).

Consequentemente, a corporeidade será a maneira como o ser humano diz sobre si mesmo e se relaciona com o mundo, com seu corpo enquanto objetividade (matéria) e subjetividade (espírito, alma) em um contexto de inseparabilidade. E se os movimentos corporais estão relacionados com o lado fisiológico e social e também o individual e grupal, torna-se importante reconhecer que a concepção do indivíduo na atualidade não é algo natural, composto pela essência humana.

Nesse contexto, ressaltamos que os movimentos corporais dos peixeiros são interessantes, haja vista que a lateralidade se torna um aspecto fundamental para que eles coloquem em prática os movimentos.

O exercício de uma conduta motora diversificada e fundamentada na eficiência gestual, parece inclinar o indivíduo a harmonizar sua lateralidade funcional, coordenando e especializando as intervenções dinâmicas dos diferentes segmentos motores (SOARES, 1981, p.70).

Exemplo disto foi a revolução industrial: com o sistema de produção e acúmulo de bens, o corpo desse homem sofre uma ruptura forçada, pois os homens e sua força de trabalho são tratados como máquinas, tendo seus movimentos totalmente controlados e calculados por outras máquinas e pela necessidade de produtividade e geração de lucros, cujo trabalho se converte em subsistência.

Reforça Antunes que “o processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, [...] uma mercadoria [...],cuja finalidade vem ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital. (ANTUNES, 2005, p.69).

Disto resulta que o corpo do homem é um corpo que se torna humano por sua atividade produtiva. “Seus sentidos são sentidos humanos, pois seus objetos são objetos humanos, criados pelo homem e a ele destinados.” (GONÇALVES, 2007, p. 60).

No entanto, não é tarefa simples pensar o corpo, dadas as diversas dimensões que podem ser exploradas: é o arcabouço físico do ser humano e marcador da existência material quanto às formas de se relacionar, de interagir, de repetir.

Juntamente com Mauss destacam-se os estudos de David Le Breton, com *Antropologia del cuerpo y modernidad*, Na obra *A sociologia do corpo e Adeus ao corpo*,. David Le Breton afirma de forma basilar que o corpo é a prova da nossa singularidade. Isso significa que é a nossa relação com o mundo, pois nele estamos inseridos ou melhor dizendo, nós somos ele, e ele é cada um de nós.

E como nascemos num lugar que nos precede, portanto já chegamos com uma língua que nos aguarda, como uma forma de ver o mundo que irá sedimentar as nossas ideias, as nossas crenças, as nossas sensações e os nossos sentimentos.

Para Breton, (2012), o corpo é fruto da interação natureza/cultura, sendo que as diversas experiências do homem no decorrer de sua vida, demonstram que a condição corporal expressas em seus hábitos, maneiras e costumes, mesmo em diferentes épocas, caracterizam que “no fundo, corpo, alma e sociedade, tudo se mistura”(MAUSS, 1934, p.198).

Mais do que nunca os estudos sobre o corpo e a observação sobre as manifestações culturais são necessários, tendo em vista que vivemos numa sociedade individualista. Assim sendo, o olhar da sociedade, os sentimentos que nutrimos sobre nós mesmos estão sedimentados nas relações que mantemos por meio do nosso corpo, pois é ele que, tanto nos fecha quanto nos abre para o mundo.

A história da submissão do corpo, apesar de tudo, e principalmente onde predomina o senso comum, ao espírito permanece. Exemplo disso ocorreu na

Filosofia Pós-Moderna, por meio de um dos maiores estudiosos do corpo é Michel Foucault. A sua obra está voltada para o conhecimento do homem por meio do corpo, das suas relações no mundo, e principalmente nos usos que se pode fazer dele. A ideia do corpo como *locus* do prazer, da manipulação e do castigo estão amplamente desenvolvidas na obra do filósofo.

Em 1987, em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault se detém nas práticas disciplinares que se consolidaram a partir do século XVIII para poder pensar a produção de um tipo específico de corpo, a saber, um corpo dócil. Nesse sentido, é outra a compreensão que se oferece, não mais a alma é o alvo da punição, mas a matéria.

O corpo torna-se o alvo e o objeto do saber. Ele é visto como passível de ser manipulado, modelado, treinado, “que se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”.

Foucault (2008), em seus estudos epistemológicos sobre as Ciências Humanas, desenvolve conceitos acerca do homem contemporâneo diante da sua corporeidade, propõe que o homem perceba que o corpo pode ser disciplinado, controlado e utilizado para a transformação e controle do mundo. “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (p. 28).

No caso dos peixeiros da Feira Coberta da Manaus Moderna, retomamos a proposição de que em seu trabalho e suas práticas corporais, há uma espécie de teia cultural: ao desenvolver suas atividades laborais, seus movimentos corporais se articulam, se modificam se mantem; e ao mesmo tempo produzem mudanças, tanto corporais quanto sociais, um a forma de ver e sentir o mundo demonstra que os movimentos corporais desses trabalhadores são movimentos tanto individuais como coletivos.

E aponta para um aspecto importante: confere a feira coberta “um mundo de práticas tradicionais”, (LEITAO,2013) que relacionadas ao saber fazer dos peixeiros , possuem relação direta com sua vida cotidiana no seu mundo do trabalho, ou como dito nas palavras de Foucault, como “a superfície de inscrição dos acontecimentos - enquanto a linguagem os marca- lugar de dissociação do EU” (1998, p.2)

No entanto, é importante compreender que estamos inseridos numa complexa teia, em que não há certezas, nem regras que podem definir, com exatidão, cada um de nós, mesmo com a existência de estudos e teorias que buscam a aproximação acerca de nossos comportamentos, atitudes e que “o corpo de cada indivíduo [...] revela [...] sua singularidade pessoal [...]”.(GONÇALVES,1994, p.13).

Portanto, conceituar corpo e a corporeidade em relação aos contextos que trouxeram variados significados implica na compressão do eu e do outro, de modo coletivo ou individual de ser e estar no mundo, pois compreendemos que o corpo internaliza tudo que existe (HARVEY, 2000).

Na atualidade, percebe-se a libertação de povos aos quais eram cerceadas as manifestações, a destituição de uma história linear, que foi transformando-se significativamente em uma clara diversidade cultural, que a todo momento determina comportamentos, manifestações e utilizações específicas e próprias do corpo.

3.2.Corporeidade e o trabalho do peixeiro

“quando a gente já tá aqui e vê que já valeu por ganhar o pão de cada dia; é um trabalho; porque sem o trabalho, o ser humano, ele não é reconhecido em lugar nenhum”.(Entrevista com um dos Peixeiro, 2018).

Como visto anteriormente, o corpo foi tema de discussões constantes ao longo da história da humanidade, carregado de várias interpretações, segundo as quais trouxeram à baila o corpo e a corporeidade como tema de debate, influenciado pelos contextos sociais, econômicos e culturais de cada época. Essas visões e interesses sobre e pelo corpo, estabelecem ideias no campo intelectual, moral, afetivo e físico, “pois antes de qualquer coisa, a existência é corporal”(LE BRETON,2012, p.7).

A visão, o significado, o uso físico, social e cultural do corpo, revelam que na existência humana, o corpo e a corporeidade não possuem determinantes universais, apesar da origem e dos caminhos imbricados nessa gama de construções durante todo processo histórico e social; dito isto, compreendemos

que as discussões sobre a corporeidade são amplas e cada vez mais inseridas em debates nos mais variados campos de estudos.

Do racionalismo intelectualista de Descartes (1596 – 1650- que marca a passagem da Idade Média para Idade Moderna) ao pensamento científico clássico que por um longo período viu o corpo como objeto, o filósofo francês Merleau Ponty defendeu que o pensar está necessariamente vinculado ao corpo e à percepção. O corpo aparece como nosso modo próprio ser-no-mundo. (PONTY, 1971).

A análise de Ponty significa que o mundo nos envolve e também é envolvido por nosso corpo Ponty (1971). Sua conclusão dirige-se às ações do corpo e revelam que sua existência está para além dos fatores físicos e biológicos; assim a percepção é o elo que dá significado ao comportamento e toma a atividade humana criativa, principalmente no que concerne à experiência vivida; nisso reside a experiência da percepção. Para ele, é através do corpo que o ser efetiva-se no mundo enquanto realidades do comportamento no conjunto dessas ações e significações do mundo percebido, manifestadas na corporeidade.

Nesse contexto, a noção do corpo partilhada desde pensamento grego do “corpo civilizado”, até a corporeidade em que Merleau Ponty (1971) trata do corpo e como as unicidades são instituídas em modos, formas e diferentes concepções, que em conjunto com o meio, fixaram o pensar e o agir. pois, “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo” (Merleau-Ponty, 1991, p.269)

Embora o filósofo francês René Descartes tenha proporcionado à humanidade uma trajetória de conhecimentos sobre o corpo, a trajetória da produção do conhecimento revela que outros pensadores trouxeram contribuições e preposições acerca da relação do corpo com o mundo e com as coisas, abrindo caminhos para construção de concepções que podem implicar na relação do o ser humano com seu corpo, para além do paradigma cartesiano.

Dentre as preposições sobre o corpo, Porto (2005), aponta que “o corpo é quem me possibilita chegar ao âmago das coisas; ele é sensível para si, pois é pelo corpo que vejo. que apalpo e, dessa forma, sou capacitado para habitar e sentir o mundo interior e exterior” (p. 43).

O ponto de vista e a proposição de Porto permitem compreender que o movimento de tomada de consciência de que somos seres humanos relacionais é significativo; no mundo nos encontramos e nos relacionamos, pelo fato de sermos corpos únicos, presentes e existencializados que interagem entre si(idem).

Ainda no âmbito da relação do corpo com o mundo, os estudos de Foucault (1987) Elias (1994) expressam que em diferentes períodos da era industrial, as relações do homem e sua corporeidade tornaram o corpo limitado em sentimentos e expressões quando seus gestos e movimentos passaram a serem controlados, para satisfazer a necessidade da sociedade industrial.

Logo, torna-se essencial retomar, por exemplo, o extrato de Foucault, quando diz que no processo industrial e do capital, “o corpo foi transformado em corpos dóceis, pela ascensão a partir do século XVIII, de um forte aparato disciplinador”(HARVEY,2000, p.140).

No entanto, não há como negar que os debates que tem como foco o corpo e construção da corporeidade evidenciam que a concepção de corporeidade tem no ser humano o principal foco. Logo, compreendemos que há uma objetividade em demonstrar que todas as características que definem uma pessoa são, por conseguinte, aspectos da corporeidade do homem.

Pensando nessa questão, conciliamos o corpo implicado nas relações da sociedade e do trabalho, ou seja, de que o corpo expressa as manifestações das atividades, sendo que o trabalho é a forma pela qual o homem se apropria da natureza a fim de satisfazer suas necessidades.

Essa afirmação contribui para a associação da corporeidade do peixeiro da feira Manaus Moderna, no intuito de compreender em que momento a corporeidade se apresenta como elementos evidenciados no trabalho, durante suas atividades laborais. Portanto, aqui a tarefa é abrir caminho que implica na relação da corporeidade e trabalho, a partir de argumentos que envolvem processos culturais, sociais e econômicos, que aos corpos se convergem.

Uma breve visão dialética que envolve as temáticas do corpo dá conta de que muitos são os estudos que debatem os temas sobre corpo e a corporeidade;

porém , estudos que tratam da relação entre corporeidade e trabalho são limitados, apesar de que discute-se o corpo cotidiana e frequentemente.

No entanto, acreditamos que por serem temas que na atualidade são alvos de uma quantidade imensa de estudos e preocupações, em sua maioria são referentes à valorização do corpo, seu cuidado, seu tratamento e sua educação a estética, a longevidade; porém há limitações quanto aos aspectos ligados a atenção da corporeidade no trabalho, o que carece de submeter isso a exame.

Quando se fala em corporeidade, há distintas interpretações sobre esse significado. Para Moreira (2003, p.148-149), por exemplo, a "Corporeidade é buscar transcendência, em todas as formas e possibilidades, quer individualmente, quer coletivamente". Enquanto que Porto (2005, p.34) conceitua a corporeidade como "a presença que compreende o ser na sua facticidade; é o ser factual no mundo, pois ele está ligado a si próprio recebendo o que vem ao seu encontro dentro do seu próprio mundo".

Para Comin e Amorim (2010, p. 262) "O ser humano se faz presente no mundo pelo seu corpo, este último representando uma dimensão construtiva e expressiva do ser do homem, sendo denominado de corpo próprio, corpo vivente. [...]". Já Gonçalves (1994, p. 152-153) defende que "O corpo expressa não somente nossa história, mas também a história acumulada de uma sociedade, que nele imprimiu seus códigos".

Desta forma, parece claro que a corporeidade é a maneira com que o homem se comunica e interage com o mundo e não mais como uma forma de passar pelo mundo; e o corpo, muito mais que uma máquina que a sociedade busca para o trabalho, é lugar de vivência. Como o elo é corpo e mente razão e sentimento, há uma coexistência, pois simplesmente, um está no outro, ou seja, um homem completo está vivo e entra em contato com o mundo social.

Para colaborar com a superação dessa dificuldade, quando se fala da relação do corpo em sua relação com o trabalho, logo vem à baila o pensamento do filósofo alemão Karl Marx. Mesmo que seu pensamento seja considerado adverso e que não se relaciona ao corpo, o filósofo ocupa-se em tematizar as transformações políticas, sociais e econômicas mais amplas, haja vista que "Marx

de fato propõe uma teoria da produção do sujeito corporificado sob o capitalismo”(HARVEY,2000, p.141).⁵²

Complementa Le Breton (2012), que as obras de Marx e Engels têm lugar importante. Para ele, mesmo sem ter intencionado estudar o corpo diretamente, Marx e Engels fazem causa comum, quando diz que suas análises sobre o mundo do trabalho proporcionam a base para estudos posteriores, que se focalizaram sobre a questão do corpo no interior da sociedade.

Para o sociólogo do corpo, ao analisar as condições de trabalho no início do capitalismo, Marx - apesar de não se debruçar especificamente às análises do corpo- pensa a Revolução Industrial e suas repercussões à vida e à saúde da classe trabalhadora, “uma critica do modo de funcionamento social que exige modificação” (LE BRETON, 2012, p.16).

Um passo preparatório desde a antiguidade até a chegada da revolução industrial consiste em demonstrar que no decorrer da história da humanidade, o trabalho sofreu muitas mudanças: do homem da caverna com o seu trabalho elementar; enquanto que no período da escravidão, o homem não era dono nem de seu próprio corpo, muito menos de seu trabalho.

No período Feudal, o homem trabalhava por segurança; após, veio o advento da Revolução Industrial, que mudou completamente a forma de encarar o trabalho, haja vista que naquele período, homens e mulheres passaram a ter funções igualitárias, jornada de trabalho, contratações.

Dentro da teoria política e econômica de Karl Marx, o trabalho humano é o único capaz de transformar a natureza; só o homem tem condições de modificar o meio em que vive. Os animais, apesar de realizar trabalho, não transformam as coisas, mas lutam apenas pela sobrevivência. Portanto, os humanos se diferenciam dos animais porque são capazes de se comunicar a partir dos símbolos que são representações ou conteúdos do pensamento.

Marx (1983) pensa o trabalho de uma maneira mais ampla e radical, ou seja, é tomar as coisas pela raiz; e para o homem a raiz é ele próprio. Nesse sentido, o

⁵² “Como todos vivemos no mundo da acumulação e da circulação de capital, a teoria de Marx tem de ser parte de toda discussão sobre a natureza do corpo contemporâneo” HARVEY,2000, p.141).

trabalho é o único capaz de produzir riqueza; para o filósofo alemão, qualquer artefato tecnológico, pode ser definido como um prolongamento do corpo do trabalhador; logo, corpo e trabalho não estão dissociados (idem.). Além do mais, o corpo é visto de modo atrelado às mudanças econômicas e sociais dessa época.

Diante desse contexto, Marx percebe que muitas coisas se modificam como o trabalho e suas relações. Como se vê, a questão da exploração e alienação corporal no trabalho capitalista ocorre não só pelas condições de trabalho, tais como a insalubridade, repetição extenuante de movimentos, jornadas de trabalho insuportáveis, mas no fato de que no capitalismo o trabalhador não tem como usufruir os objetos que produz e passa a existir o antagonismo de classe, ou seja, onde um é o oposto do outro.

Dessa forma, a visão de Marx demonstra que há uma interação corporal com o mundo, quando propõe “uma teoria da produção do sujeito corporificado sob o capitalismo [...] como parte de toda discussão sobre a natureza do corpo contemporâneo” (HARVEY, 2000, p.141).

Logo, se, por um lado, o materialismo histórico dialético trouxe essa visão não anacrônica da corporeidade, por outro, há quem perceba que os estudos sobre corpo também sofreram influências da ordem biológica: o corpo multifacetado, enquanto cérebro, órgãos e na dinâmica da fisiologia e anatomia. Disto resultou que a análise dos estudos em sociologia se preocupa com as representações sociais da corporeidade, configurando uma *sociologia do corpo*. (LE BRETON, 2012)

Eis um dado que implica na relação corpo e trabalho: percebe-se o controle do corpo, determinando diretamente as características das rotinas de trabalho citadas, que distanciam o homem da corporeidade, já que as condições de trabalho não se articulam com a totalidade humana. Mas é também no corpo humano que encontra sua principal fonte de expressão, que apesar de gesto, movimentos e expressões mecânicas, no corpo reside a capacidade de interação com o mundo, com o eu e com o outro.

“Na verdade, não é possível desprezar o fato de que o corpo não se emancipa da disciplina do capital, mas constitui-se uma nova relação psicocorporal,

que busca preservar um componente essencial das sociedades do capital, sejam elas modernas, ou pós-modernas: um corpo útil, produtivo ou submisso” (ALVES 2005, p. 422) e concretamente moldado pela força externa da acumulação do capital.

Um passo mais adiante revela que socialmente, o ritmo desenfreado à produção transformou o trabalho numa repetição de gestos e movimentos, sendo que o trabalhador passou a desenvolver o trabalho vivenciando um ciclo de “trabalhar para comer”, tendo como resultado final a mecanização de seus corpos, distanciando-os da relação com a própria corporeidade.

Eis, portanto um relato um tanto pessimista, já que a ação e organização do trabalho fragmentaram não apenas as etapas do processo de produção, mas também o próprio trabalhador. Agora, seus gestos e movimentos passam a ser determinados pela necessidade imposta pela máquina (no âmbito da fábrica) construindo corpos passivos.

Aqui retomamos Michel Foucault, quando diz que há uma arqueologia das relações de poder no trabalho, que denomina de “corpos dóceis”; para ele a analogia do corpo dócil se dá a partir do momento em que são institucionalizadas regras morais, trabalhistas, de comportamento, que fazem com que os indivíduos não questionem as razões e motivos por estarem agindo de uma forma específica. “O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo” (FOUCAULT, 2008, p. 150).

Essas análises demonstram que no século XIX o corpo era tido como objeto central da sociedade industrial no que tange a uma visão que tem como consequência o “encarceramento” do corpo, uma ferramenta energética útil para desenvolvimento da indústria, alinhadas com a ideia científica da sociedade capitalista do final do século XIX e início do XX, que buscou explorar suas forças de trabalho conseguindo, ao mesmo tempo, explorar suas forças sem destruí-las, uma espécie de motor humano, conforme a metáfora de Rabinbach(1992).

Portanto, considera-se também que o pensamento marxista até o século XIX traz à tona a questão de que a sociedade só vai à busca de corpos fortes e saudáveis, capazes de participar de todas as fases de produção com eficiência.

Logo, Marx (1994), amplia dimensão da corporalidade do homem, por entender que a mesma pode ser pensada em toda sua concentricidade; e se a relação do homem, trabalho e naturezas se dão mediadas pela sociedade, “a produção de valores-de-uso não muda sua natureza geral [...] Por isso, temos inicialmente de considerar o processo à parte de qualquer estrutura social determinada”. (MARX, 1994, p. 201).

Buscando atender a produção industrial do período, o conceito de trabalho amarra definições que evocavam a necessidades do corpo no mundo do trabalho, as ferramentas básicas para resolver os problemas com a mão-de-obra. Exemplo disto foi a revolução industrial: com o sistema de produção e acúmulo de bens, o corpo desse homem sofre uma ruptura forçada, pois os homens e sua força de trabalho são tratados como máquinas, tendo seus movimentos totalmente controlados e calculados por outras máquinas e pela necessidade de produtividade e geração de lucros, cujo trabalho se converte em subsistência.

O processo de trabalho se converte em meio de subsistência e a força de trabalho se torna, como tudo, uma mercadoria especial, cuja finalidade vem ser a criação de novas mercadorias objetivando a valorização do capital. (ANTUNES, 2005, p.69).

Esses processos carregam a racionalização no corpo do trabalhador. Ponto de controle e limite a ser alcançado, mas não ultrapassado pelo conjunto produtivo da sociedade, que formou o trabalhador apto às rotinas trabalhistas das grandes indústrias, retirando, portanto o caráter clássico sobre a visão do trabalho, que anterior ao período industrial, era inculcado de máximas moralistas sobre as virtudes do trabalho, como dizia Benjamin Franklin (1706 – 1790),”. que “**o trabalho dignifica o homem**” e evidencia o quão relevante é o fator trabalho em uma sociedade capitalista.

Após a Revolução Industrial, o homem do mundo moderno achava que teria um tempo livre com a presença das máquinas, mas essa realidade não ocorreu como pensavam os trabalhadores, apesar do trabalho ser fonte de uma identidade

social atual. Esse ponto de vista encontra em Marx a afirmação de que o trabalhador ao vender sua força de trabalho, torna-se alienado e sua capacidade criadora é reduzida, devido o tempo determinado para produzir.

O trabalhador deixa de ser espontâneo e passa a ser mecânico, onde a cultura do descarte humano passa a se fazer presente, pois ele não faz reflexões da execução do trabalho. Portanto, a sociedade vive em função do emprego do trabalho, deixando de ser trabalhador e passa a ser conhecida como sociedade de empregados, pertencendo às empresas. (ANTUNES, 2011). O trabalhador é aquele ser humano explorado em sua “força de trabalho”. E para Arendt (2007), uma sociedade que somente se preocupa com o corpo e o trabalho, acaba perdendo o mundo.

Michel Foucault (2008) e seus estudos epistemológicos sobre as Ciências Humanas desenvolve conceitos acerca do homem contemporâneo diante da sua corporeidade; ele propõe que o homem percebe que o corpo pode ser disciplinado, controlado e utilizado para a transformação e controle do mundo. “o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso” (p. 28). Consequentemente, a corporeidade será a maneira como o ser humano se diz de si mesmo e se relaciona com o mundo.

Para a intelectual Hannah Arendt (2007), o cuidado com o corpo e a vida equivale à esfera do privado, enquanto o mundo e os interesses comuns equivalem à esfera do público. Na obra, “A condição humana”(2007), cita o labor como sobrevivência, como artifícios humanos e a ação como uma pluralidade de linguagem e experiências.

De pose dessa definição, compreendemos que o trabalhador deve ser entendido acima de tudo como pessoa que vive na sociedade do capital e do acúmulo: ele é ao mesmo tempo trabalhador, consumidor, portador e reproduzidor da cultura; é também em alguns momentos, empregado e empregador; logo tem direito e propriedade sobre seu corpo, que a nosso ver, carrega lastro da corporeidade.

Aqui é proposto pensar que a corporeidade do peixeiro da feira Manaus Moderna se faz presente no dia a dia do peixeiro, isso porque suas atividades

laborais encontram-se associadas ao seu corpo “O corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema” (PONTY, 1991, p.273).

Ao observar o trabalho e as práticas corporais dos peixeiros, percebemos que o trabalho e o corpo daqueles sujeitos tornam – inseparáveis, pois um complementa o outro. Aqui, consideramos que o corpo é um fenômeno essencial na sociedade contemporânea, porque o homem é corpo e não apenas o tem. E diz respeito ao enraizamento desses peixeiros com a vida e com o mundo, assim como outros trabalhadores, a partir da condição do corpo.

Isto posto, a corporeidade e o trabalho dos peixeiros da feira Manaus Moderna se expressam por meio de seus movimentos corporais, inicialmente representados pelo corte e tratamento dos peixes, quando executam o trabalho de corte e limpeza dos pescados para venda.

Esses corpos se comunicam a partir dos movimentos embora mecânicos, se refazem a cada momento, revelando traços diante do fazer do corpo. Logo, no que tange a corporeidade, esses movimentos carregam o referencial entre o mundo dos peixeiros e a sua existência, seu trabalho, de forma integral.

Por um longo tempo, o corpo foi entendido como unidade passiva, moldado pelas forças externas, de acordo com cada período. No entanto, a exigência econômica do acúmulo e circulação do capital, exige do corpo papéis performáticos para convencer e chamar a atenção do consumidor. Causado pelo incentivo ao consumo, não basta ser corpo, esse corpo deve aparecer e se expressar na sociedade contemporânea.

Oferecemos essa relação para falar sobre a maneira como os peixeiros fazem uso dos seus corpos quando expressam gestos e falas dentro da feira, para a venda dos pescados. São corpos dotados de força e que ao mesmo tempo expressam gestos e movimentos carregados de significados, uma sequência que desvela, através da arte de dizer, uma arte de pensar (CERTEAU, 1996), para dar sentido à comunicação verbal e corporal dotada de criatividade e estratégias para conquistar os fregueses.

Além das falas, gestos e movimentos, principalmente com os braços, fazem parte da performance corporal⁵³ desses sujeitos, a propaganda boca a boca, se aplica às estratégias de *marketing* dos peixeiros, que está relacionada ao posicionamento corporativo que é a maneira pela qual o trabalhador vai usar de artifícios seja pela linguagem verbal, corporal e visual para atrair seu cliente.

Assim sendo, o corpo desse peixeiro, bem como os seus movimentos estarão sempre no centro de qualquer manifestação, sendo a corporeidade um modo de compreender as vivências e experiências que dão sentido ao trabalho desses sujeitos, ou melhor dizendo, é o canal de comunicação que se propagará dentro da feira e desta forma atingirá os receptores, seja corporal ou verbal.

E isso Kotler (2000) esclarece diante da conduta do consumidor na aquisição de um serviço ou produto, que é influenciada por fatores culturais, sociais, psicológicos e pessoais.

Pode-se presumir que sempre haverá necessidade de algum esforço de vendas, mas o objetivo do marketing é tornar a venda supérflua. A meta é conhecer e compreender tão bem o cliente que o produto ou o serviço se adapte a ele e se venda por si só. O ideal é que o marketing deixe o cliente pronto para comprar. A partir daí, basta tornar o produto ou o serviço disponível. (KOTLER, 2000, p.30).

Aqui, cabe destacar um dilema peculiar: por um lado um corpo voltado para produção, levado ao cumprimento de variadas tarefas devido à exigência capitalista; por outro é um corpo dotado de tecnologia do movimento, aqui entendida como uma *práxis* do movimento - um corpo atuante; que apesar do ser reconhecido como um aparato instrumental, a capacidade do corpo é reinventada.

Segue-se a consideração de que há uma construção da corporeidade durante as atividades laborais do peixeiro. Exemplo dessa corporeidade é no momento em que esses sujeitos utilizam movimentos corporais como a *ticagem*⁵⁴ e a retirada de espinhas antes de vender o peixe para o consumidor; uma arte aliada ao conhecimento tradicional.

⁵³ Trato com mais detalhes no próximo capítulo

⁵⁴ como visto no capítulo I.

Todavia, a execução do trabalho realizado pelos peixeiros é o movimento que se faz como uma arte, uma tradição, mas que se refaz na execução de cada corte do peixe, seja retirando as espinhas ou ticando o peixe. Desta forma, "a repetição criativa não cansa, não esgota o gesto, pois não é repetição, mas criação. Assim, ele é sempre movimento novo, diferente do original. Ele é arte". (SANTIN, 2003, p.35). Ela é corporeidade.

Um dos pontos que chama atenção dos frequentadores é o setor para comercialização de compra e venda dos pescados; sua referência são os peixeiros, trabalhadores que enfrentam desafios diários para vender seus produtos, principalmente devido as constantes mudanças advindas da pressão econômica e social, o que implica em dinamizar cada vez mais a forma para comercializar suas vendas.

No interior da feira Manaus Moderna, os peixeiros logo são identificados, não só pelo aspecto físico simples, às vezes rústico, mas também os identificam, braços e mãos em constantes movimentos para tratar o pescado. Por estar em constante contato com uma realidade laboral que não é fácil devido ao tipo de trabalho que desenvolvem, (especificamente em um ambiente cuja estrutura física não é tão acolhedora), mesmo assim percebemos que ele é possuidor de um corpo, como pode - se dizer, um corpo "polissêmico", aqui definido como um corpo social, cultural , econômico; porém é um corpo vivo e em ação no mundo; expressão da corporeidade.

Por tratar-se de uma questão de sobrevivência no mundo do trabalho, nota-se que a dinâmica do lugar é complexa. Essa dinâmica envolve uma trama heterogênea caracterizadas em algumas situações como chegada a feira na madrugada, vestir-se e organizar a banca com os pescados para venda; tratar e ticar o peixe, situações representadas nos movimentos físicos, no uso da força muscular, da agilidade visual e tátil, denotando a vivacidade dos seus corpos, que embora com o cansaço e a fadiga do dia a dia.

"três e meia da manhã e chega 3 e35; o atendimento começa as 4 horas da manha; é preciso vir cedo porque a feira abre cedo por causa dos consumidores de restaurante ne? ele vem muito cedo; a gente vende mais é pra ele; se fosse vender so pra população, é fraca a venda só pra população"

E mesmo assim evidenciam que o corpo do peixeiro é presença e comunicação, cujo trabalho não foge às questões exageradamente ‘globais’” (EAGLETON, 1993,p. 11).

Considerando que as questões globais, residem no fato de que da maioria dos peixeiros vivem da comercialização dos pescados, portanto esse tipo de trabalho é sua fonte de renda; com efeito, percebemos que a saúde desse trabalhador que é o peixeiro, é uma realidade individual e coletiva.

Seus corpos apresentam as mãos calejadas de executar movimentos de corte no pescado, suor intenso, além de trabalharem por um longo período em pé, molhando os pescados e ao mesmo tempo abanando-se, devido o forte calor e a aglomeração de pessoas no interior da feira. Todavia, os impactos da saúde não são vistos de imediato, mas aos poucos o corpo responderá a todo esse desgaste não só físico, mas também o mental.

Entretanto, as observações em pauta é um modo de refletir, que para além do uso físico do corpo, as experiências corporais dos peixeiros remetem à sensação, percepção, que em conjunto às suas ações formam uma unidade indissociável, (corporeidade), razão para dizer que o corpo sente ao mesmo tempo em que as estruturas e a percepção os movem, demonstrando a corporeidade em comum com seu trabalho.

Desse modo o trabalhador não está isento de pensar. E “o pensar assenta-se sobre esta experiência, em que se abre para o mundo.”(GONÇALVES 2005, p.152). Por serem movimentos acionados pelas capacidades perceptivas sensoriais; vê-se, pois aqui, a corporeidade presente no trabalho desses sujeitos. Vegara (2008) diz que o conhecimento sensível estaria, assim, relacionado à construção cultural, seja social, organizacional ou linguística.

Cortes rústicos, delicados e certos, a lavagem, limpeza e o uso dos instrumentos para o tratamento dos pescados, além da linguagem gestual e oral,

são ações que apesar de carregarem o conhecimento tradicional⁵⁵, (tão comum na vida desses sujeitos), fazem parte das atividades dos peixeiros.

Examinando de perto, observamos que o corpo destes sujeitos, apresenta situações controladas e ao mesmo tempo imprevisíveis, demonstrando que nesse cotidiano, a experiência não significa apenas a reprodução de hábitos, valores e costumes. Ao contrário, esses valores são praticados inconscientemente, melhor dizendo, naturalmente; e estão arraigados no corpo e no trabalho dos sujeitos que fazem a feira.

Ao considerar que há elementos da corporeidade e o trabalho do peixeiro, percebemos que ocorre a interação entre o individual e o coletivo, articulados com seu trabalho. Nesse sentido, compreende-se que há uma questão central que revela a relação entre corporeidade e trabalho do peixeiro, uma espécie de vínculo com seu corpo.

E o curioso foi perceber que as ideias e as visões sobre o corpo não são as mesmas do século passado. No entanto, e com base nas diferenças que constituem a corporeidade e o trabalho, possibilitou compreender que estamos inseridos em uma organização complexa, na qual qualquer ação mobiliza o outro, o universo e nós mesmos, pois o indivíduo influencia o universo e é influenciado por ele.

Com efeito, consideramos importante nesse estudo destacar, que as relações dos movimentos corporais desses trabalhadores, mesmo com as dificuldades que enfrentam cotidianamente, carregam as características do homem da região, que em busca seu sustento por meio da atividade que desenvolvem, há também certeza de que contribuem com a sociedade local e a economia da cidade, já que seu trabalho é significativo para suas vidas, mesmo com os desafios da sua profissão.

Assumir como importante a discussão da corporeidade e a relação com o trabalho é assumir que as questões da corporeidade, tanto no passado quanto na

⁵⁵ É importante destacar que, para Keenan (2016), o conhecimento estético é alicerce para as cognições, ação prática, compreensão das formas organizacionais, compreensão da eficácia, além de auxiliar na tomada de decisão e fundamentar os juízos estéticos. O conhecimento sensível, para Strati (2007b), diz respeito a três aspectos da vida organizacional: práticas corporais e multissensoriais, materialidade da vida organizacional e categorias estéticas.

atualidade, que o ser humano é complexo, pois a evolução e a modificações da dinâmica atual transformam e se refletem nos corpos, pois o corpo “não é uma entidade fechada e lacrada”(HARVEY,2000, p.137),**sobretudo pelo advento e a forte influência da tecnologia(grifo nossos).**

Portanto, haverá sempre um movimento dialético no processo de formação dos indivíduos, pois que supõe um dinamismo constante do eu com o mundo, apesar das contradições que se manifestam histórica e socialmente em específico no modo de utilizar o corpo, “como potencializador da capacidade de trabalho” (HARVEY, 2000, p.114).

Na tabela a seguir, apresentamos as ações e habilidades dos peixeiros executadas durante as atividades, em sua lida diária, observadas durante a pesquisa. Através da tabela, buscamos, de modo mais concreto, demonstrar elementos da corporeidade no trabalho desses sujeitos, para dizer que no interior daquele lugar, no movimento corporal dos peixeiros, trabalho e corporeidade assumem uma unicidade.

Tabela 2 – Corporeidade dos Peixeiros

Movimentos corporais durante o trabalho	Elementos da corporeidade no trabalho: Características 
Ticar o peixe	Os movimentos são rápidos e sincronizados; Seu tronco ora se inclina para frente e para trás, mãos e braços estão sempre articulados para exercer pequenos movimentos, mas que cumprem sua função: cortar, separar, limpar, agrupar, ensacar o pescado.
Tratar e limpar o peixe	Apresentam destreza e agilidade com/nas mãos; tiram as escamas, tanto dos lados, quanto das partes superior e inferior dos pescados. Em seguida, fazem um corte abaixo da cabeça, pela parte de baixo, sem decepá-lo; após, há um corte de modo que consigam inserir a faca para abrir a barriga. Por fim, retiram com cuidado os miúdos da barriga, se houver.
Molhar o peixe	De vez em quando os peixeiros molham os pescados, possivelmente para que permaneçam umedecidos, haja vista que são tratados ali mesmo, no momento da venda.
Organizar a “enfiada” do peixe	Incialmente os peixes são separados por tamanho e variedade; após, são encadeados uns aos outros, que os peixeiros denominam de “enfiadas”, de acordo com os nomes dos peixes: “enfiada de pacu”; “enfiada de sardinha”; “enfiada de jaraqui”, etc.;

Atrair os fregueses	Por meio de gestos corporais, seu movimento corpóreo é uma ação essencial, cujos modos de agir são entendidos como linguagem específica e chama atenção dos fregueses para comprá-los:
O uso da linguagem para atrair os fregueses	é a forma direta de comunicação com os clientes. Chamados, piadas ou, jargões, além de brincadeiras são frequentes. O contato também se estabelece pelo olhar e procuram os clientes para que a comunicação visual também se estabeleça. Depois de algum tempo de escuta de toda a sonoridade do ambiente, percebe-se que algumas falas também são repetidas, em uma sequência que parece querer estabelecer a sintonia do lugar.

Fonte: Elaborado pela Autora (2018).

3.3. O corpo do peixeiro como ferramenta do trabalho

Como dito anteriormente, o corpo humano foi impregnado de pecado pelo domínio da igreja, que imprimiu regras sociais que se estabeleceram no corpo, ao passo que na Modernidade a visão que o corpo adquire é notadamente um caráter instrumental, que é representado em um mundo que destaca a sua dimensão puramente física, em associação à negação de sua dimensão espiritual (Suassuna et al., 2005).

Logo, o conceito moderno de corpo estruturou-se com fundamento na concepção cartesiana, constituído originalmente no campo das ciências naturais, quando a ciência moderna cuidou de reforçar a concepção dualista de corpo, que obteve respaldo no modelo cartesiano. Portanto o progresso científico validou o conhecimento no âmbito da razão e limitou-o ao mundo físico, observável e mensurável.

Na realidade contemporânea, mudanças ocorridas no mundo do trabalho têm acarretado significativas mudança em situações de trabalho, que acabam por afetar o corpo do trabalhador e a saúde desse sujeito é afetada, devido o ritmo intenso de trabalho puxado; em grande parte das atividades, verifica-se numerosos acidentes de trabalho e inúmeras doenças causadas por ambientes infectos e pelo trabalho excessivo e barulhento,

Nesse sentido, há o contraste na lógica de produção capitalista, que é de interesse do capital em que a força de trabalho execute suas tarefas com saúde (além de capacidade técnica).

Não é à toa que Aristóteles (384-322 a.C) disse “que o prazer no trabalho aperfeiçoa a obra”. O ponto de vista do filósofo, compreende que a atividade ocupacional sempre esteve no lugar central das pessoas em variados tempos e espaços, tendo a ver com os tipos de sistemas e organização da economia: afinal elas são movidas pelo binômio produção e retorno em forma de lucro.

Porém, faz-se necessário considerar que as noções de corpo como instrumento é uma das primeiras questões quando se refere ao corpo no sentido de ser tratado como ‘aparelho ou ferramenta física, usado pelo trabalhador/a , ou seja é o corpo visto como uma categoria instrumental.

Essa noção foi oriunda do longo período de fragmentação entre o sujeito e seu corpo, que é extensamente ilustrada no discurso de Stanislavski por diversos binômios, como corpo/alma, corpo/mente, pensamento/sentimento, sentimento/expressão, circunstâncias externas/ internas(STANISLAVSKI, 1989: 59-70).

Considerando o crescente aumento das interações entre o corpo e a máquina, desde a segunda metade do século XX, o avanço tecnológico tem ocupado o lugar em relação ao corpo humano, do ponto de vista em que as atividades laborais promoveram mudanças nos modos de produção; e nesse marco, o corpo humano seja redefinido em relação ao não-humano (DAVINI, 2002: 60-1).

Assim, Davini tem se aproximado de noções de corpo, tais como a de corpo como plano de consistência, no desejo de superar os limites das definições orgânicas (biológico-fisiológicas) ou instrumentais do corpo humano.

No comércio ambulante, por exemplo, há uma gama imensa de trabalhadores que dependem do seu trabalho para e manter. Ou são dependentes, em sua maioria de proprietários, dos meios de produção, sejam eles pequenos médios e grandes. Ou aqueles que fazem o trabalho autônomo, por mais que se configure como um trabalho muito aparentado ao assalariado, porque eles trabalham para sobreviver.

Aqui é proposto pensar nas condições e no trabalho do peixeiro da feira Manaus Moderna. Logo, o trabalho desenvolvido pelo peixeiro pode ser visto como o de subsistência cuja finalidade do indivíduo é se manter. Diante do desemprego estrutural, em franca expansão, muitas pessoas buscam a informalidade como uma alternativa de renda e sustento da família, como é o caso da maioria dos peixeiros que atuam dentro e fora das feiras.

Durante entrevista realizada com o sociólogo Ricardo Antunes⁵⁶, os peixeiros não são conceituados como uma classe trabalhadora, porque esta compreende um leque imenso de trabalhadores que são os assalariados com carteira assinada e sem carteira também, atuando na informalidade.

Os peixeiros são parte constitutiva da classe trabalhadora. No Livro o Privilégio da Servidão eu faço essa análise da classe trabalhadora mais detalhada. Os peixeiros não são uma classe trabalhadora no meu entender, mas eles são parte de uma classe trabalhadora que é amplo, e claro, enquanto parte da classe trabalhadora há a luta ecológica pela preservação do seu trabalho, espécie e meio ambiente; na própria luta social e na própria luta cultural eles encontram seus espaços e sociabilidades. (ANTUNES, 2018).

Para Antunes (2018)⁵⁷ essa nova morfologia do trabalho tem sofrido profundas transformações especialmente com o mundo digital e informacional. Há uma enorme expansão de formas precárias de trabalho em tempos ocasionais especialmente no setor de serviços o que se destaca atualmente é a modalidade do trabalho intermitente, criada no Brasil a partir da reforma trabalhista Lei Nº 13.467 de 2017, aprovada no governo do presidente Michel Temer.

“Art. 443. O contrato individual de trabalho poderá ser acordado tácita ou expressamente, verbalmente ou por escrito, por prazo determinado ou indeterminado, ou para prestação de trabalho intermitente.

.....
§ 3º Considera-se como intermitente o contrato de trabalho no qual a prestação de serviços, com subordinação, não é contínua, ocorrendo com alternância de períodos de prestação de serviços e de inatividade, determinados em horas, dias ou meses, independentemente do tipo de atividade do empregado e do

⁵⁶ ANTUNES. Ricardo. **Entrevista concedida à Soraya de Oliveira Lima.** Data da Entrevista: 28 dez. 2018. Ver em Apêndice A.

⁵⁷ ANTUNES. Ricardo. **Entrevista concedida à Soraya de Oliveira Lima.** Data da Entrevista: 28 dez. 2018.

empregador, exceto para os aeronautas, regidos por legislação própria.” (NR)

O trabalho da pesca, ou do peixeiro, melhor dizendo como sendo uma continuidade da cadeia produtiva da pesca, para Antunes (2018) deve ter semelhanças e similitudes com essa massa de trabalhadores como, por exemplo, os camelôs que vendem nas cidades os produtos que eles compram ou que eles são assalariados e que fazem parte dessas redes de empresas que vendem os trabalhos, por exemplo, produzidos da China e nos países asiáticos⁵⁸.

O traço mais perverso é que a informalidade, a terceirização, os trabalhos intermitentes passam cada vez mais ou deixam de ser cada vez mais exceção para se tornarem a regra. Nós vimos que a regra trabalhista do Temer introduziu a flexibilidade o primado do negociado sobre o legislado, ou seja, o que os trabalhadores acordarem e decidirem com a empresa tem valor sobre a lei. E nós vimos que também com a reforma do Temer o trabalho intermitente foi aprovado, é isso que eu tenho visto. (ANTUNES, 2018).

Conforme relato dos peixeiros durante a entrevista de campo para esta pesquisa, a maior parte dos entrevistados relataram a importância e o gosto pelo trabalho que desenvolvem; embora tenha um ritmo puxado e bastante pesado, considerando portanto que o corpo não pode parar, torna-se um corpo produtivo, corpo como ferramenta de trabalho. Sob essa visão, o corpo é analisado como um objeto técnico, como instrumento que pode ser, ao mesmo tempo, tradicional e eficaz em sua realização (MAUSS, 2005).

“Exatamente. é uma ferramenta grande de trabalho que Deus me deu; Graças a Deus; é porque a gente, vamu supor,, sem o corpo, a vida já deixou de existir ne?; é uma ferramenta pra batalhar; pra trabalhar; é uma ferramenta muito grande! Graças a Deus!”(Entrevista, peixeiro,2018)

*“Sim, porque se der problema num braço tu paralisa; não tem como fazer nada (Entrevista, peixeiro,2018)
No momento é ne? porque a gente anda, leva , trabalha, vai com ele pra todo canto; a gente tem que correr atrás”(Entrevista, peixeiro,2018.*

Vê – se nos relatos dos entrevistados que suas abordagens remetem à uma trajetória que em face do acelerado processo de industrialização moderna e o

⁵⁸ O peixeiro é um tipo de trabalhador que oscila, porque ele está muito fora da legislação social protetora do trabalho, o desemprego estrutural está sempre empurrando para aceitar qualquer tipo de trabalho desde na informalidade e etc., desde que ele consiga escapar do desemprego. (Ricardo Antunes – Entrevista 28/12/2018).

corpo assume contornos material, concreto, produtivo, que submetidos ao processo de produção capitalista, tendem a se mercadorizarem e se alienarem.

De acordo com Amaral (2011), a alienação do indivíduo pelo trabalho na sociedade capitalista também se produz na dimensão de sua corporeidade. Ou seja, essas outras concepções de corpo, submetidas à lógica e à divisão do trabalho, influenciam o desenvolvimento humano em todos os aspectos, notadamente em sua corporeidade e o corpo passa ter movimentos controlados.

A afirmação traz a lembrança o clássico filme dirigido e protagonizado por Charles Chaplin (1936) e tece uma crítica ao processo de industrialização. O ser humano confunde-se a tal ponto com o maquinário industrial que, na representação de Chaplin, seu corpo ocupa o lugar de uma peça na engrenagem do sistema de produção.

Com efeito, o corpo moderno tornara-se [...] um fragmento, uma parte de um sistema de produção mais complexo, o que conduziu à sua descaracterização e perda de identidade (RODRIGUES, 2008, p.13). Logo, o corpo tornara-se um instrumento de produção que garantiria a consolidação do modelo econômico.

Ao concebermos o corpo como ferramenta de trabalho durante a execução das atividades dos peixeiros, demonstramos que determinadas partes do corpo são mais exigidas; ao mesmo tempo revelam que não há preocupação ou maiores cuidados em cuidar das partes mais afetadas.

Quando perguntados sobre os movimentos que fazem e que exigem mais forças ou habilidades e em quais partes do corpo, as entrevistas revelam que:

“Mais é a mão direita, né que é o braço todo; que é pra suspender o peixe, pra tratar e pra mostrar pro freguês; faz mais movimento”(Entrevista, peixeiro,2018).

“É uma sequência: suspende para amostrar o peixe; aí baixa pra tratar; limpa e no final dói o ombro e a mão”(Entrevista,peixeiro,2018).

“Durante esses movimentos, sente algumas dores? ”,sente...sente. sente. Não sente na hora, mas depois, sente dor muscular (Entrevista, peixeiro,2018)

O que faz quando a dor incomoda? “Continuo e não paro de trabalhar”.(Entrevista, peixeiro,2018)

Se a dor for persistente, utiliza remédio ou faz tipo um alongamento ou massagem local ?”Passa um cara que vende pílula pra dor no musculo ;como é rapa; eu não lembro o nome dela; eu tomo dela; eu não faço alongamento”.(Entrevista, peixeiro,2018)

Sente as dores todos os dias ? “Não , só as vezes”(Entrevista, peixeiro,2018).

Desses movimentos , o que mais incomoda mas tem que continuar fazendo? “São os movimentos dos braços”.(Entrevista,peixeiro,2018).

Mediante os relatos, percebemos que os movimentos mais executados pelos peixeiros são feito com as mãos e os braços, principalmente o lado direito, fazendo com que cause dores nas juntas, haja vista que há muitas execuções de movimentos acentuados devido a destreza e a rapidez. No quesito da saúde, o corpo, apresenta elementos individuais (fisiológicos e psicológico).

Um trabalho de Davis Efron(1941)⁵⁹ demonstra que a diferença cultural pela maneira de usar o corpo, é estabelecida em três coordenadas:

Dimensão espacial temporal → dimensão interativa → dimensão linguística.

Na dimensão espaço temporal Efron demonstra que a gestualidade humana é um fato de que a sociedade e não a natureza congênita ou biológica a se impor aos atores. Percebemos que o conceito de Efron demonstra que a cultura influencia nos gestos; e no que se refere aos gestos dos peixeiros, embora repetitivo e cansativo, o ato de ticar, tratar e cortar os pescados fazem parte da tradição do homem amazônico, que sem dúvida revelam que a corporeidade está no centro do seus movimentos corporais.

No entanto, durante as observações do campo, observamos que os peixeiros não tem intervalo para descanso; ficam a maioria do tempo em pé,

⁵⁹ O estudo é citado por Breton (2012,página 44 -45) para demonstrar variados campo de pesquisas referentes as técnicas do corpo no campo social. Portanto, o trabalho de Efron continua atual para nossa sociedade, na qual o imaginário da hereditariedade e da raça continua a manter forte presença.

separados por uma divisória apertada. Sob essa visão de Le Breton (2012,p.30) relata que “em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, que marca o limite da pessoa, [...]lá onde começa e acaba a presença do indivíduo”.

Os peixes mais procurados são jaraqui e pacu; isso requer mais força para tratá-lo e exigem a amplitude do movimento corporal, conforme explica o peixeiro entrevistado "*O pirarucu é um peixe grande e pesado e exige mais movimentos dos braços e dá muita dor nas juntas*". (Entrevista, peixeiro, 2018).

Durante os momentos que tratam e ticam os pescados, o corpo dos peixeiros torna-se uma ferramenta de trabalho primordial; como um conjunto orquestrado mutuamente, braços, mãos e visão rapidamente são acionados; e em meio às habilidades de destreza e agilidade, esses sujeitos demonstram interesse e motivação a partir da relação que estabelecem com o trabalho que realizam em uma realidade concreta.

Durante a pesquisa observamos que o corpo desse trabalhador fica em constante movimento, como em um processo contínuo que finaliza na venda, com a entrega do pescado para o freguês. Nesse sentido, compreendemos que o corpo desse sujeito é sobretudo, o elo central na realização das suas atividades laborais

Dessa forma, o dia a dia do trabalho do peixeiro demonstra que o corpo desse trabalhador é muito exigido; é a principal ferramenta que se ajusta ao instrumentos utilizados por esses sujeito e que não pode falhar (Mauss, 1950) em meio a uma gama de ações que convergem no corpo, conforme as observações abaixo:

- ✓ Utilizar com frequência o amolador para tratar o peixe;
- ✓ Lavar, tirar as escamas, ticar e abrir o peixe com agilidade e rapidez;
- ✓ Cortar ou decepar partes ósseas dos peixes que exigem força dos braços e antebraços, dependendo do tipo e tamanho dos pescados
- ✓ Abaixar-se com frequência para pegar os peixes que estão na caixa de isopor e coloca-los no balcão para venda
- ✓ Carregar e suspender a caixa de isopor que contem gelo e os peixes que serão vendidos ou armazenados

- ✓ Arrumar com frequência os peixes que estão no balcão organizando-o separados ou na “enfiada”
- ✓ Tratar e ticar o peixe e olhar ao mesmo tempo para os movimentos ao seu redor
- ✓ Abaixar e levantar-se com frequência para encher a vasilha que contem água para molhar os peixes durante a ticagem e lavagem (alguns peixeiros deixam a vasilha em cima do balcão –outros não tem o mesmo espaço - no balcão)
- ✓ Limpar a banca quando encerra a venda.

Ao analista, [...] caberia partir do estudo e descrição detalhada das técnicas do corpo em diferentes contextos, de modo a alcançar o conceito abstrato e constituir uma teoria da técnica do corpo. De modo a localizar o caráter específico de cada técnica corporal, [...] parte da observação das mudanças presenciadas por sua geração, por exemplo, nas técnicas de nado, e nos seus modos de ensino e aprendizagem: enquanto em um momento aprendia-se, primeiro, a nadar e depois a mergulhar, posteriormente ensina-se, antes, a mergulhar e a familiarizar-se com a água para, depois disso, nadar. Este e outros exemplos amparam a afirmação feita pelo autor de que cada sociedade possui hábitos próprios, que são de natureza social, variando não apenas de um indivíduo a outro, mas com as formas de educação e convenções sociais. (MAUSS, 1934, p.3).

Para Mauss (1934) não existe técnica nem transmissão se não houver tradição. Portanto, técnicas do corpo referem-se então aos modos pelos quais as pessoas sabem servir-se de seus corpos de maneira tradicional, o que varia de uma sociedade a outra.

As imagens abaixo demonstram as técnicas utilizadas pelos peixeiros ao tratar e ticar os peixes. Nelas, mãos, braços e antebraços, além dos instrumentos que utilizam, formam a extensão do corpo. Ao demonstrá-las, utilizamos o extrato de Mauss e trazemos à baila a noção de que a técnica corporal trata-se da noção de técnica que Marcel Mauss denomina de “ato tradicional eficaz”.

Neste sentido, compreendemos que a técnica oriunda da tradição regional que carregamos a partir do hábito do ribeirinho da região em tratar, ticar o peixe para em seguida consumí-lo.

Imagens 54 a 58 - técnicas da ferramenta –corpo dos peixeiros ao tratarem os pecados.



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2018)

No âmbito do corpo como ferramenta, em seus estudos voltados para o corpo, Mauss (2005) reitera a interpretação de que o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem [...],o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo o meio técnico do homem é seu corpo (MAUSS,2005, p. 211). E acerca das técnicas corporais, ele afirma que as técnicas do corpo são[...] as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos (MAUSS, 2005, p. 211).

Sob essa visão, o corpo é analisado por Mauss como um objeto técnico, como pode-se dizer, é um instrumento que pode ser, ao mesmo tempo, tradicional e eficaz em sua realização. Ainda sobre a ênfase na técnica, não será demasiado falar que Mauss amplia esta visão, ao identificar o corpo como “fato social total”.

A afirmação do teórico da técnica corporal implica na compreensão de que quaisquer das técnicas corporais realizadas pelo ser humano podem ser encontradas nas dimensões fisiológica, psicológica e social. O corpo pode ser interpretado como fato social total, por ele ser constituído cultural e socialmente, para além de suas características biológicas.

A questão esclarece que as lógicas social e cultural atravessam o corpo, dentre elas, a percepção sensorial que se expressa no movimento gestual e nas emoções, que em sua constituição, se estabelecem na relações do homem com seu corpo (LE BRETON,2012) pois “no interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem”. (LE BRETON, 2012, p. 70).

Ao desenvolver as atividades referentes ao trabalho, é importante ter em conta que elas carregam influência quanto ao sentido do mesmo: seja por motivação, sobre a satisfação em produzir algo, relacionar-se com outras pessoas ou finalmente ter sentido na vida, o trabalho sempre tem um papel que ocupa o lugar importante e de grande valor. No entanto, é preciso considerar que na atualidade, o mercado de trabalho, com suas condições e exigências, deixam no corpo do trabalhador, marcas de sofrimento que se manifestam em variadas doenças ocupacionais.

São práticas que transformam o corpo em uma ferramenta organizada em um sistema de movimentos, cuja utilização é composta por diferentes ritmos, de acordo com suas finalidades. Em dado momento, percebe-se que seus corpos expressam ritmos ríspidos e graves; em outros, os movimentos corporais desses sujeitos apresentam em ritmos calmos e moderados; são sinais de que tanto as práticas dos peixeiros exigem a lógica da movimentação corporal, quando se compara os movimentos corporais expressos no corpo humano.

[...] a topografia corporal funde-se com a topografia cósmica: distinguimos no arranjo do espago no circo ou nos palcos de feira os mesmos elementos topográficos da cena onde se apresentavam os mistérios: terra, inferno e céu (mas, naturalmente, sem a interpretação religiosa): sentimos aí igualmente os elementos cósmicos: ar (saltos e números acrobáticos), água (exercícios aquáticos), terra e fogo. (BAKHTIN,1987, p.309).

Suas atividades de alguma forma deixam parte de si e de seu trabalho e constroem relações entre eles e a clientela, ou seja, no mundo das atividades dos peixeiros, o corpo pode ser visto como um entretenimento. Um universo plenamente material, físico, que simboliza a ousadia, risco e risos, quando consideramos que são as atividades corporais as ações que mediam a comunicação com a clientela.

No entanto, não se pode desconsiderar que a saúde dos peixeiros também acaba ficando afetada pela rotina da repetição dos movimentos corporais, aliados com o cansaço e a falta de descanso.

E quando se tem em conta que os riscos à saúde do trabalhador perpassam por problemas que se referem a falta de descanso e lazer, evidencia que a exigência de esforço físico devido o fato de ficarem em pé por um longo tempo durante a jornada de trabalho, contribuem para a presença de cansaço; é inegavelmente um tipo de trabalho em que a presença de ritmos excessivos, os deixam vulneráveis as doenças ocasionadas devido não terem intervalo para descanso.

Além do mais, contribuem para a vulnerabilidade, o fato de que o espaço físico do local em que trabalham, não oferece condições apropriadas e deixa o sujeito exposto a situações de cansaço, o que poderá causar “*stress*” físico e/ou psíquico e o corpo torna-se uma “ferramenta” adoecida.

Imagem 59 - Peixeiros sentados ou deitados no balcão de exposição e venda dos peixados



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2018)

Dentro dessas condições adversas para o trabalhador, que se sente pressionado constantemente por toda essa estrutura, parece pertinente a questão sobre se é possível que se consiga desenvolver uma atividade de trabalho sem que a saúde seja prejudicada. Em nosso ver, a resposta pode ser positiva, desde que o trabalhador possa ter um mínimo controle sobre o seu trabalho, ou, pelo menos, possa verbalizar seu incômodo.

No espaço vivido está a corporeidade e está um espaço que permite o movimento, assim, evitamos obstáculos. Damos conta de nossa corporeidade porque temos as vivências relativas às sensações corpóreas. Entre a interioridade e a exterioridade, há um terceiro elemento que é o registro dos atos, aquilo que possibilita ter consciência (ANTÚNES, 2011, p. 221).

Os peixeiros fazem suas refeições na feira, fornecidas pelos restaurantes que ficam no interior ou próximos do local. Observamos que sua alimentação é composta principalmente por arroz, peixe, carne ou frango acompanhados pela famosa farinha uarini ova, (o famoso pirão) que inclusive não é encontrada com facilidade nas outras regiões brasileiras, vinagrete⁶⁰, pimenta, limão.

Observamos também que as refeições não são acompanhadas de frutas, verduras e legumes, embora na feira Manaus Moderna a oferta desses produtos tenha grande variedade. Logo, verificamos a ausência de uma alimentação equilibrada e saudável como asseveram os especialistas da área, não se faz presente na alimentação do peixeiro.

Esclarecemos que não é tarefa desse estudo a análise sobre hábitos alimentares, por tratar-se de uma tarefa extremamente complexa. No entanto, é preciso considerar que o hábito de comer determinados tipos de alimentos, fazem parte das práticas culinárias, como por exemplo, o consumo do peixe acompanhado da farinha d'água, que constituem uma das bases da identidade cultural do povo amazonense, principalmente por aqueles que moram na cidade, mas tem suas origens advindas do interior.

Ao reconhecer que os indivíduos de uma nação, de uma comunidade, de um grupo compartilham seus conhecimentos, tais como a linguagem, os sistemas de explicações, os mitos e cultos, a culinária e os costumes, e têm seus comportamentos compatibilizados e subordinados a sistemas de valores acordados

⁶⁰ Molho que acompanha – cheiro verde, pimentão, cebola, tomate, vinagre, azeite e sal.

pelo grupo, dizemos que esses indivíduos pertencem a uma cultura. No compartilhar conhecimento e compatibilizar comportamento estão sintetizadas as características de uma cultura. Assim, falamos de cultura da família, da tribo, da comunidade, da agremiação, da profissão, da nação. (D'AMBROSIO, 2001, p.18-19)

A luta pela dignidade e pela vida dotada de sentido no trabalho tem sido prometeica (ANTUNES, 2018). Isso porque o mundo do labor vivencia todo tipo de trabalho, tendo maior expressividade o aumento de atividade sem o caráter da formalidade legal.

Dentre os tipos de atividades consideradas informais, há uma considerável parcela de pessoas que vivem exclusivamente do trabalho manual, pesado e de fadiga, “não dispondo de um mínimo de tempo livre e dotada de sentido”(ANTUNES, 2018,p. 167).

As mudanças ocorridas na última década produziram o aumento do fluxo da informalidade; sem oferta de emprego e a crescente demanda das atividades informais, traz à tona uma das consequências dessa “nova morfologia do trabalho”(ANTUNES,2005):o adoecimento e os acidentes de trabalho, que atingem trabalhadores precários, entre jovens e idosos, homens e mulheres, qualificados ou não qualificados.

Sem vínculo empregatício e isento do benefício formal, os peixeiros da feira Manaus Moderna ficam vulneráveis a todo tipo de risco. Um do exemplo é o uso de determinados instrumentos ou as “ferramentas” cortantes para tratar o pescado, utilizados acordo com o tipo e o tamanho dos peixes, relatados pelos entrevistados.

Quais os instrumentos ou utensílios que utiliza para cuidar do peixe? “é faca; é terçado, afiador, uma pedra, um amolador; facão; e terçado”.(Entrevista, peixeiro 2018)

Quais desses são os mais utilizados? “mais é facão e faca, o terçado, o afiador e a pedra de amolar; tem que ter porque são material preciso pra essa atividade; senão tiver esse material aí”. (Entrevista, peixeiro 2018).

“Faca, terçado, machadinho, facão; amolador; tesoura para cortar as abas; os mais utilizados são faca e terçado porque pra cortar o tambaqui né, que é o peixe que tem mais saída né?” (Entrevista, peixeiro 2018).

Peça fundamental durante o trabalho dos peixeiros, a faca, é um equipamento considerado perigoso para quem não tem habilidade em lidar com esse tipo de ferramenta; e embora seja uma ferramenta como qualquer outra, faz parte do cotidiano do trabalho do peixeiro, portanto seu manuseio necessita de cuidados.

Caso não sejam observados cuidados e prevenção, há riscos de acidentes; desta forma seria interessante, que os peixeiros, além da técnica de cuidados durante o manuseio, utilizem equipamento de segurança como botas, aventais, toucas, máscaras e, principalmente, luvas de proteção (não só para as mãos, mas para os braços também).

Portanto, parece possível que a origem do processo do adoecimento desse trabalhador, tenha como pano de fundo a movimentação contínua e forçosa das partes do corpo que são mais exigidas durante todo processo que envolve tratar os peixes; e que apesar das dores que apresenta, torna essencial para o dia a dia, já que a prática diária concentra-se no corpo em seus corpos, considerado uma grande ferramenta de trabalho,

“Exatamente! É uma ferramenta grande de trabalho que Deus me deu; Graças a Deus; é porque a gente, vamos supor, sem o corpo, a vida já deixou de existir né?; é uma ferramenta pra batalhar; pra trabalhar; é uma ferramenta muito grande”!(Entrevista, peixeiro,2018).

Portanto, a experiência de tempo e o espaço resultam da nossa corporeidade; neste sentido, corpo e pessoa estão intimamente ligados, porque são reconstruções complexas, sendo que cada um, opera em suas relações com o mundo.

Imagem 60 - Instrumento de trabalho cortante –faca



Fonte: Acervo da Pesquisadora (2018)

Desta forma, chama-nos atenção, pois os peixeiros da feira Manaus Moderna não fazem uso de nenhuma proteção, situações que podem gerar complicações para o corpo dos trabalhadores, além do risco de outros tipos de acidentes. Em seus relatos durante as entrevistas, ele age no trabalho e pelo trabalho, ou seja, há uma representação simbólica e cultural relevante em relação à importância desse corpo, “uma ferramenta útil”, para o sustento da família. Pois caso esse venha a adoecer, a renda familiar se reduz.

Ao seguir essa linha de argumentação, cabe ressaltar que o corpo está vulnerável às transformações da realidade social, cujas características, como globalização das atividades econômicas produzem mais flexibilidade dos empregos, conferem uma singularidade à nossa conjuntura e constituem uma modernidade fluida em que os processos de construção da identidade se fundamentam na disjunção sistêmica entre o local e o global (CASTELLS, 2000).

Em uma reflexão sobre a complexidade do trabalho em nossa sociedade, Ricardo Antunes (1988) faz uma distinção entre o trabalho abstrato e concreto; para ele, trabalho abstrato é o sentido genérico do trabalho, enquanto dispêndio de força produtiva, física ou social, determinada pela sociedade; já o trabalho concreto seria o trabalho criativo, no sentido de que cria coisas efetivamente úteis e necessárias.

Antunes acredita que, para se efetuar o salto para além do capital, teremos que superar a fase do trabalho abstrato e tornar nossa sociedade produtora de coisas úteis, “na construção de uma organização societária que caminhe para a realização do reino da liberdade, momento de identidade entre o indivíduo e o gênero humano” (1998, p.81).

Enquanto ainda vemos prevalecer a fase do trabalho abstrato, é preciso que realcemos o grande medo do trabalhador: perder seu emprego, seja por motivo de saúde ou mesmo por outras razões, como remanejamento, enxugamento, reestruturação produtiva, downsizing, reengenharias e por outras “modernidades”.

Essas situações criam no trabalhador um grande impacto paralisante, em que este se vê utilizado como objeto, facilmente descartável. O desemprego surge

então como uma violência que abala todos os seus sonhos, seus projetos, seu orgulho como provedor de si mesmo ou de sua família. Nesse sentido, o trabalho que desenvolvem, pode-se por assim dizer que está inserido no chamado mundo precário da informalidade , o que foi denominado por Harvey (2000, p. 125) de “novas estratégias de sobrevivência para os desempregados”.

Claude Lévi-Strauss (1908-2009),[...]aponta o caráter da análise de maussiana sobre as técnicas do corpo[...]Ao contrário do que sugeriam certas concepções racistas que viam no homem o produto do seu corpo, o inventário e a descrição das técnicas corporais propostos por Mauss,, demonstram que o homem, sempre e em toda parte, soube fazer de seu corpo o resultado de suas técnicas e de suas representações(HABARA:SANTOS, p.12017)⁶¹.

Corpo é vida e ao mesmo tempo se torna um sentimento capaz de possibilitar aos peixeiros: Trata-se do corpo que sofreu mudanças e representações distintas ao longo da história social, mas que, agora, vê essas variações acontecerem a todo instante. É nesse ambiente de possibilidades de experiências infinitas que a corporeidade do peixeiro apresenta-se com amplas possibilidades, para pensar a realidade social desses sujeitos , compreendê-la e analisá-la.

3.4. A performance do peixeiro e a venda do peixe

A comunicação corporal, considerada neste caso como intencional e codificada, realiza-se principalmente através de “gestos”, que são ações corporais visíveis, pelas quais, um certo significado é transmitido (RECTOR;RAMOS, 1990).

O corpo se torna interação, ação e imagem principalmente a partir da década de 1960, cujo conceito de performance passa a abranger não só o exercício de atuar, como também se torna um articulador teórico utilizado em diversas áreas interdisciplinares, como conceituam Hidelbrando, Nascimento e Rojo (2003),

E que no caso dos peixeiros da Feira da Manaus Moderna, a performance se torna uma forma de preservação e transmissão da memória, isso porque o repertório de articulação dos braços ao cortar e tratar um peixe, torna uma

⁶¹As técnicas do corpo. Disponível em: < <https://globalherit.hypotheses.org/6257>> Acesso em 10 out.2018.

relevante fonte de informação para quem visualiza a execução dos movimentos corporais feitos por estes trabalhadores.

Para compreendermos então as performances corporais atuais dos peixeiros no cotidiano contemporâneo, há que se compreender o corpo como projeto e não deve permanecer oculto, pelo fato de que na performance, corpo é tido como social.

O corpo social limita as formas de percepção do corpo físico. A experiência física do corpo, sempre modificada pelas categorias sociais através das quais é conhecida, é o suporte de uma visão específica da sociedade. Há uma troca de significados constante entre os dois tipos de experiência corporal, cada uma reforçando as categorias da outra. Resulta desta interação que o corpo é em si mesmo um meio de expressão extremamente restringido (DOUGLAS, 1991, p.93).

O campo da performance é uma forma de expressão por meio de gestos carregados de significados, uma sequência que desvela, através da arte de dizer, uma arte de pensar (CERTEAU, 1994) e que consiste na comunicação verbal e corporal dotada de criatividade e estratégias.

“É uma comunicação, muitas pessoas admiram; diz até que é uma arte tirar a espinha do pescado entendeu? bate foto, filma; elogia a gente; é uma arte: da onde foi que nos tiremo essa ideia de tirar as espinhas do peixe que é tão miúda; muitos ficam muito curioso; querendo saber né?. (Entrevista com Peixeiro, 2018)”

Além disso, é através da performance que se aprende os tipos de linguagem que preconizam a comunicação. Para Almeida (2004) as questões epistemológicas e metodológicas que se colocam à antropologia contemporânea estão intimamente ligadas ao aspecto de conhecer o indivíduo, principalmente quando em sua corporeidade, há uma comunicação visual que traz elementos e respostas que atuam principalmente no campo das Ciências Sociais.

Um autêntico boom sobre o tema do corpo e da incorporação tem surgido nas ciências sociais nas duas últimas décadas. Seja no enquadramento teórico de uma Teoria da Prática ou do regresso da Fenomenologia, no campo da crítica artística ou nos Estudos de Ciência, o tema ganhou estatuto de coqueluche nos grandes centros de produção acadêmica, especialmente no mundo Anglo-Saxónico.(ALMEIDA, 2004, p.2).

Nesse sentido, o corpo do peixeiro se torna amplo e versátil, ou seja, é um corpo que se torna performático por ser capaz de comunicar o seu saber: a ticaagem, o corte, o trato, a venda e o chamamento do consumidor para a compra

do pescado dentro da feira. São formas de expressões em que o cliente passa a ter uma sensibilidade - mesmo que de forma indireta - frente ao saber performático transmitido pelos trabalhadores cujos movimentos se tornam códigos, permitem uma leitura visual que por ora é capaz de chamar atenção desse transeunte da feira.

Logo, trazer a performance dos peixeiros é demonstrar que seus movimentos, gestos, atitudes e a oralidade, fazem parte das práticas corporais desses sujeitos e consistem em chamar atenção dos clientes. Isto remete a Matos (2015) quando diz que esse homem amazônico atua em processos de integração diante das mudanças que vêm acontecendo e mesmo a cultura cabocla, ou ribeirinha participa desse desenvolvimento regional que vai desde a pesca do peixe até o seu abastecimento nas feiras aos peixeiros.

Vista desse modo, consideramos que o desempenho liga-se ao que Mauss (1934) chama de técnicas do corpo, ou as maneiras pelas quais o indivíduo se serve de seu corpo, na medida em que usam seus corpos e sua linguagem como técnicas que expressam suas habilidades de conversação (SIMMEL, 1984).

Por ser um trabalho que se desenvolve em um ambiente urbano, a venda de peixes na feira Manaus Moderna necessita de criatividade, expressões e gestos corporais como formas linguagens, que tornem possível a interação com o outro, com os fregueses e outros feirantes; é necessária “maestria”, para consolidar vínculos com fregueses (ROCHA;VEDANA, 2008),em direção às vendas.

Durante a pesquisa observamos há táticas que os peixeiros utilizam para conseguir alcançar suas vendas; por isso foi comum percebermos alguns aspectos da vida desses sujeitos, que carregam algum tipo de estratégias para a oferta dos pescados, uma “competência habitual” como diz Monteiro (2010).

Esse ponto de vista revela uma espécie de ferramenta necessária à sua sobrevivência, pois em muitos aspectos diferem a profissão dos peixeiros de outras, devido ao fato de cada dia buscar a “criação de métodos”, características para o alcance da performance que utilizam em suas vendas para atrair os fregueses .

Esses aspectos possibilitam a reflexão e a importância quanto ao desenvolvimento das habilidades para vendas, pois diante de um mercado cada vez mais dinâmico e competitivo, habilidades de vendas definem um bom vendedor e ao mesmo tempo são geradoras de bons resultados.

No entanto, durante as observações em campo, observamos que nem todos os peixeiros demonstram que possuem técnicas performáticas para a venda de seus pescados. A afirmação deve-se ao fato de que alguns ficam escorados no balcão ou conversam com outros peixeiros; em outros momentos, ficam organizando os peixes em cima da banca, o que dá entender que entre alguns, não há uma comunicação que estimule e atraia os fregueses.

Imagem 61- Peixeiro organizando os peixes em cima da banca



Fonte: Acervo pesquisadora (2018)

Ora, se por um lado há limitações da parte de alguns peixeiros, de outro destacamos momentos em que a comunicação faz-se presente; e embora mais simples, a oralidade é uma ferramenta significativa e permite estabelecer e manter as relações no que se refere a compra e venda dos pescados. Esse tipo de estratégia também envolve a expressão corporal, pois o peixeiro fica atento todo tempo à chegada dos clientes, para assim inventar suas próprias performances.

Conforme nos falam Kathia Castilho e Marcelo M. Martins (2005, p.28), entende-se aqui o corpo como o suporte material, “que se articula com diferentes códigos de linguagem”, como a gestualidade, a decoração corpórea, a moda, etc., circunscrevendo os sujeitos num determinado espaço de significação”, pois “ora ele

se limita aos gestos necessários à conservação da vida; ora, brincando com seus primeiros gestos passando [...] a um sentido figurado, manifesta[...]um significado; é preciso então que ele se construa um instrumento,[...] projeta em torno de si um mundo de experiências”(PONTY, 1971).

Nesse contexto, as táticas que os peixeiros criam e recriam para se tornarem performáticos, surgem a partir do momento que utilizam suas próprias habilidades na conquista de sua clientela. Diante disso, qualquer pensar sobre o corpo consiste no emprego de uma formulação que permite perceber que o corpo é um meio de estarmos no mundo.

Aqui trazemos uma reflexão sobre a “utilidade” dos corpos dos peixeiros: embora seja uma “ferramenta” para venda dos pescados aos seus clientes, demonstra que mesmo sendo um trabalho árduo, há satisfação em realizá-lo a partir do momento em que as formas de tratar os fregueses fazem parte da comercialização e da oferta dos seus produtos; ao abordarem seus fregueses, eles conseguem construir amizade, uma espécie de laço social para além do processo da venda “um lazer cidadão”, (MONTEIRO,2010), quando direcionam sua energia corporal para garantir as vendas, e consequentemente conseguem o olhar para sua existência.

A feira é um local que proporciona aos peixeiros e fregueses o fortalecimento de suas raízes, através da peculiaridade, o contexto histórico cultural e a promoção social ao compreender sua realidade, seu contexto e suas condições de trabalho. As negociações entre fregueses e feirantes é o cotidiano de muitos que buscam uma renda para seu sustento familiar naquele espaço que por ora nem sempre se encontra em condições aptas a se trabalhar.

Além do mais, as performances para vender o pescado têm na sociabilidade do trabalho dos peixeiros, uma estratégia, que além de produzir o sucesso nas suas vendas, permite construir e reconstruir laços de reciprocidade com seus fregueses, sendo, portanto as formas de vender o peixe à proximidade com “as artes de fazer” (CERTEAU, 1994) ao longo dos dias de feira, para se especializar e construir sua clientela.

Andando entre as bancas dos peixeiros, observamos que mesmo de forma simples, a comunicação está presente. Durante a execução de suas atividades laborais, de modo tímido ou não, os peixeiros buscam atrair os fregueses alcançando-os ora com o olhar que segue a caminhada dos clientes, ora com chamados do tipo, ouvidas durante a pesquisa de campo, ao dizer, por exemplo: *“aproveita que tá barato”! “tem pacu e jeraqui de enfiada”. “freguesa, freguesa, peixe fresco do rio”;* (Entrevista Peixeiro, 2018).

Tais expressões configuram, dentre outras, a utilização das palavras, colocando-as em circulação, para finalmente conseguir atrair os compradores. Podemos dizer, portanto, que embora sejam narrativas simples e singulares, elas caracterizam suas performances.

Referente à performance ligada diretamente ao movimento corporal, seu tronco ora se inclina para frente e para trás, mãos e braços estão sempre articulados para exercer pequenos movimentos, mas que cumprem sua função: cortar, separar, limpar, agrupar, ensacar o pescado. Braços se estendem e flexionam para diferentes direções com o intuito de oferecer, recolher, chamar, apontar.

O contato também se estabelece pelo olhar. Seus olhos procuram os dos clientes para que a comunicação que antes era verbal e se estabeleça como uma forma de comunicação, pois:

“isso é uma forma de comunicação; porque é o seguinte; é porque é assim oh: aqui o freguês chega aqui na banca aí a gente olha pra banca do vizinho... aí a gente tem que fazer o mesmo que o vizinho tá fazendo pro cliente levar o peixe”. ”; (Entrevista Peixeiro, 2018)

“é uma forma que tem que fazer pro freguês levar;”é uma forma do freguês leva”. ”; (Entrevista Peixeiro, 2018).

Em meio às expressões orais, percebemos que não há um padrão de frases ou gestos; o que ocorre são momentos, que os peixeiros consideram como oportunidades, para atrair a freguesia; inclusive há peixeiros que permanecem com uma expressão pouco séria; outros usam frases não apenas para anunciar o valor do produto, mas também, convidam o freguês até a banca, conforme os relatos dos sujeitos entrevistados para atraí-los até os boxes.

*“Eu chamo assim: cadê o pessoal da zona leste que gosta de moleza; chega pra perto; vamo lá pessoal; era 35; agora só paga 30; tem várias: cadê o pessoal que gosta de moleza? tem promoção; baixou agora hein? (Entrevista, peixeiro 2018).
Atendimento bom; apresenta o peixe de qualidade; amostra; as vez conta uma piada “(Entrevista, peixeiro 2018)*

“A gente fala: vai patrão; pirarucu fresco; tá todo no plástico; não está jogado na banca para mosca não sentar; é uma lábia né pra atrair os freguês; eu falo tudo isso que é pra o freguês saber que não tem sujeira, como antigamente; mas agora não! o freguês já chegou comigo e já me elogiou: “poxa” seu peixe agora tá bom viu? tá no plástico! eu só vou compra aqui viu?. A gente vai tentando mudar né? e com essa nossa mudança, vários peixeiros já mudaram também”.(Entrevista, Peixeiro 2018).

“Bão tratar o cliente com ignorância , o fiscal vai em cima e reclama do cara que vendeu o peixe pra ele” (Entrevista, Peixeiro 2018).

“[...] A forma de tratar o cliente; de vez em quando a gente faz um curso aí na administração e como você deve atender o cliente , entendeu; isso aí é uma coisa que eles cobram muito; da nossa parte ;na administração” (Entrevista, Peixeiro 2018).

Assobios, músicas, saudações às clientes femininas, sorrisos estreitos ou largos ou apenas uma espécie de olhar simpático, foram situações comumente observadas durante a pesquisa para chamar a atenção dos clientes; e também são estratégias mais utilizadas nas conquistas; percebemos que são formas consideradas por eles como bastante variadas, embora repetidas.

Kotler (2000) esclarece diante da conduta do consumidor na aquisição de um serviço ou produto, que é influenciada por fatores culturais, sociais, psicológicos e pessoais.

Pode-se presumir que sempre haverá necessidade de algum esforço d vendas, mas o objetivo do marketing é tornar a venda supérflua. A meta é conhecer e compreender tão bem o cliente que o produto ou o serviço se adapte a ele e se venda por si só. O ideal é que o marketing deixe o cliente pronto para comprar. A partir daí, basta tornar o produto ou o serviço disponível. (KOTLER, 2000, p.30).

Desse modo, compreendemos que o peixeiro tem um modo peculiar de atrair os clientes e anunciar seus produtos por meio dos movimentos articulados em seus corpos, no qual se estabelece a comunicação. São práticas que transformam o corpo em um sistema de movimentos, cuja utilização é composta por diferentes ritmos, de acordo com suas finalidades, que nesse caso pode ser

interpretada com uma das dimensões sociais sustentada por Mauss (1934) que se formaliza no comportamento do ator.

Os movimentos são repetitivos e também, depois de algum tempo de escuta de toda a sonoridade do ambiente, percebe-se que algumas falas também são repetidas, em uma sequência que parece querer estabelecer a sintonia do lugar. As mãos são grossas, e os gestos pouco delicados, a fala sempre fica em primeiro plano como forma direta de comunicação com os clientes. Interjeições, jargões, brincadeiras saltam de sua boca, a todo instante, são as principais características dos peixeiros da feira coberta.

Essa fase é seguida de outra, iniciada pelo olhar, na sequência de um chamado, uma voz mais alargada, às vezes destituídas de regras, mas ao mesmo tempo aceita; até que finalmente ganham sentido e cria uma relação de compra e venda com o cliente, fruto do estabelecimento e interatividade com os mesmos. Pode-se dizer que elas marcam a presença desses sujeitos no interior da feira, de pertença a esse lugar, apesar dos desafios e das dificuldades inerentes tanto ao lugar, quanto a limitação de alguns para, como diz o ditado popular, “vender seu peixe”.

No entanto, não será demasiado falar sobre dificuldades inerentes ao lugar em que alguns peixeiros ficam limitados quanto a oferta das suas mercadorias, devido a exigência do cumprimento de regras a serem seguidas, dentre elas, as que se referem ao tratamento direcionado aos clientes, conforme a fala de um dos entrevistados.

“Não pode gritar e nem falar alto, porque o ambiente é fechado tipo assim oh: porque tem muita regra; não pode fumar; não pode falar palavrão, porque aqui passa senhora... passa todo tipo de gente aqui né? Aqui tem muito atendimento... muito respeito...” (Entrevista, Peixeiro 2018).

A fala do entrevistado pode servir como um exemplo que delegamos a Foucault (2008) ao dizer que a emergência da disciplina remonta à época clássica e à descoberta do corpo como objeto e alvo do poder. Nesse sentido, ele diz que “há um corpo passível de ser manipulado, modelado, treinado, “que se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam.” (FOUCAULT, 2008, p. 117).

Pode-se discutir ou não sobre a pertinência do corpo como uma referência de um poder institucionalizado; entretanto utilizamos a concepção de Ponty (1991) quando diz que há uma unicidade no corpo; nesse sentido, compreendemos que os movimentos corporais dos peixeiros são articulados e expressam que seus corpos são um “evento narrativo”, por mais que a fala venha sempre em primeiro plano para estabelecer um contato direto com o freguês.

Então compreender a performance do peixeiro implica na relação para falar sobre a maneira como os peixeiros fazem uso dos seus corpos quando expressam gestos e falas dentro da feira, para a venda dos pescados. São corpos dotados de força e que ao mesmo tempo expressam gestos e movimentos carregados de significados, uma sequência que desvela, através da arte de dizer, uma arte de pensar (CERTEAU,1994), para dar sentido à comunicação verbal e corporal dotada de criatividade e estratégias para conquistar os fregueses.

Isso quer dizer que esse corpo deve agir conforme haja a necessidade perante a sociedade diante do seu *marketing* pessoal e o canal de comunicação que se propagará dentro da feira; e desta forma atingirá os receptores, desde que não haja ruído na comunicação, seja corporal ou verbal. E quando menos se espera, ouve-se o feirante falar pequenas frases, porém de todos os tipos, embora nem sempre eficazes na conquista do freguês.

Além das falas, gestos e movimentos, principalmente com os braços, fazem parte da performance corporal desses sujeitos, a propaganda boca a boca, se aplica às estratégias de *marketing* dos peixeiros, que está relacionada ao posicionamento corporativo que é a maneira pela qual o trabalhador vai usar de artifícios seja pela linguagem verbal, corporal e visual para atrair seu cliente. A propaganda boca a boca ganha espaço para o *marketing*.

Vivemos na Sociedade da Informação, onde a informação constitui o mais importante recurso de agregação de valor, gerando ação (conhecimento). Sua versatilidade permite atender às necessidades do consumidor de forma mais efetiva, visando a alcançar maiores níveis de satisfação com os produtos e serviços que são oferecidos. O conhecimento revoluciona o processo de produção, uma vez que torna economicamente viável a personalização e diversificação desses produtos e serviços, revolucionando também as formas de promoção. (AMARAL, 2004, p.17).

Todavia, a execução do trabalho realizado pelos peixeiros é o movimento que se repete, apesar de ser uma arte com tradição, mas que se refaz na execução de cada corte do peixe seja retirando as espinhas ou ticando o peixe. Desta forma, "a repetição criativa não cansa, não esgota o gesto, pois não é repetição, mas criação. Assim, ele é sempre movimento novo, diferente do original. Ele é arte". (SANTIN, 2003, p.35). Ela é corporeidade.

David Le Breton (2012) afirma, de forma basilar que o corpo é a prova da nossa singularidade. Isso significa dizer que a nossa relação é com o mundo, e que nós somos ele, e ele é cada um de nós e nele estamos inseridos; melhor dizendo, nossa existência se revela também em atitudes de improvisação, de uma hora para outra. Ou como diz Almeida (1996), basta aprender fazendo com o corpo, aprender imitando, até que o corpo reproduza os movimentos certos e estes abram portas para novos níveis de consciência incorporada.

Entretanto, as narrativas até aqui não descontroem as dificuldades e os desafios que os peixeiros enfrentam em seu dia a dia; em vista disso, na lida da feira, tratando diretamente com os pescados, os homens e mulheres daquele lugar, pela necessidade de imposição e manifestação de força frente a estes, desenvolvem uma notável projeção do seu corpo. As qualidades força, resistência e velocidade desenvolvidas, associadas à paciência, contribuem para o aperfeiçoamento das habilidades. (MATOS, 1996, p.197).

Por meios de movimentos corporais, verbais, estéticos e gestuais, os peixeiros mostram aos clientes seus produtos, de forma a persuadi-los a comprá-los: seu movimento corpóreo é uma ação que faz dela um interlocutor, uma peça essencial do mercado, cujos modos de agir são entendidos como linguagem específica daquele lugar: assim, em conjunto com os peixeiros, cada qual com habilidades diferenciadas, juntos formam um único corpo, pois:

“É através do meu corpo que compreendo as outras pessoas; assim como é através do meu corpo que percepciono as ‘coisas’. O significado de um gesto “compreendido” deste modo não está escondido por ele, está sim entrelaçado com a estrutura do mundo” (MERLEAU-PONTY, M. 1991, p.186).

Assim sendo, o corpo desse peixeiro, bem como os seus movimentos estarão sempre no centro de qualquer manifestação, porque a fala também é a

manifestação corporal desse corpo que se encontra em evidência, sendo a corporeidade um modo de compreender as vivências e experiências que dão sentido ao trabalho desses sujeitos, no interior da feira, ou melhor, dizendo, em um indivíduo “único, capaz de testemunhar sua própria experiência, mergulhado na complexa rede de inter-relações a partir da qual constrói sua vivência singular” (FREITAS, 2006, p.51)

Ao realizar essa pesquisa, constituiu-se em investigar como os peixeiros da feira Manaus Moderna desenvolvem o trabalho a fim de revelar os aspectos estéticos, visual e tátil de modo que demonstre as laborais desses trabalhadores manifestadas em seus movimentos como habilidades das suas práticas laborais, formadoras da identidade social e cultural refletidas em seus corpos.

Todavia, os peixeiros compartilham e contam histórias que provem um conhecimento sociocultural, onde a interdisciplinaridade se faz presente na feira.

Seria ignorância afirmar que os feirantes não buscam dinheiro, pois o caráter monetário é mais um componente da rede de relações sociais baseados na reciprocidade. É isso que é demonstrado na vivência dos feirantes. O fator monetário não é um determinante e muito menos um centro gravitacional onde as demais relações giram em torno. O dinheiro não significa a mera aquisição de bens materiais. Os bens materiais são instrumentos na reprodução social via territorialidade. Portanto, a aquisição de dinheiro dá sentido a aquisição de uma matéria que tem em sua significância a não-matéria. Significa a manutenção do vínculo entre pessoas que tem a reciprocidade como o cerne do seu modo de vida. (FERNANDES, 2006, p.50).

Quando os peixeiros tratam e ticam os peixes, há uma lógica que se identifica com processos que não envolvem aparatos tecnológicos; essa lógica se evidencia porque tais práticas adquiridas não se desenvolveram através de cursos, técnicas específicas, mas sim da experiência de vida que lhes fora adquirida por ser um conhecimento tradicional amazônico, ou herdado pelos familiares. Haja vista, que alguns também aprenderam sozinhos, sendo o conhecimento tradicional, se tornando o eixo principal que se destaca na forma como os peixeiros da feira desenvolvem suas atividades com o pescado.

CONSIDERAÇÕES

A Tese demonstra que ao falarmos do corpo e da corporeidade do peixeiro e sua relação evidenciada nos elementos da corporeidade na profissão, foi possível percebermos que se trata de algo novo no campo das pesquisas científicas que notadamente necessita de terem a imagem corporal difundida socialmente.

Desta forma, as informações e as atitudes sobre o corpo destes sujeitos transformam e descontrolam o senso comum, que durante longo período valoriza a fragmentação do corpo, especialmente quando não considera os elementos contextuais e históricos que permeiam a vida do ser humano.

Visto assim, esse ser humano, que é um corpo não limitado aos aspectos da natureza biológica diante das diversas relações sociais, culturais e históricas, constrói, portanto, sua individualidade na relação coletiva, dando significados sobre seus hábitos, num processo permanente de aprendizagem e ensinamento. E como diz Le Breton (2012), o corpo não existe enquanto natureza, ou seja, nunca estamos vendo um corpo, o que vemos são homens e mulheres.

Logo, falar de corpo humano é dialogar complexa e respectivamente, entre o ter um corpo e ser um corpo, concomitantemente sendo sujeito e objeto, corpo-matéria e corpo-sensações, corpo-natureza e corpo-sociedade, construindo uma rede de significações enquanto edifica e vive sua história humana. Portanto, temos e somos ao mesmo tempo um corpo complexo, um corpo humano.

Tendo em vista o tema central da Tese, tecemos algumas considerações sobre a importância da corporeidade do peixeiro da Feira Manaus Moderna, pois a pesquisa revelou que durante o processo da prática corporal no trabalho do peixeiro, o corpo é considerado como mediador de todo um sistema de percepção não apenas de si, mas também do mundo do qual fazem parte e pode fornecer caminhos para se pensar os mecanismos da corporeidade desse trabalhador.

Dessa forma, pensar o corpo dos peixeiros a partir das manifestações corporais e com significados próprios, inclusive no contexto de grupos específicos, é pensá-lo para além do sentido biológico, situação em que isso era até pouco tempo inexistente, pois o corpo foi visto como uma máquina biológica passível de

intervenção técnica e perdeu a possibilidade de ser visto e reconhecido como produtor e carregado da dinâmica de cultura, que o distanciou dos aspectos subjetivos e simbólicos.

Também reconhecemos a existência da dimensão dos elementos da corporeidade implícita nos movimentos corporais dos peixeiros, quando verificamos que estes movimentos são carregados dos elementos da cultura e tradição, uma proposição como uma teia de significados (GEERTZ,2008).

Ademais, durante a pesquisa, constatamos que o corpo dos peixeiros se entrelaçam aos seus movimentos corporais durante as atividades laborais, pois ao comprar para revenda, tratar e vender o pescado, seus movimentos corporais adquirirão habilidades quanto ao modo de tratar, selecionar e conhecer os peixes.

Mediante o exposto verificou-se que o corpo desse trabalhador assume um papel central, que se destaca da fala, ao chamamento ao cliente, à ticação e trato do peixe que posteriormente é entregue ao freguês, como um modo eficaz para atrair e vender ao seu consumidor, tornando perceptível que a corporeidade e as simbologias presentes na vida dos peixeiros é essência no corpo desses trabalhadores, mesmo convivendo com desafios e dificuldade que enfrentam; ao mesmo tempo, exprimem alegria e satisfação por fazerem o que gostam.

Um aspecto que chamou atenção, apesar de parecer natural, é a disputa pela venda do pescado. Esse cotidiano foi revelado em meio a uma complexa rede de relações sociais e culturais, geradoras de saberes e informações. Diante das observações feitas na feira, o cotidiano se concentra nas práticas corporais executadas pelos feirantes, principalmente pelos peixeiros ao desenvolverem seus movimentos com o intuito de comercializar o pescado.

Diante desse panorama, para discutirmos e estudarmos o tema da corporeidade atrelada ao corpo dos trabalhadores da feira Manaus Moderna, acreditamos na necessidade prioritária do método ou modelo de investigação, no caso, baseado nos pressupostos para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas.

Para tanto, a pesquisa qualitativa é uma alternativa que possibilita preencher novas demandas e entender o ser humano na sua complexidade, ao mesmo tempo que torna possível para melhor conhecer o ser humano relacionado com o seu contexto, o ser humano na sua complexidade (MORIN, 2011).

Como o trabalho assume a centralidade na vida da humanidade, a pesquisa demonstrou que o trabalho do peixeiro se encaixa na categoria de trabalho que não tem vínculo com a formalidade; nessa direção, pode ser considerado como um trabalho precarizado, haja vista que a falta de estrutura o ambiente, as longas jornadas de trabalho, sem tempo para cuidar da saúde e sem direito à legislação do trabalho, aliadas à dureza dos movimentos que realizam, a corporeidade presente na vida dos peixeiros revela o olhar cansado dos trabalhadores.

Apesar da necessidade em trabalhar para o sustento familiar e pagamento de contas, os peixeiros desenvolvem suas atividades em condições de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos econômicos, sociais, psicológicos e físicos inerentes à atividade informal que desempenham diante de uma alternativa para não cair no desemprego.

Como o peixeiro não pode deixar de trabalhar e enquanto melhorias não acontecem, as negociações entre fregueses e feirantes é o cotidiano de muitos que buscam uma renda para seu sustento familiar naquele espaço que por ora nem sempre se encontra em condições aptas de trabalho.

Em face desse desenho, é possível dizer que embora a arrecadação da taxa vise a melhoria da estrutura do ambiente, os relatos dos entrevistados demonstram inquietação quanto a imposição da cobrança; certamente pelo receio de perder a garantia de continuar trabalhando para o sustento da família, repassando para os trabalhadores responsabilidades, que deveriam ser do poder público; seja como auxiliar ou permissionário, há o “forte disciplinamento da força do trabalho, a implantação de novo mecanismo de capital e de trabalho intensivo”(ANTUNES,2018,p.104)

Nesse sentido, um dos desafios que tem causado maiores dificuldades aos que ali executam suas atividades, envolvem o adoecimento e a vulnerabilidade; destacamos que as longas e extensas jornadas e a dura rotina do labor, acelerem

a finitude, principalmente em ambientes que ocasionam maior insegurança e vulnerabilidade, devido a “robotização” do corpo.

O Manual de Vigilância em Saúde no Brasil (2017) aponta que entre os desafios ligados à saúde do trabalhador e da trabalhadora,

Está o estabelecimento de um modelo de atenção à saúde, que seja voltado para a redução do risco da doença e de outro agravo, em que a promoção, a proteção e a prevenção, ocupem o mesmo patamar e recebam a mesma importância do que a recuperação e a assistência. (BRASIL, 2017, p.135).

Eis um desafio: além da imposição da baixa renda e a jornada de trabalho prolongada, o peixeiro convive com o adoecimento, ou como disse Antunes, com “nexo laboral”⁶², resultado da exposição do trabalhador às condições nocivas à sua saúde e que gerem o adoecimento físico e/ ou mental”(ANTUNES, 2018, p.137).

Portanto, trata-se de um conjunto de enfermidades que rápidas ou paulatinamente podem levar o trabalhador ao desgaste físico e emocional; e também afastá-lo do trabalho, ou porque não dizer, afastar-se do espaço de adoecimento. Embora o peixeiro tenham relatado que não pagam a previdência, o trabalho informal ou a precarização do mesmo tende a aumentar a fila do desemprego, sobretudo, se a reforma da Previdência social em curso, caso seja aprovada, representará um custo social quanto a extensão dos anos a serem trabalhados.

Destacamos que a nossa aparência imediata no mundo também se dá pelo corpo; por isso constata-se que o nosso mundo interior se reflete quando adoecemos, pois esse corpo é finito e envelhece, sobretudo devido a forte imposição de padrões de consumo em um modelo de economia competitivo, que notadamente marcam o corpo do trabalhador.

Durante a pesquisa de campo constatamos também que é costume do povo amazonense, cheirar, amassar e pegar no pescado; nesse sentido é uma das particularidades que trata da “capacidade inventiva do índio, herdada pelo mestiço[...]valores pelo conhecimento profundo da vida dos peixes”(MONTEIRO,2010, p. 25).

⁶² Para o autor trata-se de neurose, pressão alta, derrame, moléstia da coluna vertebral, invalidez dentre outras.

A pesquisa demonstrou também que ao comprar nas feiras e nos mercados, pode-se dizer que “compra-se” também informações de saberes e de costumes, que podem ser considerados como um dos representantes do nosso conhecimento tradicional. Entretanto, “via de regra, não é fácil especular sobre temas que dependem de conhecimento prático”(MONTEIRO, 2010).

Por isso, compreendemos que a feira Manaus Moderna não é um ambiente apenas para fins comerciais; é um espaço de sociabilidade, troca de histórias não só de vida, mas também daquele local, principalmente para os turistas, e o feirante que ali trabalha, ganha um cliente que tenha certas curiosidades se souber contar a historiografia da feira.

Por isso, a valorização da identidade e da memória presente na feira Manaus Moderna torna o ambiente um local em que a história da Amazônia se reconstitui diante do trabalho dos feirantes, onde cada um representa uma identidade amazônica, sobretudo porque mesmo sem se darem conta do alcance do seu papel na circulação do pescado em Manaus – AM, os peixeiros apresentam um modo de operar as atividades, fazendo com que a cadeia do pescado se reproduza ao longo do tempo, que envolve gerações dentro dos mesmos moldes iniciados, tendo como centro de recepção e de distribuição o mesmo local onde hoje está fixa a feira Manaus Moderna com esse mesmo uso.

A feira promove sua arte colocando os peixes em sincronia lado a lado, para exposição, onde os protagonistas que são os peixeiros utilizam arte e tradição para atrair diariamente e receber seu público na venda dos peixes. Certamente são lugares onde ainda é possível apreciar movimentos corporais mais ousados, destarte encarnados na vida dos trabalhadores e ressaltam “que o mais interessante nesse enfoque é que é um gesto eficaz devido a eficácia das técnicas corporais [...] e que a tradição vai sendo transmitida de geração em geração” (DAOLIO,1995, p.47-48).

A pesquisa procurou responder às questões que buscou demonstrar; e por isso urge sobre a importância e a necessidade de outros estudos e de pesquisadores que tenha interesse pela tema do corpo e da corporeidade, propondo conhecer o trabalho desenvolvido pelos peixeiros, ampliando assim

outras nuances da vida desses trabalhadores no que tange a alimentação, a saúde, ao lazer e a qualidade de vida; são questões que se tomadas a cabo, contribuirão para a visibilidade desse trabalhador, que mesmo contribuindo com a economia da cidade, seu trabalho carece de destaque e relevância social para a sociedade local.

Nesse sentido, a pesquisa abre caminhos sobre os debates acerca da corporeidade, que podem ampliar a produção do conhecimento e a relação científica entre os estudos do corpo e a corporeidade dos trabalhadores da feira Manaus Moderna. Tendo como pressupostos para desenvolvimento de pesquisas qualitativas, principalmente diante dos estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), poderá ampliar o tema também em outros programas de pós graduação de outras instituições de ensino superior .

No que diz respeito a educação nos espaços não formais de aprendizagem, a pesquisa abre caminhos que possibilita à feira Manaus Moderna tornar-se um local de referências para as interações e trocas de saberes, experiências e conhecimentos, considerando que em uma perspectiva interdisciplinar, este estudo promova o valor dos temas da corporeidade relacionados a saúde, do trabalho e da qualidade de vida do trabalhador da feira que devem ser promovidos, especialmente, na escola.

Desta forma, pretendemos mostrar que os elementos da corporeidade evidenciados na profissão do peixeiro, tornam-se relevantes, pois a corporeidade do trabalhadores da feira, pode ser estudada para além do prisma cultural . Pode se ampliada para aspectos sociais, econômicos e educacionais.

Para que possamos, de fato, ter certeza disto, basta lançar um olhar retrospectivo, quando buscamos as investigações acadêmicas sobre a corporeidade do peixeiro e não encontramos; a partir daí, percebemos a ausência de pesquisas envolvendo o corpo, a corporeidade e na profissão deste trabalhador no âmbito das feiras.

Em vista dos argumentos apresentados, a Tese só tem a contribuir para futuros estudos que envolvam a corporeidade de um trabalhador como os

peixeiros, por exemplo, no qual se analisou as influências e cujos movimentos exercem sobre o corpo em relação ao seu trabalho, considerando o corpo como um todo.

Portanto, é preciso repensar e valorizar o corpo desses trabalhadores, pois a pesquisa demonstrou que o corpo é a ferramenta que marca o meio da sua sobrevivência nos momentos que executam os movimentos, durante todo processo de tratamento até a performance para atrair o cliente.

Por fim, esperamos que esse trabalho possa ampliar pesquisas no campo interdisciplinar na perspectiva das investigações qualitativas, bem como na direção de um entendimento melhor desse corpo humano complexo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência).

ALMEIDA, Miguel Vale de. **O Corpo na Teoria Antropológica**. 2004. Disponível em: <miguelvalededealmeida.net> Acesso em 18 abr. 2019.

ALVES, G. **Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global**. Trabalho, educação e Saúde (online), v.3 n.2, p. 409-428, 2005. Disponível em <www.revista.epsjv.fiocruz.br/ Acesso em: 10 abr 2019.

AMARAL, Marcela Carvalho Martins. **Culto ao corpo e estilo de vida entre as mulheres**. 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Sociologia. Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília.

ANJOS, F. S. dos; GODOY, W. I. & CALDAS, N. V. **As feiras-livres de Pelotas sob o império da globalização: perspectivas e tendências**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2005.

ANTUNES, R. (1998) **Adeus ao trabalho? Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez-UNICAMP.

ANTUNES, Ricardo L. C. (Ricardo Luís Coltro), 1953. **O caracol e sua concha : ensaios sobre a nova morfologia do trabalho/** Ricardo Antunes. - São Paulo: Boitempo, 2005.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. 15ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço na era digital**. 1ª. ed.- São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Campbell de Araújo. **A Região Amazônica**. Manaus. Editora Valer, 2011.

ARAÚJO, S. V. História social e história cultural e suas influências na produção historiográfica sobre cidades no Brasil. XIII Encontro Estadual de História – Guarabira, PB, **Anais Eletrônicos**, 2008.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad.: Roberto Raposo. Rio de Janeiro, Editora Florense Universitária, 10ª edição, 2007.

ARISTÓTELES, **De alma. De anima II.2, 413a22-23.in:**O problema do pensamento no De anima de Aristóteles. Fernanda Pereira Augusto da Silva. Tese de Doutorado. 2016. Disponível em: <<https://philarchive.org/archive/DASOPD-6>> Acesso em 16 Jan. 2019.

AYRES, J.R.C.M; FRANCA-JUNIOR, I e CALAZAS,G.J; SALETI-FILHO,HC. **Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids**. In: BARBOSA. R.M E PARKER, R. Sexualidade pelo avesso: direitos, identidade e poder. Ed. 34,1999.

BAKHTIN, Mikhail.**A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo,Hucitec, 1987

BARTHES, R. (1976). Introdução à análise estrutural da narrativa. In R. Barthes, *Análise estrutural da narrativa: Pesquisas semiológicas* (pp. 19-60). Petrópolis: Vozes.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia**. Rio de Janeiro, 1976, Conquista.

BATISTA, V. S. . **Distribuição, dinâmica da frota e dos recursos pesqueiros da Amazônia Central**. Tese de Doutorado, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/Fundação Universidade Federal do Amazonas, Brasil, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BERKES, F., Mahon, R., McConney, P., Pollnac, R. C., Pomeroy, R. S. **Managing small-scale fisheries: Alternative directions and methods International Development Research Centre Ottawa**, Canada, 2001.

BRESCIANI, Maria Stella. **“Permanência e ruptura no estudo das cidades”**. Cidade & História, Fau-UFBA, 1992.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Knopp Sari. **Investigação qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORTOLETO, M. A. C. **O caráter objetivo e o subjetivo da ginástica artística. 2000**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2000.

BOSSÉ, Mathias Le. **As questões de identidade em geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.). Paisagens, textos e identidade. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2004. p. 157 – 179.

BRAGA, C.M.L. **A Etnometodologia Como Recurso Metodológico Na Análise Sociológica**. *Ci. Cult.*, V.40, N.10, P.957-66, Out., 1988.

BRANDÃO, Z. **Entre Questionários E Entrevistas**. In: Nogueira, M. A.; Romanelli, G.; Zago, N. (Orgs.). *Família & Escola*. Rio De Janeiro: Vozes,2000. P. 171-83.

BRASIL. **Lei Nº 13.467 de 2017**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13467.htm> Acesso em 29 dez. 2018.

BRASIL. **MAPA (2016)**. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/>> Acesso em 30 out. 2018.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.

BUENO, Jocian Machado. **A Noção de corporeidade nos conteúdos programáticos da disciplina natação**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2003.

CARDOSO, A. C. D; LIMA, J. J. F. **Tipologias e Padrões de Ocupação na Amazônia Oriental**. In: CARDOSO, A. C. D. (Org.). O Urbano e Rural na Amazônia. 1 ed. Belém: Editora da UFPA, 2006, v. 1, p. 55-93

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo da Vida Cotidiana na Metrópole**. São Paulo: Labur Edições, 2017, 2ª edição revisada, 317p. Bibliografia. ISBN: 978-85-7506-299-9 1. Cidades 2. Metrópole; 3. Reprodução do Espaço 4. Geografia Urbana. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dg/gesp>> Acesso em: 01 out.2018.

CASTELLS, Manuel . **A sociedade em rede** . Editora Paz Terra , 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

CASTILHO, Kathia.; MARTINS, Marcelo M. Discursos da moda: semiótica, design e corpo. 2 ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1996.

CHAVES, Maria P. S. R. **Uma experiência de pesquisa-ação para gestão comunitária de tecnologias apropriadas na Amazônia: o estudo de caso do assentamento de Reforma Agrária Iporá**. 2001. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA. **Manual de Vigilância em Saúde no Brasil**. Abrasco. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Volume 22, número 10-outubro 2017. ISSN 1413-8123.

CMM/MANAUAS. **Lei No 12, de 25/11/2004**. Disponível em:<http://www.cmm.am.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/LEI_123_DE_25_11_20041.pdf> Acesso em 05 out. 2018.

CORRÊA, M. A. A; KAHN, J. R.; FREITAS, C. E. C. 2014. ***Perverse incentives in fishery management: The case of the defeso in the Brazilian Amazon.*** *Ecological Economics*. v. 106. p. 186-194.

CORRÊA, Márcio Cristian dos Santos; LEITÃO, Wilma Marques. **Pescadores, Balanceiros, Vendedores de Café: A comercialização do Pescado no Ver-O-Peso.** In.: LEITÃO, Wilma Marques (Org.). *Ver-o-Peso: estudos antropológicos no Mercado de Belém.* Belém: NAEA, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Área Central – Permanências e Mudanças: Uma introdução.** In: OLIVEIRA, José Aldemir de (Org.). *Cidades Brasileiras: Territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais.* Vol. I. Manaus: EDUA, 2009.

COSTA, A. C. S. & ARGUELHES, D. O. A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX. **Univ. Hum.**, Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 109-137, jan./dez. 2008.

COSTA, A. P. M. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Revista Virtual de Textos e Contextos**, nº 4, dez. 2005

CPRM. **Relatório da Cheia 2012.** Disponível em: http://www.cprm.gov.br/sace/rehi/manaus/rel_final_2012.pdf> Acesso em 19 mai. 2018.

CRUZ, Valter do Carmo. **Rio como Espaço de Referência Identitária na Amazônia: Considerações sobre a Identidade Ribeirinha.** In: XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, RJ. 2011.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática.** São Paulo: Summus Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Da realidade à ação: reflexões sobre educação e matemática.** São Paulo: Summus Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

Da MATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMIANI, A. L. **A geografia e a construção da cidadania.** A geografia na sala de aula. São Paulo, p. 50-61, 2007.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** São Paulo. Campinas, Papirus 1995.

DAUSTER, T. A Fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar de editores. *Revista Educação/PUC-Rio*, n. 49, p. 1-18, nov. 1999.

DAVINI, Silvia. O Jogo da Palavra, **Humanidades-Teatro**. No 44 -, pp. 37-44. Brasília: Ed. UnB, 1998

DENZIN, N. K., & Lincoln, Y. S **O Planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed,2006.

DESAI, Philly. **Methods beyond interviewing in Qualitative Market Research**. In Qualitative Market Research – Principle and Practice, vol 3. London: Sage Pub Ltd, 2002.

DESCARTES, René. **O discurso do método**. Portugal: Edições 70, 1979.

DIAS LEAL, Wanja Socorro de Sousa e TORRES, Iraides Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder** - São Paulo: Cortez, 2002. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia. Disponível em <http://www.ppgss.ufam.edu.br/attachments/article/62>> Acesso em 19 out. 2014.

DIAS, Edinéa Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto: Manaus 1890-1920**. Dissertação de Mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

DOUGLAS, Mary, Purity and Danger. **An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo**, Londres, Routledge, 1991.

DUARTE, Rosália. **PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> > Acesso em 06 mar. 2019.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Editora Zahar. Rio de Janeiro – RJ, 1993.

ELIAS, Nobert. **Processo civilizador** / Norbert Elias..v.1 -2.ed. -Rio de Janeiro: Jorge ZaharEd., 1994.

EMÍLIO FOGAÇA; ERIC BOËDA. A ANTROPOLOGIA DAS TÉCNICAS E O POVOAMENTO DA AMÉRICA DO SUL PRÉ-HISTÓRICA..HABITUS. Goiânia, v. 4, n.2, p. 673-684, jul./dez. 2006. Disponível em:<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/viewFile/196/157>> acesso em 07 abr.2019.

ESPÍNOLA, Henriqueta Barbosa. **O Ribeirinho na defesa do peixe**. Manaus, Edua, 2015.

FERNANDES, Daniel Mendes. **O Estar-no-entre-meio na Feira Livre do Major Prates e outros espaços sociais: uma etnografia sobre as estratégias de territorialidade de populações rurais em Montes Claros**. Monografia UNIMONTES: Montes Claros, 2006.

FERREIRA, E. J. G. 2009. **Recursos pesqueiros Amazônicos: uma análise conjuntural**. In: GEEA, 2009. Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos / Organizadores: Adalberto Luis Val, Geraldo Mendes dos Santos. Tomo II. Manaus. INPA. 19-66pp.

FEYERABEND, Paul Karl. **Contra o método**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

FILHO, Henyo. **Populações tradicionais: introdução da crítica da ecologia política de uma noção**. In: ADAMS, Cristina (org) et al. Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade. São Paulo, FAPESP, 2006.

FOUCAULT, M. **“Os recursos para o sm adestramento”. Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalhte. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M.A **Microfísica do Poder**. Rio de janeiro, Graal, 1979

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANCO NETTO et al. **Vigilância em Saúde Brasileira: reflexões e contribuições ao debate da 1ª Conferencia Nacional de Vigilância em saúde**. In: CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA. Manual de Vigilância em Saúde no Brasil. Abrasco. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Volume 22, número 10-outubro 2017. ISSN 1413-8123.

FREIRE, Sérgio. **Amazonês. Expressões e termos usados no Amazonas**. Ed. Valer, 2011.

FREITAS, C.E.C.; Rivas, A.A.F. 2006. **A pesca e os recursos pesqueiros na Amazônia Ocidental**. Ciência e Cultura (SBPC), v. 58, n. 3, p. 30-32, 2006.

FURTADO, L. G. **Iconografia da pesca ribeirinha e marítima na Amazônia**. Fotografias de Janduari ... Belém: Museu paraense Emílio Goeldi, 1993. 486 p. il.

GANDRA, André Lima. **O Mercado do Pescado da Região Metropolitana de Manaus**. Manaus/AM. CFC/FAO/INFOPECA, 2010.

GASPAR, Lúcia. **Índios do Brasil: alimentação e culinária (2009)**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em 31 mar. 2019.

GEERTZ, 1978)Clifford. **“Ethos, Visão de mundo e a análise de símbolos sagrados”**. In, A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores,

1978. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/ricardocampos.pdf>> acesso em 02 de mar. 2019.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GODOY, W. I. e ANJOS, F. S. **A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local**. Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rev. Bras. Agroecologia, v.2, n.1, fev. 2007.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro, LTC, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio DOUGLAS, Mary, Purity and Danger. *An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*, Londres, Routledge, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOLEMAN, Daniel, ph.D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2012.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 10ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. 10ª ed. Campinas: Papirus, 2007.

GONZAGA, Leila Teixeira; FACHÍN-TERÁN, A. **Espaços não formais: contribuições para educação científica em educação infantil**. In: Irecê Barbosa; Augusto Fachín Terán; Amarildo Menezes Gonzaga; Maria Rosemi A. de Nascimento; Saulo César Seiffert Santos. (Org.). *Avanços e desafios em processos de educação em ciências na Amazônia*. Manaus: UEA Edições, 2011.

GRANDO, J. C. **Sacralização do corpo: a educação física na formação da força de trabalho brasileira**. Blumenau, SC: Ed. FURB. 1996.

HARVEY, David. **O corpo como estratégia de acumulação**. São Paulo: Loyola, 2000.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte** (2005). Disponível em: <<http://lelivros.love/book/download-cinzas-do-norte-milton-hatoum-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso em 25 out. 2018.

HELLER, Agnes. **Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva I** Gleny Terezinha Duro Guimarães, org.; Idília Fernandes ... [et al.].- Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HERKOVITS, M.J. **Antropologia Cultural: O Homem E Seu Trabalho**. São Paulo: Mestre Jou, 1963. P. 98-108.

HIDELBRANDO, Antonio; NASCIMENTO, Lyslei; ROJO Sara. **O corpo em performance: imagem, texto, palavra**. Belo Horizonte: NELAP/FALE/UFMG, 2003.

ISAAC, V. J.; BARTHEM, R. B. **Os recursos pesqueiros da Amazônia Brasileira**. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropol. 2. 1995.

JOSÉ, FILHO, Pe. M. **Pesquisa: contornos no processo educativo**. In: JOSÉ FILHO, Pe. M; DALBÉRIO, O. Desafios da pesquisa. Franca: UNESP - FHDSS, p.63-75, 2006.

KOPNIN, Pável Vasilievich. **A Dialógica como Lógica e Teoria do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

KOTLER P. **Administração de marketing**. 10. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2000.

LE BRETON, David, 1953- **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo** / David Lê Breton; 6. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David. **Antropología del cuerpo y modernidad**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LEFEBVRE, H. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madri: Alianza, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEFF, E. **Saber ambiental**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEITÃO, W. M. **Ver-o-Peso: estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo:LIBÂNEO, José Carlos; Oliveira, João Ferreira de; Thoschi, Mirza Seabra, 2012.

LIMA, Soraya de Oliveira. **Cultura corporal dos bananeiros da Feira da Banana.** Disponível em:<anais do II Siscultura. Programa de Pós - Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia>. PPGSCA/UFAM. 2018.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém: CEJUP, 1995.

LOUREIRO, João de Jesus Paz. **Cultura Amazônica: uma diversidade diversa. In: Diversidade Cultural brasileira.** Belém: Casa Rui Barbosa, 2009.

LÜDKE, MENGA; ANDRÉ, MARLI E.D.A. **PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ABORDAGENS QUALITATIVAS.** SÃO PAULO: EPU, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana.** São Paulo. Editora Terceiro Nome, 2012.

MALHEIRO, B. C. et. al. Território do uso nas margens da cidade. A identidade do território ribeirinho da orla fluvial de Belém (PA) - Anais do X Encontro de Geógrafo da América Latina - USP - março 2005.

MANAUS (AM). **Prefeitura. 2018.** Disponível em: <<http://www.manaus.am.gov.br>>. Acesso em: mai. 2018.

MARICATO, E. (2002) **Dimensões da tragédia urbana.** Disponível em:<www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid18.htm> Acesso em 22 out. 2018.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, Livro I,vol. II, 2009.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos Filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2005.

MARX, Karl. **O Capital.** São Paulo.Abril Cultural , 1983.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**, v. 1, livro 1. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI Miriam C. S. **FEIRA LIVRE: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea.** Revista Eletrônica: Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 2, n. 2 agos/2008 p.72-87 página 72. Disponível em:<<https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/viewFile/4710/3971>> Acesso em: 01 out. 2018.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competências Pedagógicas do Professor Universitário.** São Paulo: Summus, 2003.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. **Atividades corporais - uma estratégia de adaptação biocultural numa comunidade rural do Amazonas** | Gláucio Campos Gomes de Matos. Dissertação de Mestrado – UNICAMP- Campinas, SP, 1996.

MATOS, Gláucio Campos. **Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica**. Manaus: Editora valer/FAPEAM, 2015.

MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. Comunicação apresentada à Sociedade de Psicologia, 1934.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MEDINA, J.P.S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. 10a ed. Campinas, SP: Papirus. 2005, 135 p.

MERLEAU-PONTY M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MESQUITA, Otoni Moreira de. **O Plano de Embelezamento de Eduardo Ribeiro e a Refundação da Cidade de Manaus: 1892-1896**. In.: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir (Orgs.). **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. Manaus: EDUA, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo_2001.pdf>. Acesso em 11 abr. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. Pesquisa Social. 17 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **O pescador**: histórias, instrumentos técnicos e folclore-Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, Edua, 2010.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico Na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira 2002.

MOREIRA, Wagner Wey. **Corporeidade é!!!!!!! Croniqueta 27** – produzida na atual forma em 27-01-2003. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). **Croniquetas: um retrato 3X4**. Piracicaba: Unimep, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo:Cortez, 2011.

NORONHA, Evelyn Lauria. **As crianças perambulantes - trabalhadoras, trabalhadoras - perambulantes na feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância**. 2010. 365f. Tese (doutorado em Estudos da Criança) Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

OLIVEIRA, Helen De Souza. **Vida Cotidiana e Ambiente na Beira-rio de Educandos, Manaus-Am.** (Dissertação) Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Manaus: UFAM, 2007.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 30ª Reunião Anual, 2007, Caxambu. Anais Caxambu, 2007.

OLIVEIRA, José Ademir...[et al.]...**Cidade de Manaus: visões interdisciplinares**.Manaus.EDUA,2003.

OLIVEIRA, M. B. L. **Escola, trabalho e qualificação profissional**. São Paulo: Arte & Ciência,2002.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Turismo Internacional: uma perspectiva global**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PAIVA, Melquiades Pinto. **Administração Pesqueira no Brasil-Rio de Janeiro**:Interciencia,2004.ISBN 85-7193-094-5.

PEIXARIA NO MERCADO RICHARD LEN NA FRANÇA. Fonte: Disponível em: <<http://www.sincomat.com.br/component/content/article/34-artigos/78-conheca-o-mercado-de-rugis-na-franca>> Acesso em 31 jan. 2019.

PERRENOUD,Philippe. **Enseigner-agir Dana l'urgence,décider dans l'incertude**.Paris: ESF 1996.

PESAVENTO, S. J. **Uma outra cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PINHEIRO, Josilane Amaro. **A feira do peixe e as estratégias de Trabalho**. Dissertação de Mestrado - UFAM, 2018.

PINHO, L. C. "**As tramas do discurso**". In: Castelo Branco, G.; Baêta Neves, L. F.. (Org.). Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Londrina/Rio de Janeiro: Nau, 1998, v., p. 183-192.

PINTO, Moisés Augusto Tavares. **O mercado de caça e pescado na tríplice fronteira Brasil-Colômbia – Peru**./Manaus: EDUA,2017.

PINTO, Moisés Augusto; MORAES, André de Oliveira. **Espaço e Economia: Crise e Perspectivas no abastecimento em Manaus, Amazonas, Brasil**.

Revista Geográfica de América Central, Número Especial. Costa Rica: II Semestre 2011.

PLATÃO. **Fédon**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991 - (Os pensadores)

PORTO, E. T. R.; MOREIRA, W. W. Diversidade humana: a corporeidade em movimento na dança. In: TOLOCKA, R. E.; VERLENGIA, R. (Org.) *Dança e diversidade humana*. Campinas: Papirus. 2006a.

PORTO, Eline. **A corporeidade do cego: novos olhares**. Piracicaba: Editora Unimep/ Memnon, 2005.

RABELO, Flávio. **Afetos: a alegria do corpo em atrito na ação performativa**. Revista Lume - Unicamp, 2014.

RABINBACH, A. **O motor humano: energia, fadiga e as origens da modernidade**. Los Angeles: University of California Press, 1992.

RADCLIFFE-BROWN, Alfred R. 2013 [1935-1940]. “**Sobre o conceito de função em Ciências Sociais**” (pp. 161-. 168) e “Sobre a estrutura social” (pp. 169-182).

REJWISKI, M.; CARNEIRO. J.B. **Formação e Capacitação de Recursos Humanos em Turismo: Ações Inovadoras e estratégicas**. In: REJWISKI, M. e COSTA, B.K. Org. Turismo contemporaneo: desenvolvimento, estratégia e gestão. São Paulo: Atlas, 2003.

RIBEIRO, Maria Olívia de Albuquerque; FABRÉ, Nídia Noemi. Conhecimento ecológico tradicional e o manejo da pesca de bagres no sistema Amazonas-Solimões. In: XVI ENCONTRO BRASILEIRO DE ICTIOLOGIA. João Pessoa. Anais XVI ENCONTRO BRASILEIRO DE ICTIOLOGIA. 2005. p.92.

RICHARD, Jeffrey: **Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média**. Tradução Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIVAS, A. et al.. **Uma experiência de cobrança pelos serviços ambientais da pesca esportiva na bacia do rio Negro**. In: Simpósio nacional da pesca esportiva, 1, Belém, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; VEDANA, Viviane; BARROSO, Priscila Farfan. In: **Iluminuras : série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**. Porto Alegre LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS.. N. 19, 2008, p. 9.

RODRIGUES, D.S.S.; MOTA JÚNIOR, W.P. Formação histórica de São Domingos do Capim. In: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de (Org.). **Cartografias ribeirinhas: saberes e representação sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2008.

RODRIGUES, J.C. **Tabu do corpo**. 4ª edição .Rio de Janeiro. Dois Pontos, 1983.

RUFFINO, Mauro Luis. **A Gestão dos Recursos Pesqueiros na Amazônia**. Manaus: IBAMA, 2005.

RUSCHAMM, Doris. **Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente**. São Paulo: Papirus, 1999. 2001

RUSCHMANN, D. M. e SOLHA, K.T. **Turismo: uma visão empresarial**. Barueri, SP: Manole, 2004.

S.Á Marcio Gomes. **Feirantes: Quem São? Como Administram seus Negócios?** XXXIV da Anpad. ENAPAD. Rio de Janeiro, 2010.

SAMPAIO. Patrícia Maria Melo Sampaio. **Espelhos Partidos: Etnia, Legislação e Desigualdade na Colônia**. Sertões do Grão-Pará, c. 1755 - c. 1823. (TESE DE DOUTORADO) - Universidade Federal Fluminense, 2001.

SANCHES, Cleber. **Fundamentos da cultura brasileira**. Manaus. Editora Travessia. 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hake editoras, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 4ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTANA, Luiz Henrique. **A Feira da Manaus Moderna: Degradação ambiental e trabalho precário**. (Dissertação) Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. UFAM, 2006.

SANTANA, Luiz Henrique; SCHERER, Elenise. **Trabalho e ambiente no caos do cais da Manaus Moderna**. In.: SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir (Org.). *Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente*. Manaus: EDUA, 2009.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. - 2 ed.. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

SANTO AGOSTINHO, “**Confissões X**”. in: Os pensadores. São Paulo, Nova Cultural. 1987.

SANTOS FILHO, R. D. Antropogeomorfologia urbana. In: GUERRA, A. J. T. (org.) **Geomorfologia urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 280p.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: A técnica e o tempo, razão e emoção**. São Paulo: USP, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 6a ed. - Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS; SOUZA; Milton; Maria Adélia A.de.(orgs).**Território, globalização e fragmentação**. Editora Hucitec .São Paulo,1998. 4ª edição.

SÃO TOMÁS DE AQUINO “**Compêndio de Teologia**”. in: Os pensadores. São Paulo, Nova Cultural.1988.

SCHEINER, Tereza. **Representando o Museu Integral**: do conceito à prática. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciência Humana. v.7. n.1. Belém: MPEG,2012.

SCHERER, Elenise. **Mosaico Terra - Água: A vulnerabilidade social ribeirinha na Amazônia – Brasil** - 2004a. Disponível em:<<https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/EliseScherer.pdf>> Acesso em 04 out. 2018.

SCHERER, Elenise. **Desemprego, trabalho precário e des-cidadanização na Zona Franca de Manaus**. Somanlu, ano 4, n. 1, jan./jun. 2004b

SCHERER, Elenise. **Trabalho ocultado: os carregadores e transportadores de bagagens do Roadway e da estação hidroviária de Manaus**.São Paulo: Annablume, Brasília:CNPq,2012.1ª edição.

SCHERER, Elenise; OLIVEIRA, José Aldemir (Orgs.). **Amazônia: território, povos tradicionais e ambiente**. Manaus: EDUA, 2009.

SCHOR, Tatiana. **Das cidades da natureza à natureza das cidades**. In: TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro; TAVARES, Maria Goretti da Costa (orgs). Cidades Ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.

SCRUTON,Roger. **Introdução a Filosofia Moderna de Descartes a Wittgenstein**. Zahar Editores S.A., Rio de Janeiro, 1981.

SIEGRIST.Jaqueline. (2001) Association between job stress and depression among Japanese employees threatened by job loss in a comparison between two complementary job-stress models. Scandinavian Journal Work Environment Health.Finland: 27(2): 146-53, April.

SILVA, M. W. **Diversidade cultural dos povos Indígenas**. 2012. Disponível em:<[www.progresso.com.br/opiniaowilson-matos/diversidade-cultural-dos-povos indigenas](http://www.progresso.com.br/opiniaowilson-matos/diversidade-cultural-dos-povos-indigenas)>. Acesso em 31 mar. 2019.

SILVA, Patrícia Rodrigues. “**Manaus Moderna**”: conflitos e transformações na **dinâmica do espaço**. Fronteiras do Tempo: Revista de Estudos Amazônicos, v. 1, nº 2, Dezembro/ 2011.

SILVA, Patrícia Rodrigues. **DISPUTANDO ESPAÇO, CONSTRUINDO SENTIDOS: Vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM – 1967-2010.Tese de doutorado em em história social**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.2011.

SIMMEL, Georg. On ***Individuality and Social Forms***. Chicago: Chicago University Press, 1984.

SOARES, Artemis de Araújo, **O corpo na ritualística Tikuna**. Manaus, Edua, 2014.

SOARES, Artemis de Araújo. **A Ginástica Rítmica Desportiva e a dominância manual: Interferência do desempenho da mão não dominante e da equalização do uso de ambas as mãos na performance de ginastas destros**. São Paulo: USP, 1981. Dissertação de mestrado. São Paulo, Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, 1981.

SOARES, Carmem Lúcia, **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. 4ª edição. Autores Associados, Campinas, São Paulo, 2013.

SOARES, Carmen Lúcia. **Estudo a partir da ginástica francesa no Século XIX**. 4ª. edição Campinas. Autores Associados, 2013.

SOBREIRO, THAISSA. **Territórios e conflitos nas pescarias do médio Rio Negro (Barcelos, Amazonas, Brasil)**. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, 2007.

SOUSA, M. W. **A rosa púrpura de cada dia: trajetória de vida e cotidiano de receptores de telenovela**. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, 1986.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro. 2013

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus. Editora Valer, 2009.

SPRADLEY, J. ***The Ethnographic Interview***. Forth Worth: Hancourt Brace Jovanovich. College, 1979.

STELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SUASSUNA, Dulce et alii. **A relação corpo-natureza na modernidade**. Sociedade e Estado, v. 20, n. 1, Brasília, Jan./Abr. 2005, p. 23-38.

TYLOR, F. W. (1995). **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas.

TEXEIRA, Marcos Antônio Domingues. FONSECA, Dante Ribeiro da. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho, Rondoniana, 2001. 2ª ed.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

TORRES, Marcos Alberto. **Tambores, rádios e vídeoclipes: Sobre paisagens sonoras, territórios e multiterritorialidades**. Bahia. In: GeoTextos, vol. 7, n. 2, p. 69-83 dez. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo : Atlas, 1987.

TUAN,Y.F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.**(Space and place:the perspective of experience-1977. Tradução de Livia Oliveira) .São Paulo:DIFEL,1980.

TUAN,Y.F.**Topofilia:um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução de Livia Oliveira. São Paulo:DIFEL,1980.Disponível:<<http://www.artvisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/481-yi-fu-tuan--espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia>> Acesso em: 01 out. 2018.

TURNER B.(ed.), **Teoria Social.** Lisboa: 1996.Difel, 51-81Paulo:DIFEL,1980.Disponível:<<http://www.artvisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/481-yi-fu-tuan--espaco-e-lugar-a-perspectiva-da-experiencia>> Acesso em: 01 out. 2018.

VALDENEI de Melo Parente;VANDICK da Silva Batista: **A organização do desembarque e o comércio de pescado na década de 1990 em Manaus, Amazonas.** *Acta Amazonica*Print ISSN 0044-5967On-line version ISSN 1809-4392Acta Amaz. vol.35 no.3 Manaus July/Sept. 2005<http://dx.doi.org/10.15900044-59672005000300011> Acesso em 15 jan.2019.

VARGAS,H.C. **Espaço terciário : o lugar , a arquitetura e a imagem do comércio** . São Paulo : Editora SENAC, 2001.

VEDANA. Viviane. **FAZER A FEIRA E SER FEIRANTE:** a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. Revista: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v19n39/v19n39a03.pdf>> Acesso em: 01 out. 2018.

VER-O-PESO: *a market of good and beautiful things* IV Colóquio Internacional sobre o comércio e cidade: uma relação de origem.Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013 Disponível em:<http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/019-wilma.pdf> Acesso em 16 jan. 2019.

VOLPATO, Gilson Luiz. **Ciência: da filosofia à publicação – ao Paulo:** Cultura Acadêmica , 2013.

VIANNA Heraldo Marelím. **Pesquisa Em Educação: A Observação.** Brasília: Plano Editora, 2003. Link Das Imagens Que Abrem O Capítulos: Disponível Em:<<http://sosriodobrasil.blogspot.com.br/p/artistas-homenageam-os-pescadores-em.html>> Acesso em 28 Ago. 2017.

VIANNA, Klauss & CARVALHO, Marco Antonio de. **A dança.** São Paulo: Ed. Siciliana, 1990.

ANEXO A – Termo de Anuência

TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado **“PEIXEIROS DA FEIRA MANAUS MODERNA: Elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional**, sob a responsabilidade da pesquisadora SORAYA DE OLIVEIRA LIMA, orientada pela Profa.Dra. ARTEMIS ARAUJO SOARES, do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, do **INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS**, da Universidade Federal do Amazonas, o qual terá o apoio deste setor .

Manaus, _____ de _____ de 2018.

Nome _____

Cargo/função _____

ANEXO B – Roteiro de Entrevista da Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA – PPGSCA

ROTEIRO DE ENTREVISTA DA PESQUISA:

TÍTULO: PEIXEIROS DA FEIRA MANAUS MODERNA: Elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional

Orientadora: Pr^{fa} Dr^a Artemis Soares

Pesquisadora: Soraya de Oliveira Lima

I- IDENTIFICAÇÃO do (a) Pesquisado(a)

Sexo _____ mas() fem() outro()

Idade _____

Estado Civil () solteiro () casado () separado/desquitado () viúvo () outro

Escolaridade () alfabetizado () não alfabetizado () E. fundamental completo () E.

Fund. Incomp. () E. médio Compl () E. médio incompleto () Superior

Possui filhos? Se sim, Quantos? _____

qual seu endereço atual? _____

Estado/cidade de origem? _____

Se de outra cidade, há quanto tempo mora em Manaus?

Responda a pergunta abaixo apenas se respondeu a pergunta 1.8.

Qual o motivo da sua migração para Manaus?

() Em busca de trabalho

() Em busca de escolarização

() Acompanhar a família

() Visitar parentes e resolveu ficar

() Tratamento de saúde

() Outros _____

II. TRABALHO

2.1 Há quanto tempo exerce a atividade de peixeiro dos mercados da Cidade Manaus? Especificar.

Antes de ser peixeiro, já trabalhou ou exerceu outra profissão? Se sim, diga qual(is):

Se veio de outra cidade, assim que chegou em Manaus já veio trabalhar nos mercados de Manaus?

_____ O
que o fez o (a) senhor(a) optar por desenvolver a profissão de peixeiro?

_____ Já
tinha ouvido falar dela antes?

III. Sobre o funcionamento, e organização da sua atividade, responda;
Em que consiste a atividade de peixeiro?

Há algum treinamento ou técnica para o tratamento do pescado? Descrever

Quais os tipos de pescados forçam mais seus movimentos corporais no momento de trata-los. Procure especificar os movimentos e diga quais as partes dos corpo são mais forçadas- exigidas, no momento de tratar o pescado.

Quem fornece o pescado para você vender ou revender?

O (a) senhor(a) possui banca própria em alguma feira para trabalhar? Ou é alugada?

2.9 Quanto tempo o(a) senhor(a) trabalha por dia? A maioria do tempo desenvolve a atividade em pé?

IV .Sobre os clientes:
Quem são os seus clientes?

Como faz para atrair os clientes para comprar seus produtos, ou seja, os pescados? Utiliza a voz ou faz algum movimento para atraí-los?

há alguma regra no seu ambiente de trabalho, que proíba algum tipo de conduta para atrair os clientes?

O(a) senhor(a) desenvolve as atividades de tratar e vender o pescado (a) ou tem ajudantes ?Especifique:

O senhor(a) carrega os pescados?

Onde e como os pescados ficam armazenados?

O senhor(a) tem permissão para carregar os pescados para seus clientes? Se sim, qual é o limite de distância?

Quais as regras para desenvolver a atividade de peixeiro no mercado da cidade que o senhor(a) trabalhar ?Especifique

O(a)Sr.(a) paga alguma taxa/tarifa ou tem algum custo para se estabelecer no mercado em que trabalha?

O senhor(a) desenvolve algum outro tipo de trabalho? Especifique;

V-Sobre o Trabalho que desenvolve:

O Sr. prefere trabalhar por conta própria ou se sentiu obrigado? Por quê?

Ou sempre trabalhou para terceiros? Especifique

Quais são as vantagens de se trabalhar nessa atividade?

Quais são as dificuldades que o(a) senhor(a) enfrenta nessa atividade?

O que significa essa atividade para o (a)Sr(a).?

Quais são seus sonhos e expectativas para o futuro em relação ao trabalho?

O(a) Sr(a). gosta de trabalhar como peixeiro?

O(a) Sr(a). pretende deixar essa atividade por outra? Qual?

O(a) Sr(a). é filiado(a) a algum sindicato ou associação? Tem conhecimento se existe?

O(a) Sr(a). contribui com a Previdência Social?

Tem algum parente exercendo essa atividade?

Onde o Sr. se alimenta e faz suas necessidades fisiológicas? O ambiente do mercado onde trabalha oferece as mínimas condições?

Fale um pouco do seu dia-a-dia nessa atividade:

O (a)Sr(a). paga alguma taxa/tarifa ou tem algum custo?

Obrigada pela sua participação!

ANEXO C – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS DE GRADUAÇÃO EM
SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA-
UFAM

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **“PEIXEIROS DA FEIRA MANAUS MODERNA: Elementos da corporeidade evidenciados na prática profissional”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Soraya de Oliveira Lima, a qual pretende pesquisar os principais aspectos que constituem a dinâmica da construção da corporeidade dos peixeiros da Feira Manaus Moderna- nome oficial - Mercado Coronel Jorge Teixeira, representados nos seus movimentos corporais. Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas utilizando um questionário com perguntas abertas e fechadas, além da pesquisa de campo com observações e registros escritos e fotográficos(e de imagens – fotos por meio digital) e o registro no caderno decampo.

Esclarecemos que a participação do (a) senhor (a) –caso concorde - consiste em responder tanto na forma escrita quanto na forma oral apenas ao que for perguntado, exclusivamente relacionado à pesquisa, portanto, não envolverá sua vida pessoal, social dentre outras questões, cujas perguntas e todo o roteiro serão apenas referentes ao que será pesquisado, de forma clara e explicada passo a passo antes do(a) senhor(a) responder .Sua participação é voluntária, omitindo seu nome, de sua família, de seu trabalho ou qualquer forma que exponha o(a) senhor(a). Eu pesquisadora estou disponível para evitar que ao participar da pesquisa, não expor sua imagem sem seu consentimento, a exposição de informações pessoais, de ser abordado de surpresa sem saber do que trata, para que e o(a) senhor(a) não sinta-se constrangido . No entanto, se caso ocorram alguma situação coloco-me no lugar do (a) senhor(a) , (enquanto sujeito participante) para detectar possíveis riscos.

Se o(a) senhor(a) aceitar participar, estará contribuindo para uma pesquisa de relevância social, cultural e educacional, pois sua participação possibilitará levar ao conhecimento da sociedade do Amazonas e do Brasil temas que tratam do trabalho dos peixeiros da feira Manaus Moderna para demonstrar que seu trabalho contribui para a economia e a cultura da nossa região. Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: ____/____/____

Assinatura do participante



Impressão do dedo
polegar

Assinatura da Pesquisadora Responsável